

PARO

15 years



CLÁUDIA
PASCOAL

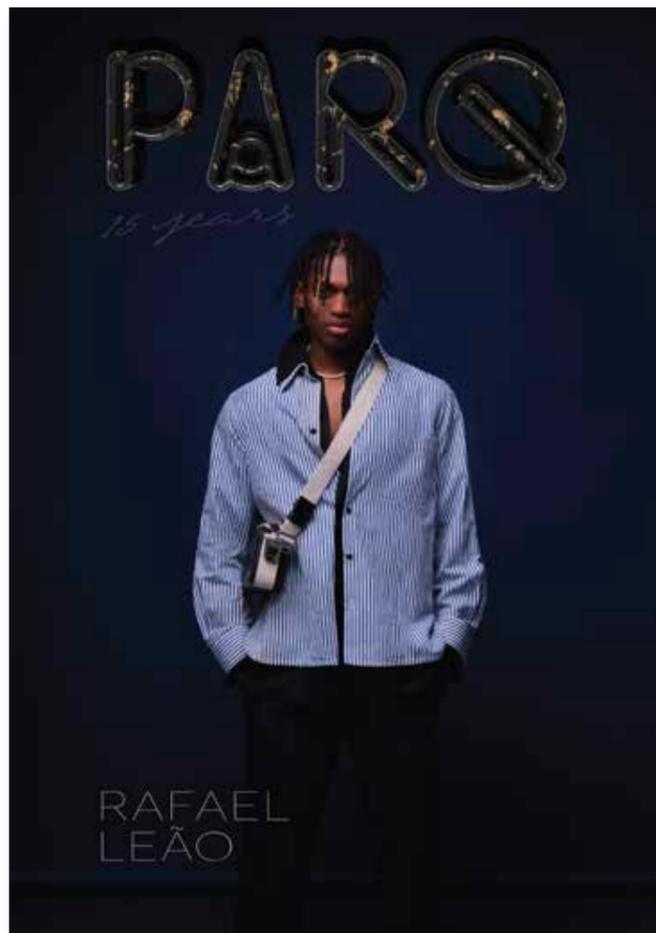


foto **MÁRIA RITA**
 fashion **TIAGO FERREIRA**
 vip **RAFAEL LEÃO**
 camisa e calças **BOTTEGA VENETA**,
 colar **MATEO**

www.parqmag.com

facebook /parqmag
 instagram /parqmag
 youtube /parqmag

TEXTOS Adriana Veríssimo Silva, Alex Couto, António M. Barradas, Carla Carbone, Francisco Spratley, Francisco Vaz Fernandes, Hugo Pinto, Lara Mather, Manuela Marques, Maria São Miguel, Marta Vieira, Patrícia César Vicente, Rafael Vieira, Roger Winstanley, Sara Madeira, Tátá Seixo Garrucho • **FOTOS** Eduardo Gonçalves, Elisabeth Teixeira, Francisco Spratley, Frederico Santos, Isabel Leite, Luís Carmo, Maria Rita, Nuno Pinheiro, Raquel Esperança, Yago Barbosa • **ILUSTRAÇÃO** Manuel Branco • **STYLING** Adriana Veríssimo Silva, Alessandra Rizzi, Andreia Oliveira, Carmen Alves, Sara Soares, Tiago Ferreira

PERIODICIDADE Bimestral • **DEPÓSITO LEGAL** 272758/08 • **REGISTO ERC** 125392 **EDIÇÃO** Conforto Moderno Uni, Lda. • **NIF** 508 399 289 • **PROPRIEDADE** Francisco Vaz Fernandes • Rua Quirino da Fonseca, 25 - Zoesq. / 1000-251 Lisboa, Portugal **TELEFONE** 00351 218 473 379 • **IMPRESSÃO** Suspensa. Disponível edição on-line. **DISTRIBUIÇÃO** Conforto Moderno Uni, Lda.

DIRECTOR Francisco Vaz Fernandes francisco@parqmag.com • **EDITOR** Conforto Moderno • **EDITOR DE MODA** Tiago Ferreira tiagoferreiraadn@gmail.com @iamtiagoferreira • **DESIGN** Valdemar Lamego valdemar.lamego@gmail.com → a reprodução de todo o material é expressamente proibida sem a permissão da Parq. Todos os direitos reservados. Copyright © 2008 – 2023 PARQ.

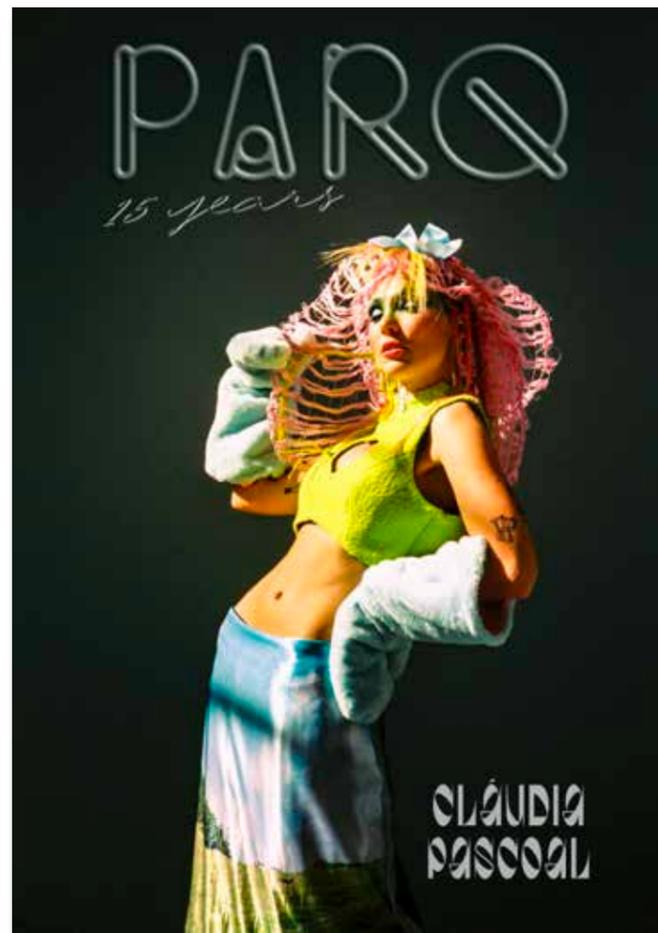
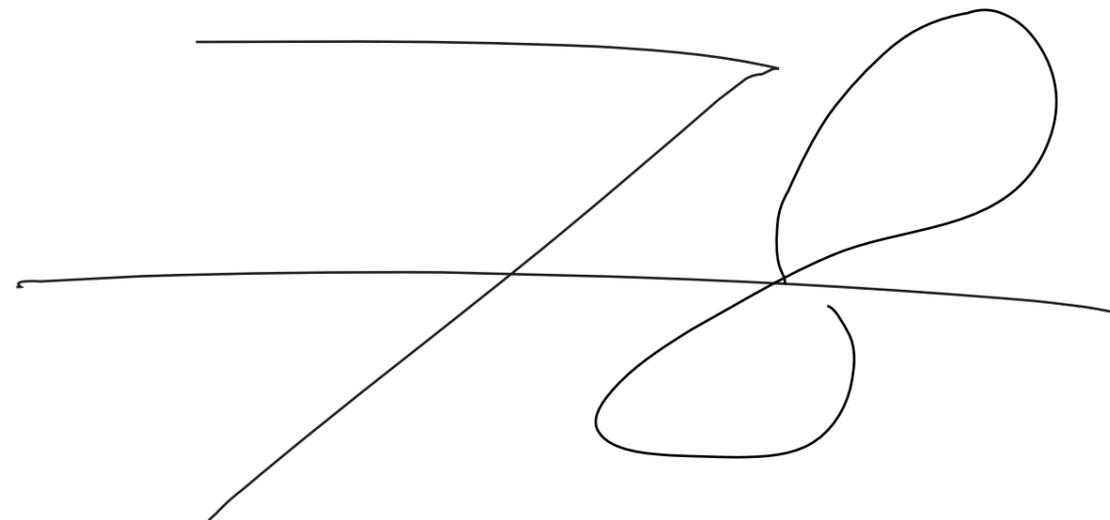


foto **EDUARDO GONÇALVES**
 fashion **SARA SOARES**
 vip **CLÁUDIA PASCOAL**
 top da **HOUSE OF WILDFLOWERS**, saia
MADALENA VELOSO, luvas **ÇAL PFUNGST**,
 chapéu **CONSTANÇA ENTRUDO**, brincos
 e choker **BEATRIZ JARDINHA**

**YOU MUST**

06 **PARQ 15 ANOS**
 14 **THE BANSHEES OF INISHERIN**
 16 **BRONSON**
 17 **THE BEACHES OF AGNÈS**
 18 **MAG RODRIGUES**
 26 **VIAGEM COM HIROSHI NAITO**
 36 **NICOLAE NEGURĂ**
 44 **ARYN STUDIO**
 54 **SHINE FOR ME**
 60 **JÚLIO DOLBETH**
 68 **BELEZA**
 70 **PRODUTO**

SOUNDSTATION

76 **STEREOSSAURO**
 78 **ARVI+**
 82 **VALLECHI**

CENTRAL PARQ

88 **RAFAEL LEÃO**
 102 **RUI PALMA**
 110 **CLÁUDIA PASCOAL**
 118 **DANIEL SAMBO-RICHTER**
 124 **NUAGES BY SAM BARON**

FASHION EDITORIAL

136 **LÁGRIMAS DO MEU RIO**
 150 **WINDFALL STONE**
 174 **A BEAUTIFUL BOY IN TOWN**
 190 **MARGENS PLÁCIDAS**

PARQ HERE

208 **UNI**
 210 **AMARU**
 212 **LOTA DA ESQUINA**
 214 **CRÓNICA PATRÍCIA CÉSAR VICENTE**

Appearances
YOU MUST
Appearances

ENTREVISTA A FRANCISCO VAZ FERNANDES

FRANCISCO, finalmente a nossa entrevista! Estava a ver que não... porque é que demoraste tanto tempo a aceitar que te fizesse a entrevista?

Estou mais habituado a fazer entrevistas e colocar-me do outro lado não é um processo tão automático. É uma questão de respeito pelos papéis e não me vejo como entrevistado, nem sequer estou preparado. Aviso já que não tenho muito a acrescentar para além daquilo que estou a fazer há 15 anos e que é à partida uma longa narrativa, uma forma de expor a minha forma de ver o mundo. Não gosto muito de me expor, mas tenho consciência que fazendo Parq estava em exposição, eventualmente escondido atrás de muitos outros “eus” que são todos os colaboradores que se foram juntando ao projeto. Alguns deles, desde a primeira edição por isso a Parq enquanto projeto é tanto deles como minha.

Quinze anos é uma enormidade de tempo. O que é que te deu na altura para criares a PARQ?

A PARQ, é um projeto individual que surgiu no seguimento de um processo doloroso, quando decidi abandonar a da DIF, uma revista que tinha fundado com dois sócios 5 anos antes. Tal como a PARQ, a DIF era uma revista de cultura urbana gratuita que apareceu na vida muito por acaso. Quis o destino que estivesse numa relação com um dos sócios e que me tivesse intrometido o suficiente para me convidarem a juntar e a dirigir o projeto. Não tinha qualquer preparação, apenas tinha como background uma curta passagem pela revista PURPLE, hoje uma revista de moda de referência, mas que na altura era um projeto pequeno que se realizava no apartamento da EILEIN FLEISS em Paris. O OLIVIER ZAHM, atual diretor já era na altura um dos mentores da PURPLE e no essencial fazia uma revista de arte contemporânea com algum enfoco na moda. Havia relações entre arte e moda, especialmente em projetos desenvolvidos por VIKTOR AND ROLF a dar os primeiros passos na altura ou MARGIELA que tinham uma presença forte na revista. Por uma curiosidade nata, nestes 20 anos de intromissão procurei no essencial proporcionar fusão entre todas as áreas criativas em geral, procurando o novo, aquilo que representa as grandes transformações sociais que acontecem na rua. A área da moda foi tendo mas peso na PARQ, por questões de apoio financeiro.

Toda a gente que cruza uma Moda Lisboa, toda gente que se move em meios artísticos por assim dizer. Sejam artistas, plásticos ou modelos sabem, conhecem, ouviram falar da PARQ! Como é que se consegue isto?

Surpreende-me encontrar muita gente que nunca ouviu falar da PARQ. Apesar dos 15 anos, continua a ser um projeto de nicho. Temos um leitor que se identifica com o projecto, sente-se identificado e é fiel. Quando a revista era de distribuição gratuita essa relação com esse grupo era mais evidente. As revistas estavam sempre nos mesmos lugares e havia assim uma fusão

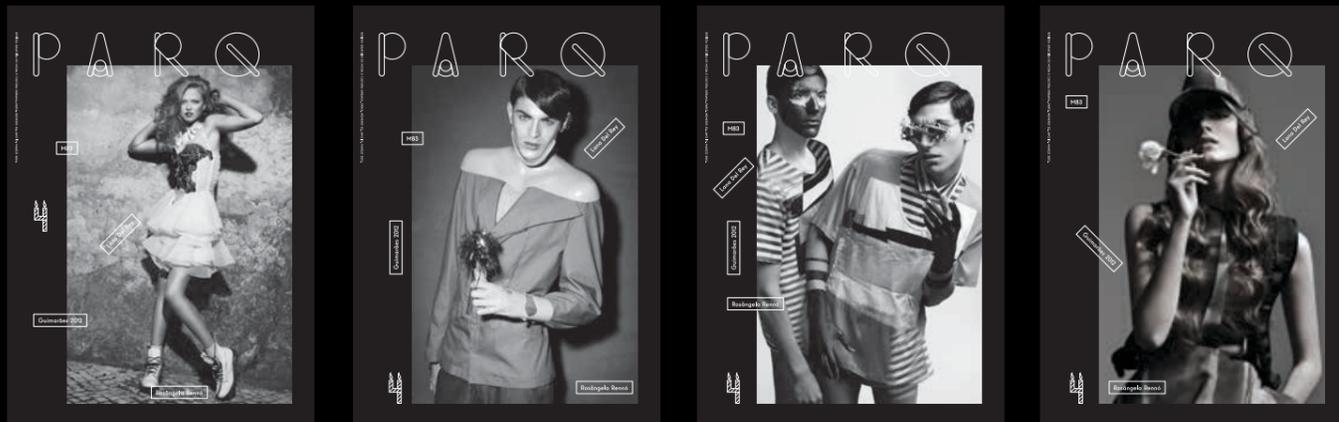
entre o que se entendia ser o lugar do público e a revista. Agora estamos no on-line temos a vantagem de chegar a um público mais vasto, daí que tenha avançado para conteúdos mais generalistas, uma moda e cultura visual mais abrangente, sem deixar de dar voz aos conteúdos minoritários e fraturantes da sociedade que sempre moldaram a PARQ. A revista já começa a tocar várias gerações, filhos que descobrem a revista a partir dos pais. Tenho pessoas que me abordam dizendo que os pais já eram leitores, então há algo de pertença profundo nessa aproximação. Apesar do nosso target ser dos 18 aos 35 anos a revista foi sempre mais sobre um estilo de vida onde os limites etários não são relevantes. Daí que várias gerações acabem por se cruzar no mesmo projeto.

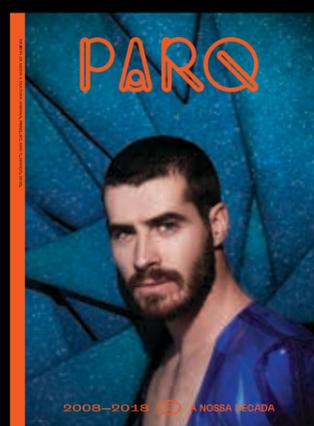
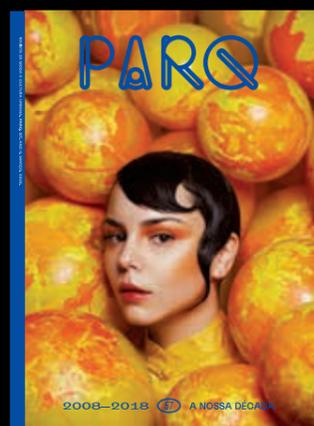
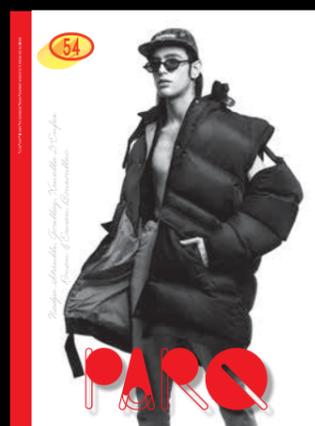
Nunca quiseste voar mais alto? Meteres uma PARQ nas bancas, pedir 3 ou 5 euros por uma edição trimestral, sei lá...

Estamos precisamente numa fase de repensar o projeto e a ideia de voltar ao papel é obviamente um grande desejo. Contudo passar da edição gratuita para a venda em banca não é um processo tão automático, há muitas questões a ser ponderadas que sinceramente não domino. Depois do Covid houve alterações que levaram a PARQ para consulta online. Não foi um processo fácil e por isso o plano é investir mais no nosso site e nas redes sociais. Se houver uma resposta que nos entusiasme, como esperamos, então podemos pensar numa revista impressa bianual.

O teu percurso profissional... se calhar até devíamos ter começado por aqui...

Formei-me em História mas ainda estava na licenciatura e já pretendia ter uma carreira na área da crítica da arte. Sempre gostei de história mas entusiasmava-me a velocidade e as contradições dos idealismos do séc. XX que ainda hoje nos formam. As artes estavam no centro dessas narrativas e como a maior parte dos meus amigos eram do campo das artes acaba por viver de forma muito aproximada as discussões que se travavam entre ele que eram um reflexo do panorama nacional. Não havendo em Portugal cursos, nem de crítica de arte, nem de curadoria, fui dando os meus primeiros passos informado pelos discursos críticos dominantes que chegavam através de revistas especializadas que depois eram adaptados a minha sensibilidade e pensamento crítico. Nesse percurso, foi decisivo ter sido admitido numa escola de curadoria num centro de arte francês, LE MAGAZIN, em Grenoble. Éramos admitidos cinco por ano e em parte éramos assistentes dos artistas e curadores envolvidos nas atividades do centro de arte. De seguida passei para assistente da curadora na área do vídeo no CENTRE POMPIDOU em Paris. Nos anos 90 era uma área nova que ganhava preponderância. A partir daí tive várias oportunidades, de me envolver em vários projetos curatoriais em Paris e um em Nova Iorque. Ao regressar, durante três ou quatro anos estive





envolvido em vários projetos independentes, um deles criado para o Centro de Arte Moderna da Gulbenkian. Isso tudo enquanto era professor. Até chegar ao meio editorial tudo parecia, e foi, muito encaminhado para seguir uma carreira dentro da arte contemporânea. A pressão dos fechos de edição acabaram por ditar conflitos e a impossibilidade de prosseguir nas duas áreas. Basicamente passei a escrever mais sobre arte contemporânea a partir da Parq e prescindi do projeto curatorial que estava em curso.

Nos anos 90 e 2000, no início disto tudo, quais foram as memórias principais que guardas?

Nos anos 90 estava a começar a minha carreira profissional. Era basicamente um professor de história que procurava no seu tempo disponível estar envolvido com a nova cena de arte contemporânea nacional que tinha nascido um pouco antes, com o evento da revolução de Abril. Eu não sou dessa 1ª geração que teve de repente de dar um salto gigante, de acompanhar tudo o que estava a acontecer lá fora. Quando cheguei já estava num Portugal novo, vivia-se de facto uma certa efervescência de ideias, só que tudo tendia a ser pequeno evidentemente à nossa escala. A nossa pequenez fazia com que tudo fosse centrado e não disperso e desregulado como seria recomendável. Ou seja, almejava-se um certo cosmopolitismo, mas interiormente éramos formados, sem nos darmos conta, por essa pequenez que era contrária à essência do cosmopolitismo. Era assim, nunca fui de criticar, mas de me adaptar. Hoje sinto que tudo tem uma escala maior, há percursos alternativos divergentes e que as vezes nem se tocam e acho isso muito mais saudável em termos criativos. Mas claro no início dos anos 90 também ainda não tínhamos telemóvel e de facto os lugares que frequentávamos de dia ou de noite eram cruciais para nos reencontrarmos, para consolidar cumplicidades, criar projetos. Era tudo muito mais físico e empático. Nesse aspeto eu adoro e tenho recordações bastante felizes da minha juventude.

Diz-me 3 capas que te marcaram

Não é fácil de falar das capas que eu mais gostei, porque por detrás de cada capa está um conjunto de profissionais, que apoiam tanto a PARQ como eu. E não houve melhores e piores equipas. Na PARQ houve sempre um lado experimental e houve capas que correram melhores que outras. Posso dizer que sendo uma revista gratuita inicialmente nunca nos preocupávamos muito com as capas. O título e a regularidade com que era distribuída em sítios específicos, 7 vezes por ano, bastavam para os nossos leitores de Lisboa, Coimbra e Porto reconhecessem a revista e a colecionassem. Inicialmente era uma imagem de um editorial de moda que ia para a capa. Depois fomos considerando figuras públicas só que é um terreno complicado e nem sempre conseguimos figuras que comuniquem bem com o público da PARQ e francamente é um terreno onde não vamos insistir.

A PARQ marca o início de algumas grandes carreiras em diversas áreas. De alguma forma esta casa foi o trampolim para muita gente. Fotógrafos, stylists, modelos. É algo que te orgulha? Diz-nos pessoas que já tenham passado por aqui, que agora voam mais alto, por assim dizer!

A revista foi sempre vista pelos jovens profissionais como a primeira porta onde podiam bater. Sempre fomos muito recetivos a novas propostas, porque sendo uma revista dirigida para jovens era bom que a sensibilidade desses jovens estivesse presente. Era uma questão de apostar na potencialidade de alguém que já se via que tinha valor e que trazia frescura e um novo olhar. A PARQ nunca foi um catálogo dos melhores, mas daqueles que num certo momento ousaram bater à porta porque sabiam que já estavam no nível de se chegarem à frente. Por isso, ao nível da moda, acolhemos grande parte dos profissionais que temos no panorama nacional e mesmo internacional. Pode parecer exagero, mas muito antes de terem dito à geração melhor preparada que teriam que imigrar já nos tínhamos visto que os nossos melhores colaboradores não tinham outra opção que partir, especialmente para Londres. Eram excelentes, mas depois de criar um corpo de trabalho interessante publicado na PARQ, não havia no panorama nacional a estrutura que amparasse aquele salto necessário para mergulharem no mercado profissional e assegurar que tinham as condições necessárias para terem uma vida estável. Ir para fora foi quase um destino para muita gente que quis manter-se na área da moda. Claro que nem todos saíram como é evidente.

Se fizesse uma lista de pessoas que foram importantes para a PARQ em termos de imagem, inicialmente teria que referir o ALEXANDER KOCH e o MARTIN KULLIK, uma dupla alemã incrível, que procuraram dar mais sofisticação ao Streetwear. Juntaram-se depois RICARDO QUARESMA VIEIRA, a INÊS CAETANO que davam os primeiros passos tendo passado rapidamente para títulos mais institucionais, com a VOGUE. Houve depois um segundo folgo protagonizado pela NIAN CANARD, a MAFALDA TRAVASSOS, a ANA CANADAS, o FREDERICO SANTOS, SÉRGIO SANTOS, PEDRO PACHECO e o TIAGO FERREIRA, todos também a dar os primeiros passos e que marcam um ponto de grande consolidação e prestígio da PARQ. Tem sido por vagas e claro também não me poderia esquecer do ANDY DYO ou do RÚBEN OSÓRIO que juntos tinham uma abordagem mais artística da moda e que também marcaram a imagem da PARQ.

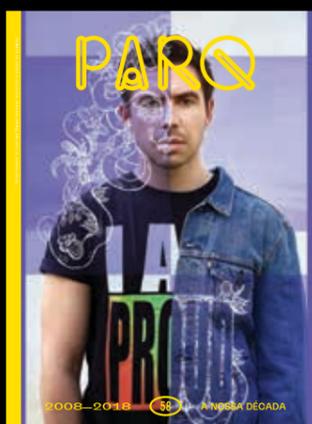
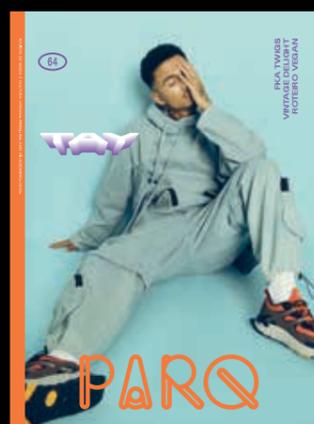
Atualmente tenho que referir a MARIÁ RITA, antes e depois de Londres, a SARA SOARES, a SARA DE JESUS BENTO, a DIANA NETO, a RAQUEL GUERREIRO, o FRANCISCO HARTLEY apenas alguns com quem trabalhamos recentemente se bem falem muitos outros



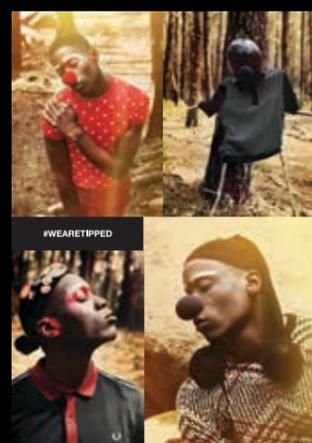
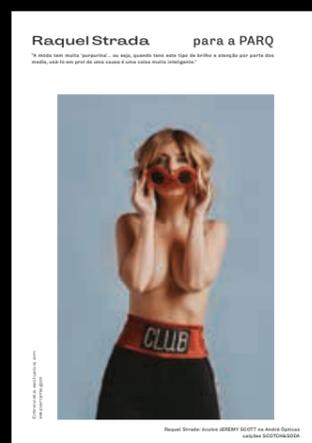
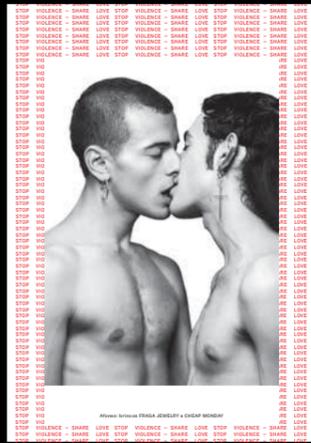
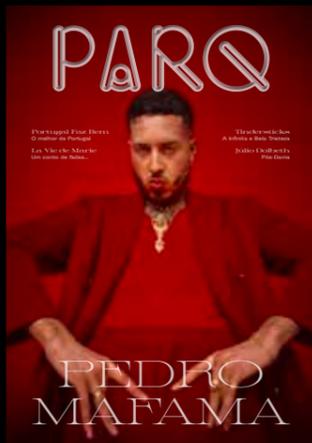
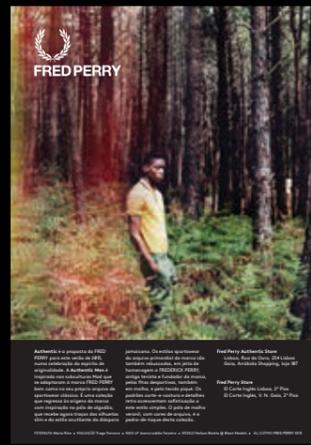
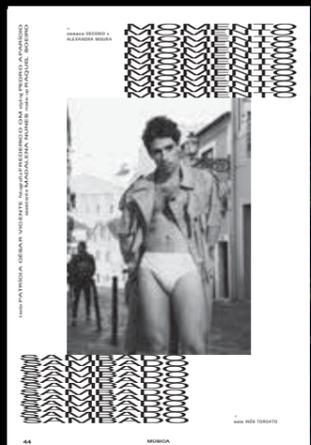
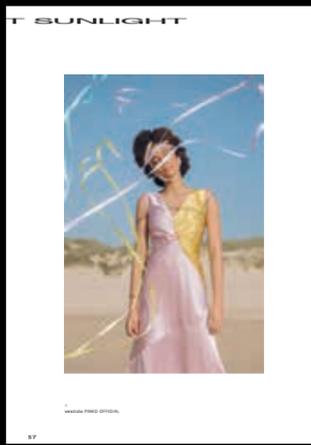
nomes mencionar. Certamente serei desculpado por não os mencionar. O meu agradecimento é para todos os que participam na revista. Tenho outros cúmplices que não posso esquecer, especialmente a CARLA CARBONE que escreve sobre design e arte desde o número 1, o RAFAEL VIEIRO e o FRANCISCO SPRATLEY pela qualidade dos conteúdos que vão oferecendo a revista. Claro que não me podia esquecer de ti, PATRÍCIA, a que está pronta para tudo, seja, escrever um artigo ou fazer uma produção de moda, apesar dos teus múltiplos compromissos. Só te falta fotografar e tínhamos uma women show completa.

Muitas pessoas tentam criar revistas à semelhança de uma PARQ, mas infelizmente não se aguentam muito tempo no mercado. Há algum conselho que queiras dar para quem entrou ou quer entrar neste meio?

É um cliché, mas não deixa de ser verdade que é preciso paixão e sentido de sacrifício, para prosseguir em algo que pode ser ilusório e não tão compensador em todos os sentidos. No meu caso, alguma ingenuidade também ajudou. Costumo dizer que quando comecei a DIF não tinha ideia de mercado. Quem estava ao meu lado, para além da vontade de ter uma revista gratuita tendo como modelo a *É MAGAZINE*, com mexericos das celebridades de hollywood, pouco ponderou sobre etapas e objetivos de o conseguir. Nesse vazio, acabei por nem precisar permissão de fazer uma revista que era desenhada para mim. Ou seja para todos aqueles que partilhassem minimamente o meu universo que imaginava que não fosse tão singular como isso. Bebia das mesmas fontes, de uma street culture que nascia com uma identidade própria e alimentava muitas revistas gratuitas no mundo inteiro. Conhecia obviamente a *ID MAGAZINE* que era a grande referência na altura e revistas gratuitas que nasciam em abundância nas principais capitais. Evidentemente a parte do negócio que conseguiu manter o título não foi muito pensado, mas o imaginário de ser uma revista gratuita por si quase explicava tudo nessa altura. O mercado mudou muito e é complicado editar uma revista porque toda a atenção está nas redes sociais.



entrevista ———> PATRÍCIA CÉSAR VICENTE



THE BANSHEES OF INISHERIN

A ETERNA LEVEZA DE NÃO SABER

100 anos não são o suficiente para não criar laços de ligação a um presente que nos foi dado por MARTIN MCDONAGH. Há exactamente um século, numa ilha ficcional chamada Inisherin, perdida no Oeste da Irlanda, vivia-se um quotidiano que tinha tanto de pasmamento, característico e banal, como de relacionável. Uma ode à amizade ou uma catarse sobre o tempo e os seus contornos que não nos dão espaço a desperdício. Ou a ficar parados onde não queremos. Nem mesmo quando somos circundados pelos mesmos círculos há anos, décadas ou meios-séculos.

A história foca-se nessa pequena ilha e nas suas rotinas, que vão sendo desconstruídas com a acção do filme. Pádraic Súilleabháin, Siobhan Súilleabháin, Colm Doherty e Dominic Kearney, são as únicas personagens de relevo e são o bastante para nos conseguirmos rever ali, naquela 1h49 de puro detalhe e atenção ao outro. Ou a nós. Esse “nós”, é revisto em Colm ou em Pádraic. Uma comédia sem gargalhadas, onde se substituem dentes por lágrimas ao mesmo ritmo que as carroças vão passando e a guerra civil acontece ao fundo. E outra ali mesmo, no interior de cada uma daquelas cabeças.

Não discorrendo a história de fio a pavio, pois a interpretação fica para cada um, há um tema que me tocou mais do que previa: o tempo. A amizade. O tempo e a amizade. A amizade que nos faz perder tempo. Ou o tempo que nos faz avaliar cada amizade. O certo é que Colm, o violinista mais conhecido de Inisherin, chega a uma estação da vida onde o próximo comboio parece igual ao anterior. Também ao outro antes e ao que virá depois. Questiona-se como serão os que não vai apanhar. Não os reais, mas os do seu quotidiano repetitivo e que se aproxima do fim. Seja ele quando for. Coloca a vida numa balança e tudo o que tem neste momento, pesa tanto e é tão aprisionante, não o deixando assim ver o seu futuro, preso ali pelo seu peso pluma nesta equação de carne osso.

Nesta catarse demorada sobre os meses que lhe restam, decide começar a cortar as gorduras (antes de outros membros) dessa existência a cheirar-lhe a fim. Pádraic, seu fiel amigo dos últimos anos, é uma dessas gorduras. Colm pensa no tic-tac interno e nas consequências desse relógio imparável a fazer das suas nas cabeças solitárias. Decide então deixar de ser amigo do seu simples companheiro. Chamo-lhe simples, mas o violinista chama-lhe: dumb. “I just don’t like you no more”. Dito assim. Sem aviso, sem placa sinalizadora do fim, sem um sinal de horário. Eram carne da unha gasta de cada um e agora não são nada. É a alta velocidade que se desarma alguém. Como se reage ao inevitável? Como se altera o que se sente?

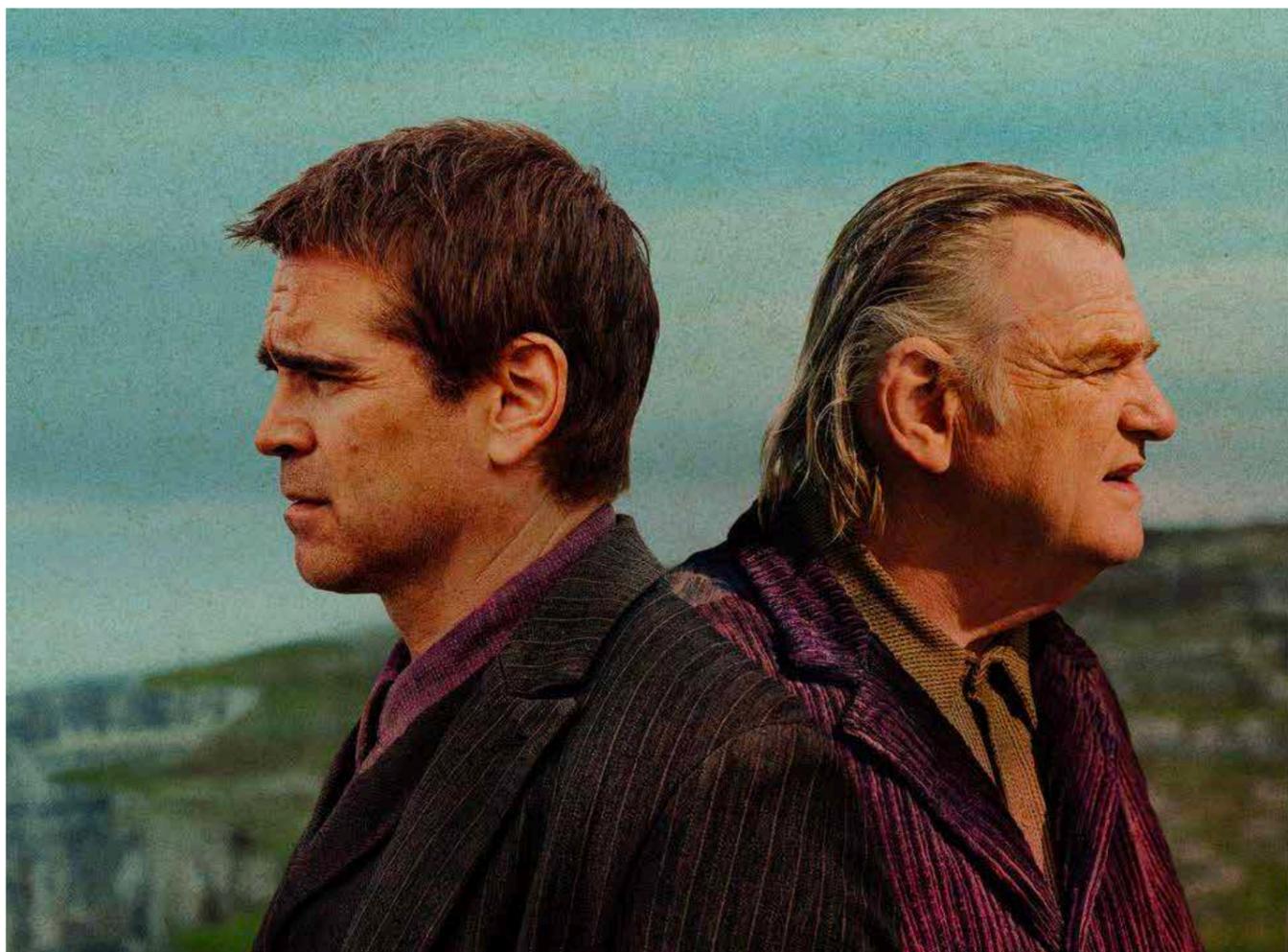
Colm afirma, nas raras alturas onde faz uso da voz, que não tem tempo para mais coisas pouco interessantes na sua vida, agora que os dias lhe fogem com mais rapidez do que as carroças

que conduz. Precisa de desafios. Escolhe um objectivo, traça um caminho e define como o fará. Vai-se dedicar a compor músicas para violino. Sozinho, mas repleto da sua companhia. Sem as distrações que o fizeram chegar onde está, mas que não o levarão a sair dali. Para se poder fluir, é preciso perder peso. Para ele, era o melhor amigo, essa pedra no bolso.

Do lado do nosso “simples” personagem Pádraic, vemos pureza. Leveza. Kundera alertava para uma “eterna leveza do ser” e o seu alcance foi testado. Um vazio não intencional a remetê-lo para os singelos e esquecíveis contornos do círculo do dia-a-dia. Manhã na horta, tarde no pub, noite em casa. Repetido. Vezes com conta, sendo o número certo os dias passados em Inisherin. Esta leveza de não saber não o afecta. Vive com simplicidade, porque desconhece. Não questiona, porque não sabe. Aproveita, por não ter vivido outra realidade. Há um intrínseco fascínio pela ignorância, que sempre me intrigou. Quanto mais sabemos, menos de orelha a orelha se torna o nosso sorriso torto quando nos deparamos com o mundanismo. Temos necessidade de saber mais e viver menos. E a que preço? Com que vontade? Com que intuito?

A realidade só nos embate quando nos tocam onde aleija. Pádraic só o sentiu quando lhe morreu a burra. A fiel amiga sempre lhe deu tudo e nunca exigiu nada. Deu-lhe a simplicidade, algo retribuído por ele a outros. Uma analogia sobre a forma mais bonita de amar, onde damos partes de nós e onde exigimos serenidade, sem julgamentos feitos de caneta em punho para apontar erros do passado.

Nos dias que nos restam —esperemos pelo próximo fim do mundo anunciado pelo calendário Maya ou de um calendário de Natal com chocolates para enganar Nostradamus— teremos sempre duas vias nesta íngreme e arenosa estrada: cortar a desinteresse e a mundanidade ou viver num ensurdecido silêncio de desconhecimento e aproveitar as vírgulas dos dias. Seja como for, o fim dói sempre. Refugiemo-nos nessa eterna leveza de não saber.



Estado britânico chega a considerar que ele causa grandes danos financeiros com atos de destruição e vandalismo dentro da prisão. No pouco tempo que esteve libertado começa uma “carreira” de lutador de rua em que cria um alter ego com o nome de Charles Bronson em homenagem ao famoso ator dos anos 70. Rouba uma loja de joalheria e volta a ser preso no ano seguinte.

Em certos momentos do filme, HARDY aparece em personagem para falar e explicar os acontecimentos da sua vida de uma forma muito dramática, a um público num teatro mal iluminado em que percebemos que Bronson não está bem psicologicamente e é como se estivéssemos dentro do teatro da sua mente.

Charles Bronson foi estendendo a sua estadia na prisão ao longo dos anos por continuamente não cooperar, agredindo guardas prisionais e muitas vezes obtendo reféns. No início do filme vemos que torna o bibliotecário do estabelecimento prisional refém e mais para o fim, o seu professor de arte.

TOM HARDY falou com Bronson ao telefone para se preparar para o papel tendo sido elogiado pelo próprio pela verossimilhança na sua atuação. É talvez dos papéis menos conhecidos do ator mas merece reconhecimento pela sua entrega e dedicação. HARDY recebeu o prémio de melhor ator nos British Independent Awards em 2009 e o filme recebeu o prémio de melhor filme no Sydney Film Festival no mesmo ano.

O filme foi filmado em película notando-se a estética granular da imagem, uma escolha acertada do diretor de fotografia LARRY SMITH e foi montado por MATTHEW NEWMAN que voltou a trabalhar com Nicolas nos filmes *The Neon Demon*, *Drive*, *Only God Forgives* e *Valhalla Rising* da autoria do realizador.

A impressão com que ficamos de Bronson é que este de facto quer passar o resto dos seus dias na prisão. Várias vezes ao longo do filme perguntamo-lhe o que ele quer e quando lhe é sugerida a liberdade reage violentamente. A prisão é o único sítio em que ele se sente importante e reconhecido apesar da solidão.

Charles Bronson continua preso até hoje tendo sido condenado à prisão perpétua em 1999 apesar de nunca ter morto ninguém. Casou-se e divorciou-se algumas vezes dentro da prisão, já escreveu alguns livros e dedica-se muito à pintura. Em 2014 mudou legalmente o seu nome para Charles Salvador em homenagem a Salvador Dalí, o seu pintor favorito.

Bronson é um filme violento que contém cenas gráficas e cenas de nudez frontal, não sendo por isso aconselhável a audiências mais novas.

texto —————> LARA MATHER

YOU MUST SEE



Realizado por NICOLAS WINDING REFN, o filme independente *Bronson* estreou no BFI London Film Festival no dia 17 de Outubro de 2008.

Baseado numa história verídica TOM HARDY interpreta o papel de Charles Bronson, o prisioneiro mais violento do Reino Unido.

Começando com um monólogo com falas diretamente para a câmara, conhecemos Michael Peterson que desde pequeno se envolvia em lutas na escola. Michael, casado e pai de um filho, decide em 1974 assaltar um posto de correios, sai apenas com uns trocos, no entanto, é condenado a sete anos de prisão. Ao fim de quatro anos, devido a mau comportamento, é condenado a confinamento solitário. É transferido várias vezes de prisões e hospitais psiquiátricos e em 1987 é declarado são e libertado, não porque cumpriu a sua pena mas porque o



THE BEACHES OF AGNÈS

Recordando a veterana realizadora francesa AGNÈS VARDAS que faleceu em Março de 2019, *The Beaches of Agnès* um dos seus filmes autobiográficos estreou no Festival de Cinema de Veneza no dia 3 de Setembro de 2008.

O filme documental conta com AGNÈS a narrar a sua vida num tom de nostalgia e por vezes teatral com a recriação de certas cenas em que por vezes aparece no meio dos atores em segundo ou primeiro plano, falando diretamente para a câmara. Fala da sua família, da sua vivência durante a segunda guerra mundial quando se mudou para França, de tudo o que a levou a fazer filmes, do seu percurso, das suas amizades e relações que construiu ao longo dos anos graças aos seus filmes e do seu casamento com o cineasta JACQUES DEMY.

As praias são o elo de ligação entre as suas histórias, é nas praias que tem várias recordações e não só nas praias mas nos rios e canais de França.

Recebeu o prémio na categoria de melhor documental nos Women Film Critics Circle Awards, nos César Awards e nos Los Angeles Film Critics Association Awards tendo recebido inúmeras nomeações em vários festivais à volta do mundo.

AGNÈS sempre quebrou as regras com a sua forma imaginativa de fazer filmes. Ela conta que aos 25 anos tinha apenas visto 10 filmes. A sua forma de contar histórias é única e a forma como este filme foi montado e filmado mostra isso mesmo, nos cortes de cena para cena, na sensação do movimento de câmara, na forma como ela olha para nós e nos conta a sua história de vida, nas conversas que tem com pessoas que apareceram nos seus filmes e anos. Algumas delas reencontram-se com AGNÈS, nas fotos e vídeos antigos onde a realizadora aparece com os filhos e o marido. Há a recriação de cenas cómicas e dramáticas misturando vários elementos para criar a cena perfeita para o filme. É uma clara celebração do seu impacto no Cinema e da sua vida como mulher.

Membro da Nouvelle Vague no meio de um mar de homens os seus filmes destacam-se. Deixando uma carreira de cerca de 68 anos, *Vardas by Agnès* foi o seu último filme a ser lançado ao público em 2019 que encapsula toda a sua obra cinematográfica, incluindo *The Beaches of Agnès*, e que merece ser vista na sua totalidade.

texto —————> LARA MATHER

YOU MUST SEE

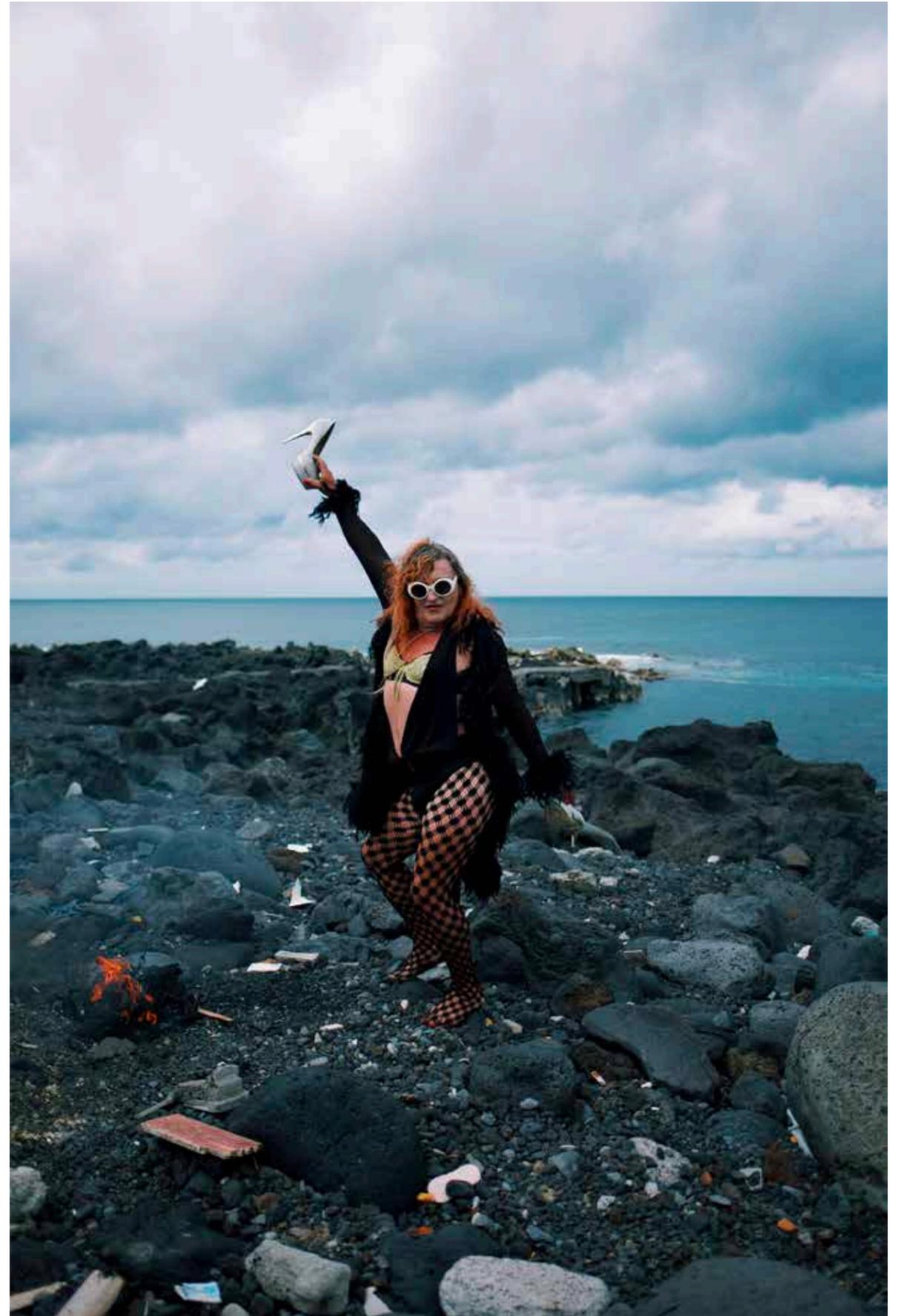
MAG RODRIGUES

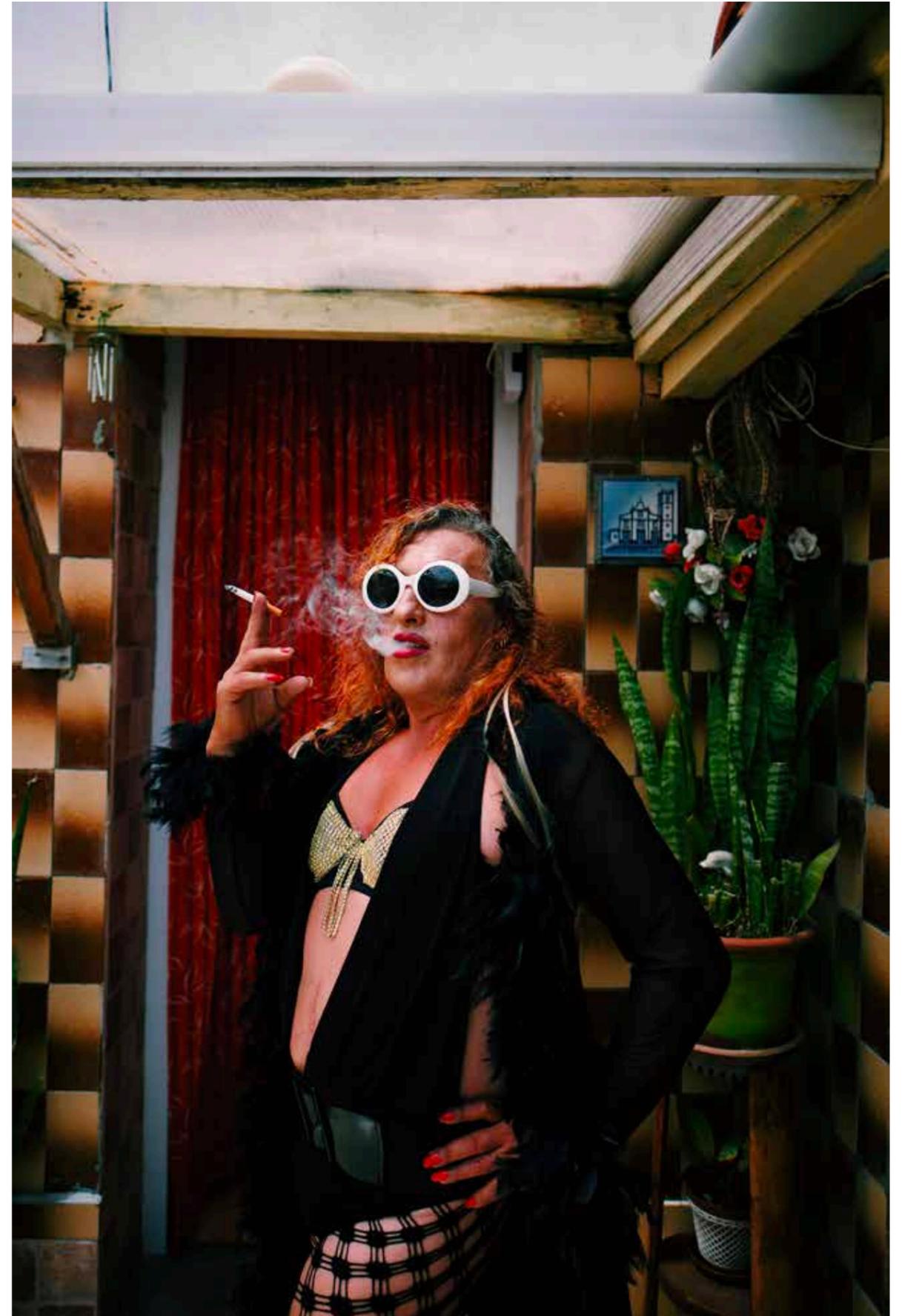
HOMENAGEM À PACHECA E A TODAS AS PACHECAS DESTE MUNDO

Mag Rodrigues nasceu em Lisboa, em 1991. Formou-se em Fotografia. É autora de diversos trabalhos documentais e de autor *Subsolo* (2018), *As Senhoras* (2019), *três por quatro [3 x 4]* (2020), *Covidário* (2020), *Mãos: no metro de Lisboa* (2019-2020), *Património*, (2020-2021), *Homenagem à Pacheca e a Todas as Pachecas deste Mundo* (2021), *FAMÍLIA* (2021), *Gabriela* (2022 - a decorrer).

No último ano, destaca-se a exposição *FAMÍLIA - retratos de famílias lgbtqia+* -eleita para a Temporada Portugal-França em Paris, Maison du Portugal, Theatro Circo, Encontros da Imagem 2022, Cervantes Institute em Paris.



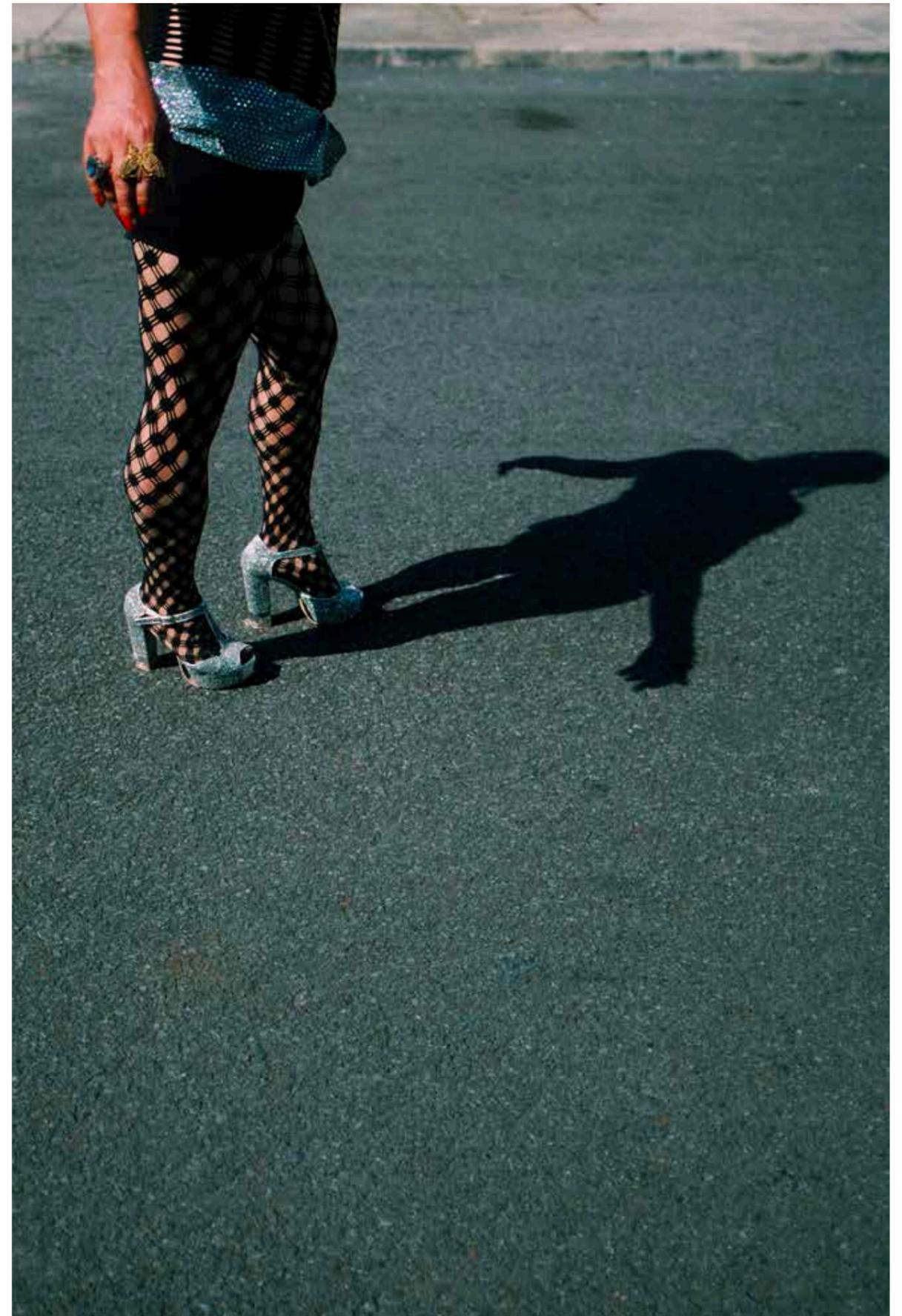




HOMENAGEM À PACHECA E A TODAS AS PACHECAS DESTE MUNDO

O meu pai quando soube que eu era diferente dos meus irmãos, ficou ruim comigo. (...) A minha mãe tinha medo de explicar, eu tinha medo também de lhe explicar. Com dezasseis anos, miguei-me com um homem. 'Tive com ele treze anos. Eu já me vestia de mulher, já eu era travesti. Gostava muito de me maquilhar, dos cabelos. (...) Com dezasseis anos, levei uma facada do meu pai. Eu era homossexual. (...) Quando 'tive no hospital, o meu pai estava na cadeia e o médico disse-me: Como é que vai ser? O seu pai está fechado. E eu disse: Eu não quero o meu pai fechado, eu quero que o meu pai me aceite como sou. Pacheca

A Pacheca e todas as Pachecas deste mundo são pessoas que nunca deixaram de ser quem são, mesmo sendo vítimas de violência devido à orientação sexual e à expressão de género. Estas imagens são um aplauso à sua coragem.



VIAGEM COM HIROSHI NAITO

GALERIA TOM, 1984

No passado mês de Novembro estive de visita à cidade de Tóquio. Uma cidade intensa, cheia de contrastes e onde se “respira” criatividade. Durante a minha estadia deixei-me levar pelos encantos desta cidade. Passear, levou-me a encontrar recantos que não tinha tido a oportunidade de conhecer antes.

Foi assim que descobri o incrível trabalho do HIROSHI NAITO, arquiteto japonês (1950, Yokohama), que foi trabalhar uns anos na Europa no escritório do arquiteto FERNANDO HIGUERAS em Madrid, para enriquecer os seus conhecimentos e mais tarde fundar a Naito Architect & Associates em 1981.

O primeiro projeto realizado em Tóquio foi a Galeria TOM (acrônimo para "Touch Our Museum"), que é um edifício de três andares que alberga uma residência particular no piso térreo e nos andares superiores, um espaço de exposição. O edifício, concluído em 1984, apresenta uma cobertura em zinco com clarabóias de vidro, a todo o comprimento, que conferem ao espaço uma atmosfera cálida e luminosa, e que contrasta com a estética robusta do betão. Estas clarabóias permitem que os raios de sol entrem destacando diferentes ângulos no interior. A luz natural ajuda a reforçar o papel deste elemento no espaço.

A galeria não é muito grande, mas dividi-se em dois níveis, com acesso a um terraço exterior no topo, de onde se pode entrever a confusão da cidade. No primeiro andar existe uma pequena cozinha e um escritório, com uma vasta coleção de livros do proprietário da galeria. Um espaço que tendo sido construído há quase 40 anos, sente-se como um edifício atual.

Depois de visitar esta galeria, fiquei com mais vontade de conhecer a restante obra do arquiteto. Decidi então visitar uma das obras mais recentes, o edifício *Kioi Seido*, muito peculiar porque foi um projeto que foi pensado sem se decidir o seu uso ou função. Um cubo de betão de 15 metros de lado, revestido com uma membrana de vidro. O edifício parece um Panteão moderno, onde a combinação de rigidez e subtileza cria uma atmosfera especial.

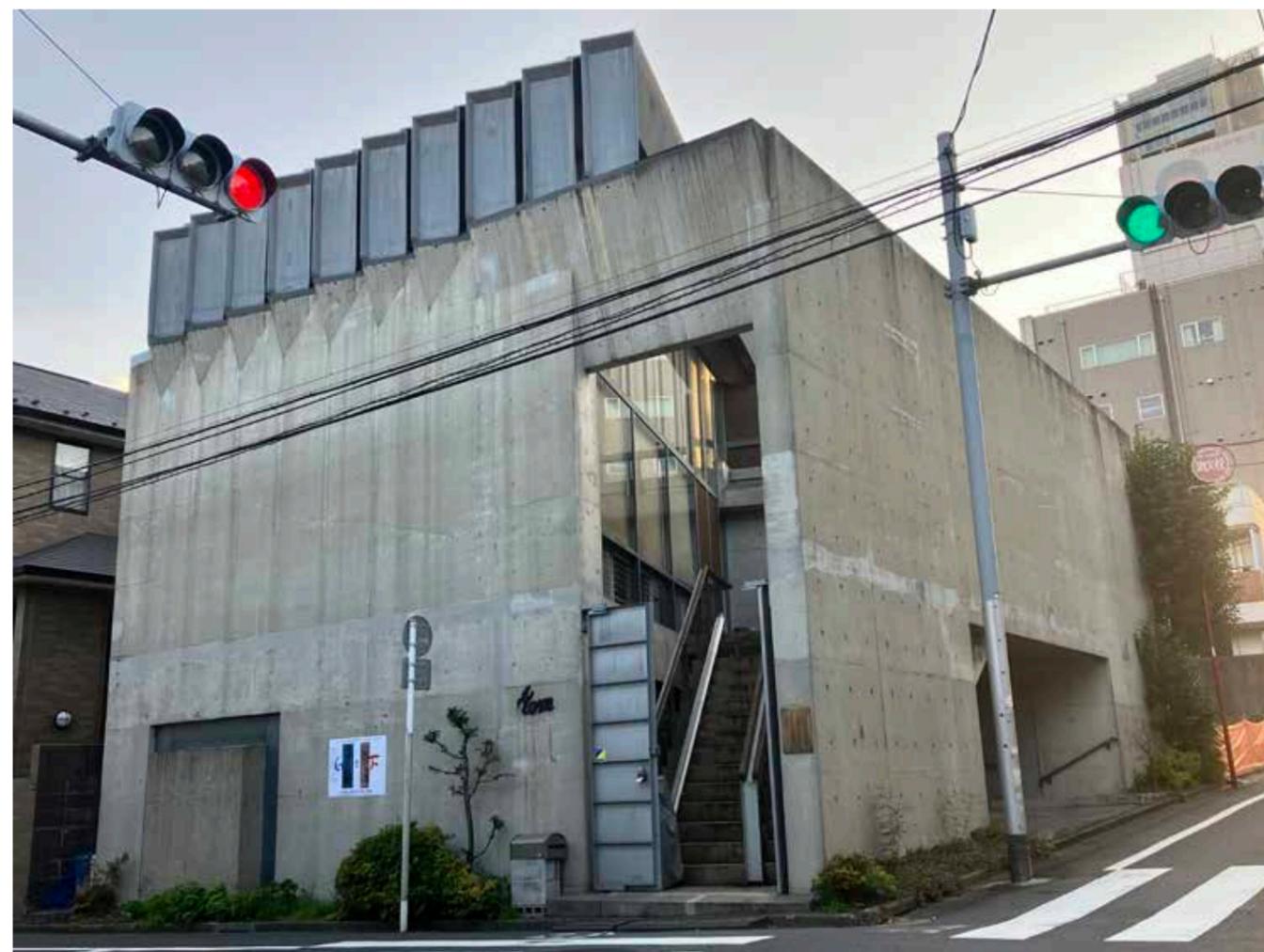
A luz natural é o tema principal neste edifício. No rés do chão, a luz é lateral, enquanto que nos andares superiores é zenital, o que nos provoca sensações completamente diferentes: no rés do chão como há pouca iluminação, sentimo-nos como numa gruta, enquanto que nos pisos superiores o espaço é inundado com luz.

Quando visitei o edifício, havia uma exposição chamada "A Raiz do Pinheiro Milagroso", uma homenagem ao grande terremoto e tsunami em Fukushima em 2011. A raiz do pinheiro que sobreviveu ao tsunami e foi colocada no centro da sala. O espaço escuro combinado com a ilusão de estar no subsolo fez-me sentir como se estivesse enterrado. Tive a sensação de que o tronco do pinheiro crescia do átrio para os outros andares, como se o edifício tivesse sido criado a partir da raiz deste pinheiro.

Em ambos os projetos e com o desfazamento de quase 40 anos conseguimos identificar uma coerência na prática deste arquiteto: a dualidade dos espaços, onde o mesmo espaço é capaz de nos provocar sensações totalmente distintas.

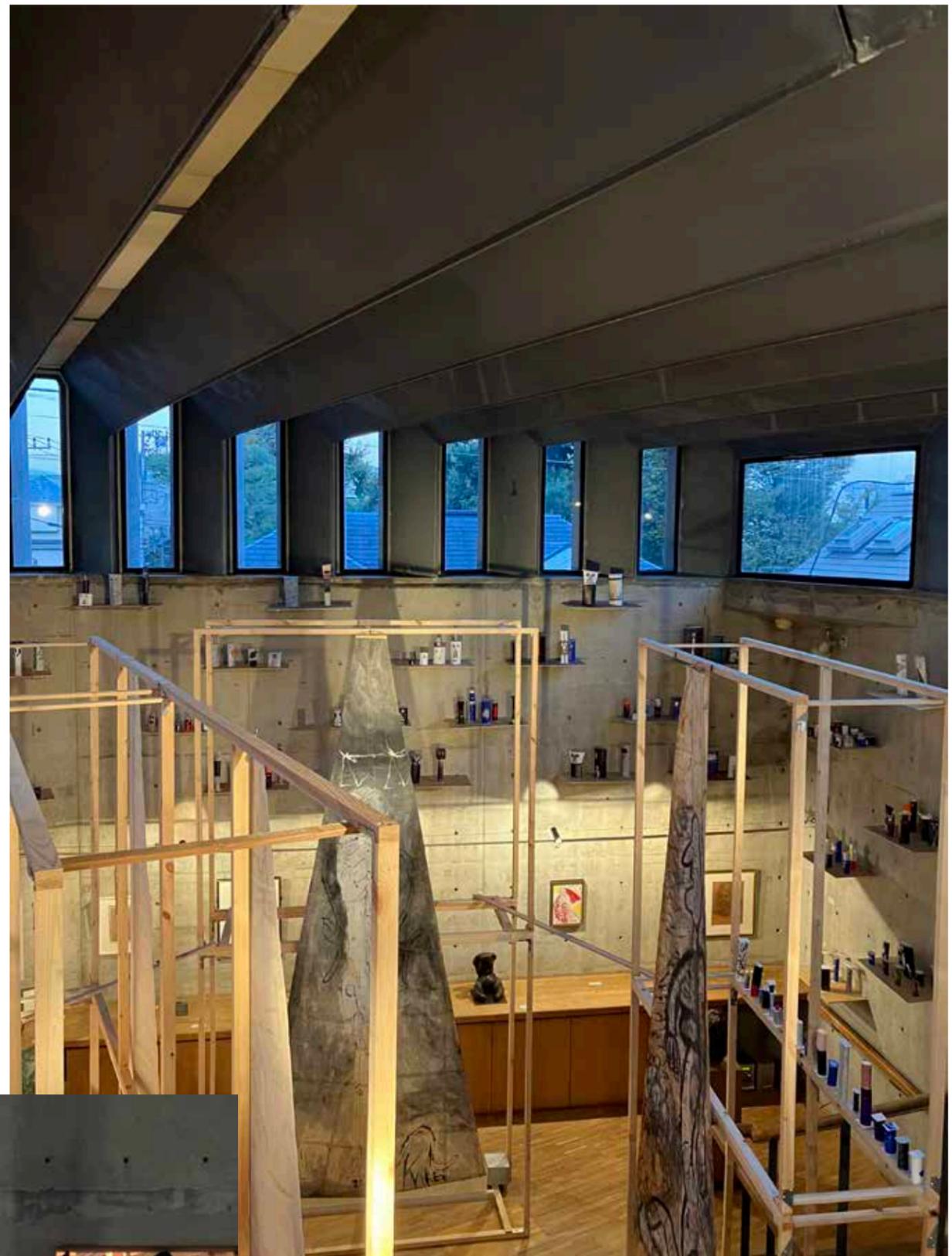
texto e fotos —————> FRANCISCO SPRATLEY

YOU MUST SEE



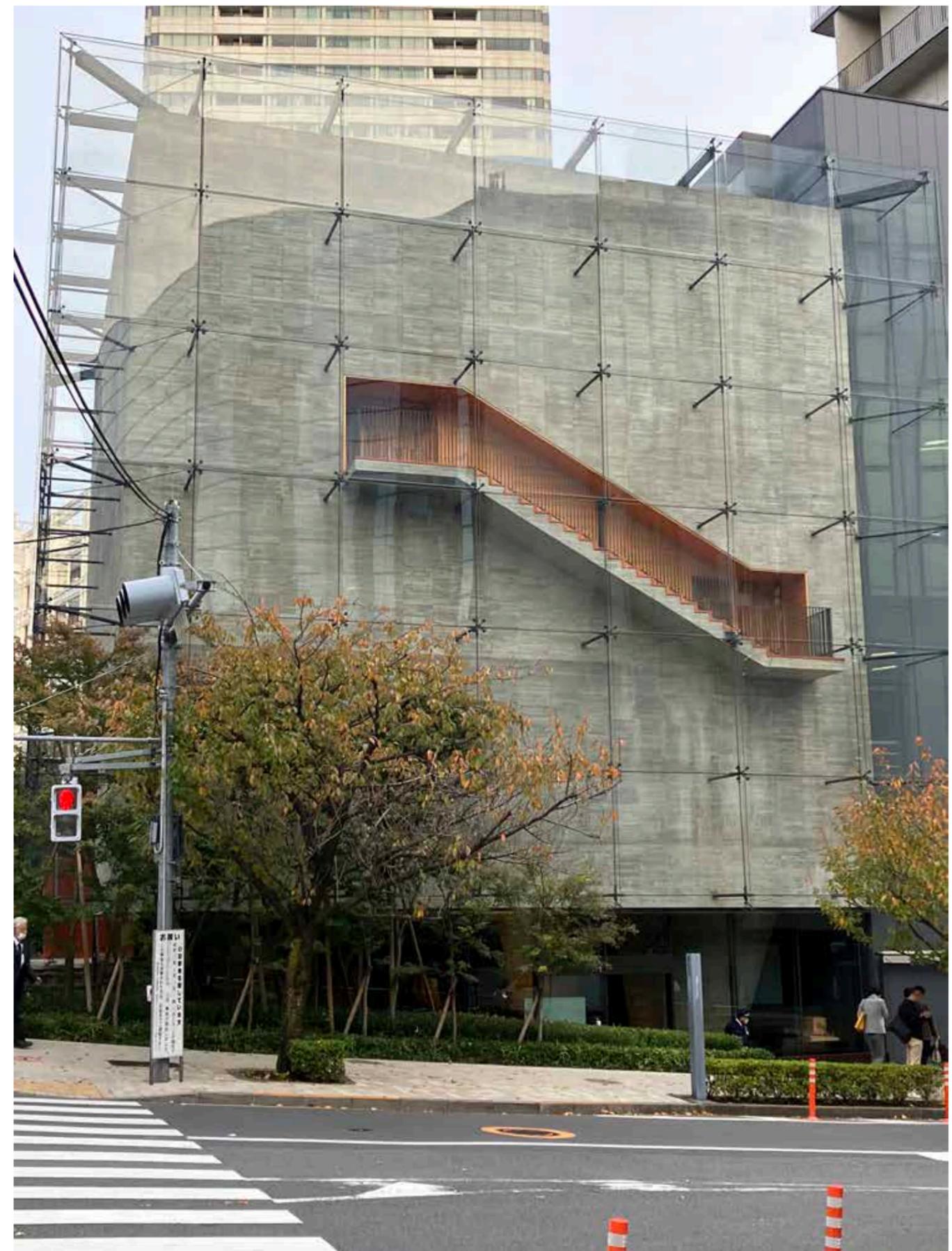
27

YOU MUST SEE

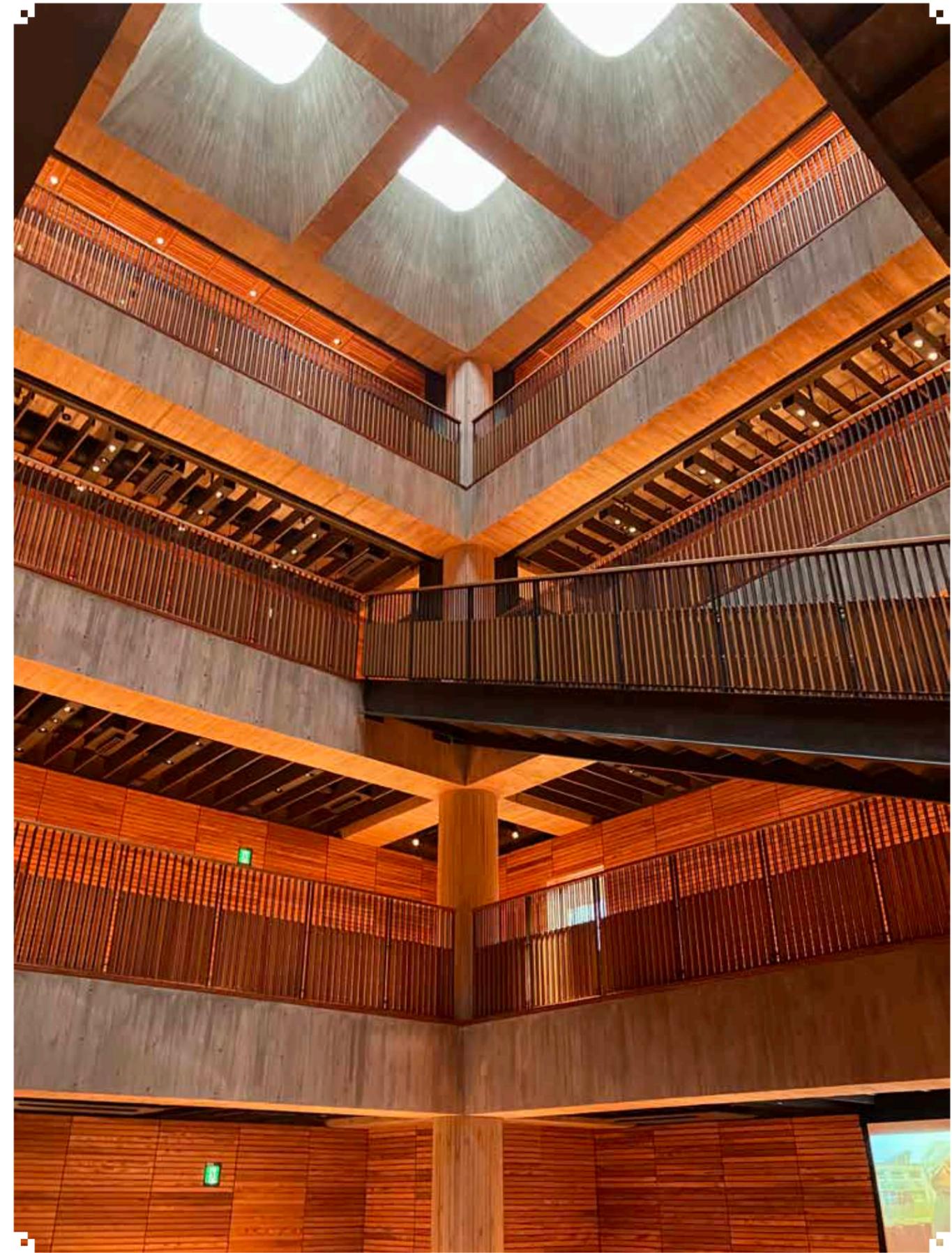
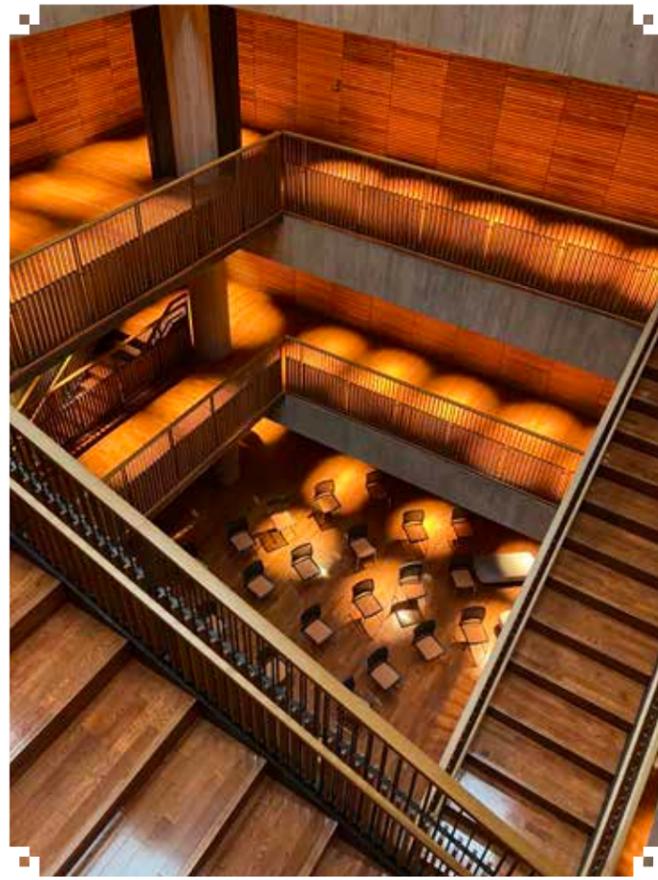
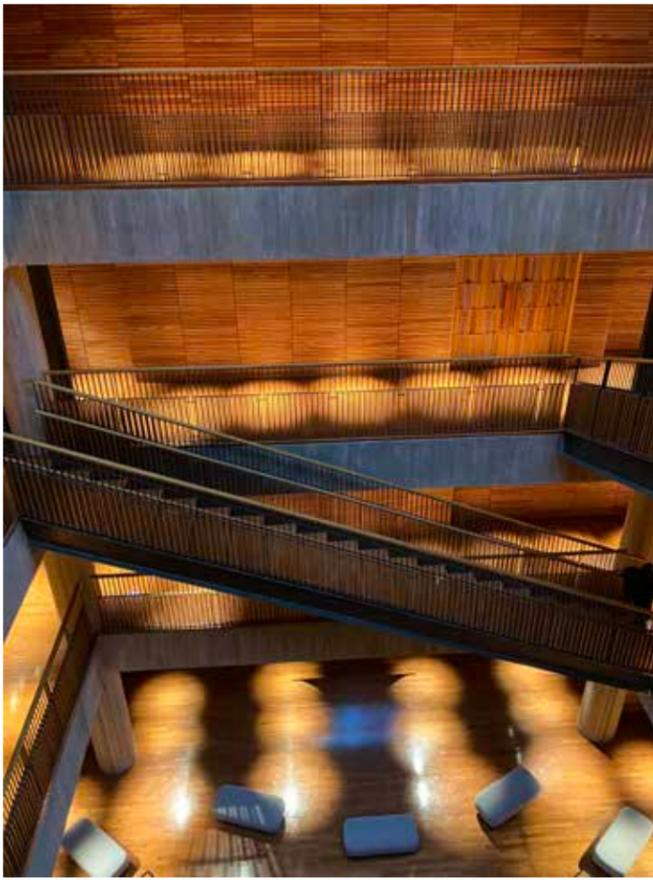


GALERIA TOM, 1984

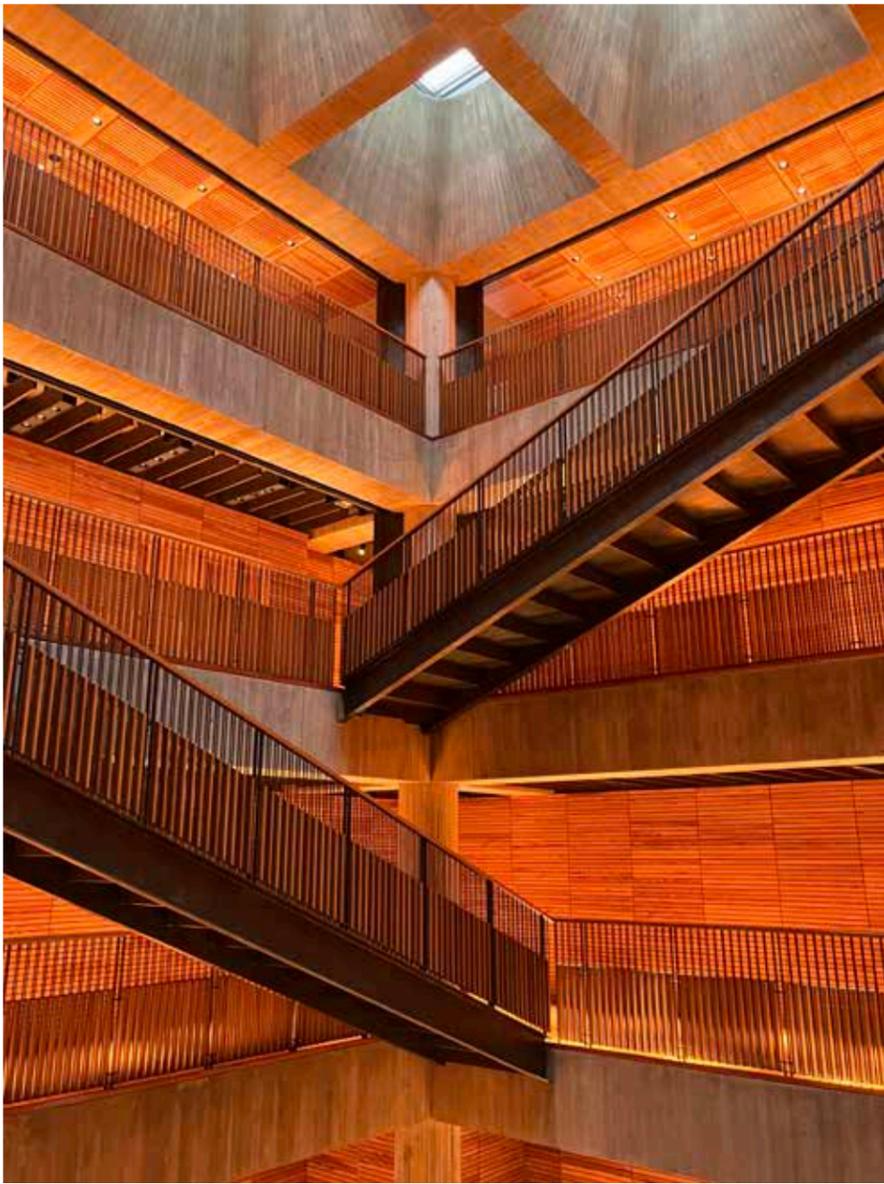
EDIFÍCIO KIOI SEIDO
à Raíz do Pinheiro Milagroso



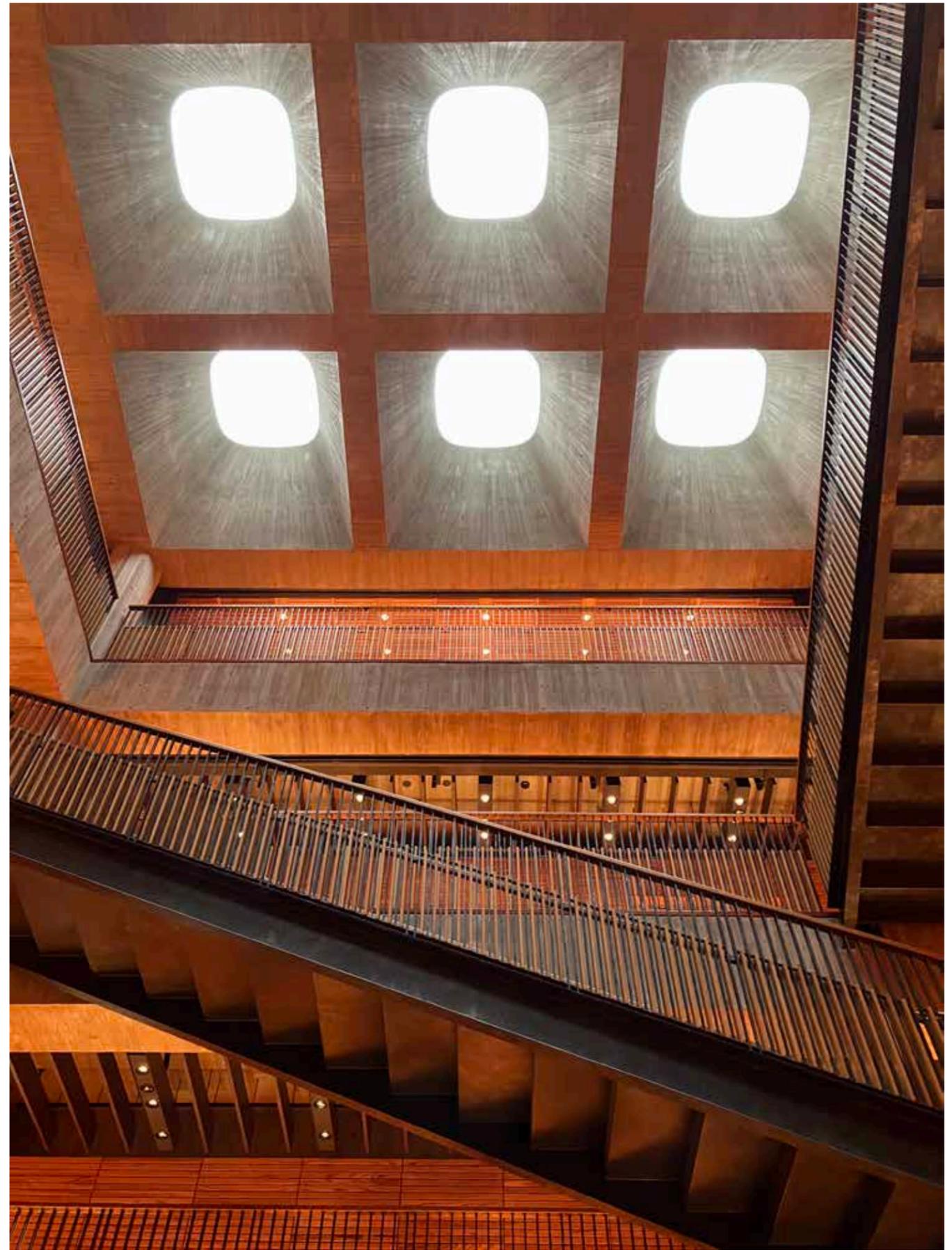
EDIFÍCIO KIOI SEIDO



EDIFÍCIO KIOI SEIDO



EDIFÍCIO KIOI SEIDO

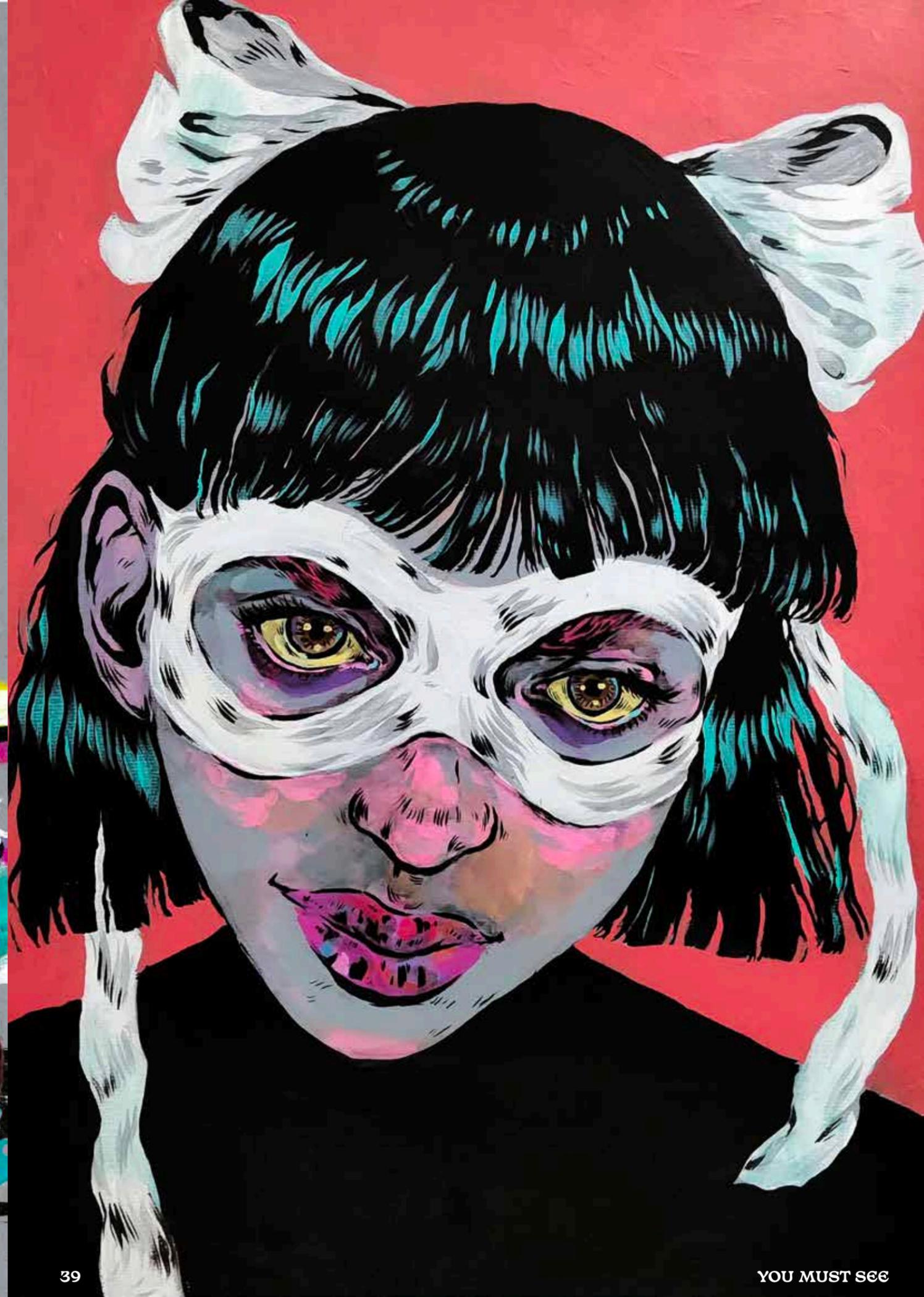


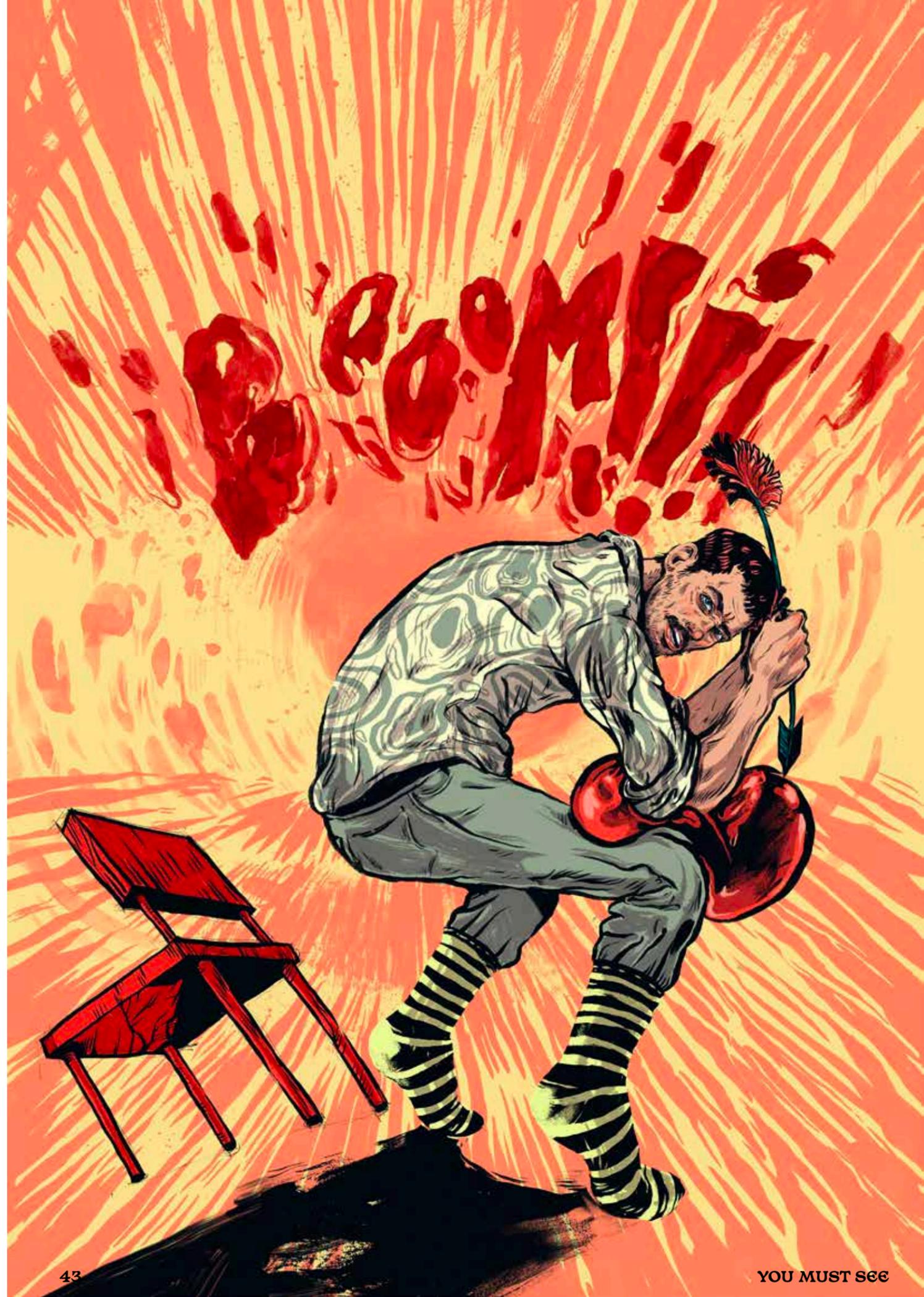
NICOLAE NEGURĂ

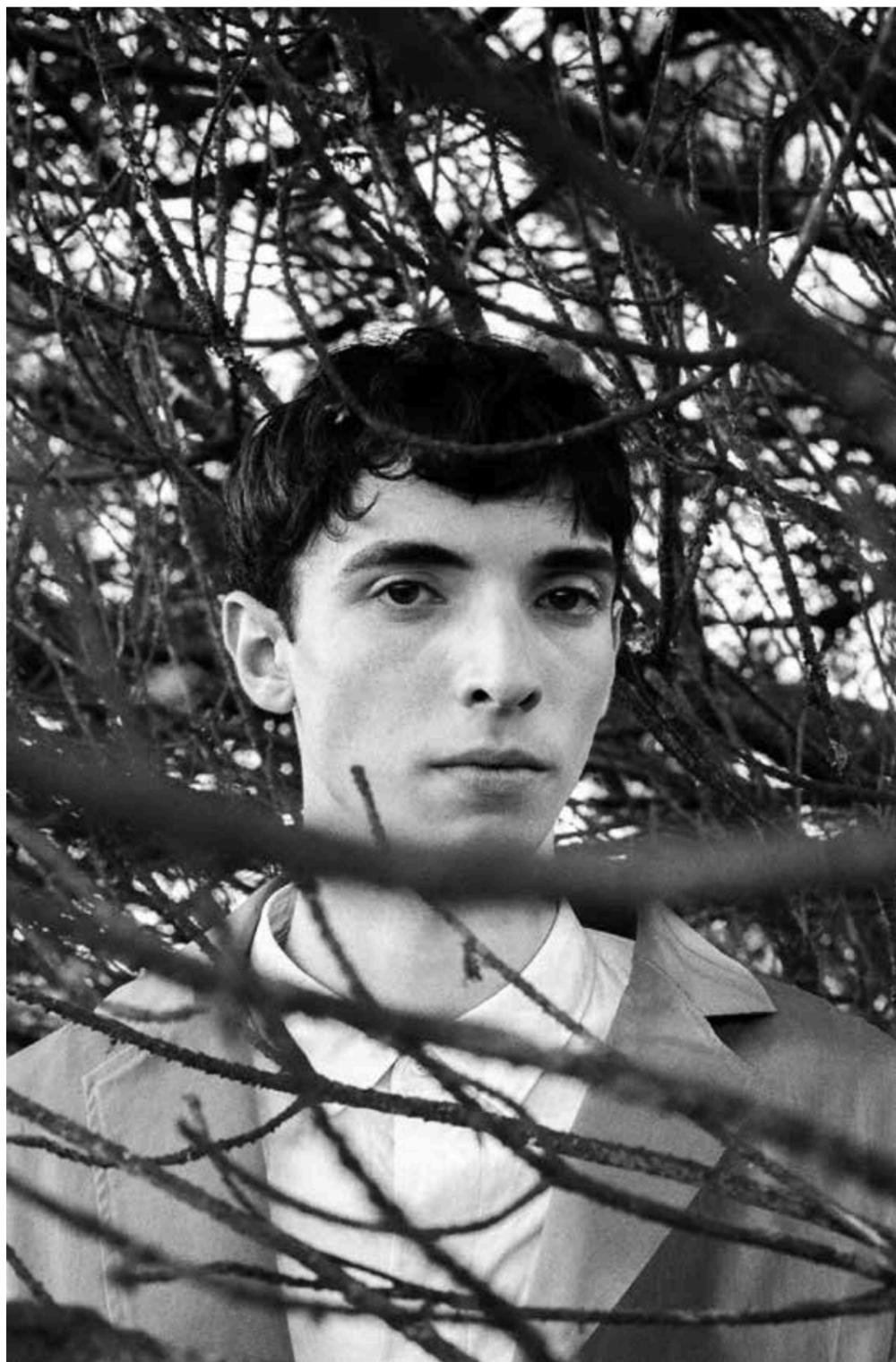
É um ilustrador e artista romeno que vive em Lisboa. Tem um mestrado em artes gráficas na Universidade Nacional de Artes "George Enescu" Iași, na Roménia. Começou como ilustrador digital mas hoje explora técnicas mistas de ilustração e pintura. Para além da ilustração tem estado envolvido em projetos de arte urbana e também tem participado a campanhas de publicidade e arte urbana, entre outros.

O trabalho do Nicolae combina uma mistura de cores fortes com um traço rigoroso que lembra as vezes a banda desenhada vintage. O seu trabalho foi apresentada em publicações internacionais e listada no Lürzer's Archive 200 Best illustrators do mundo em 2016/2017.









fotografia ELISABETH TEIXEIRA @elisabeth_teixeira_
assistente fotografia NUNO SAMPAIO @nunomssampaio
styling JULIA ZOLO @julzolo
assistente styling MASA BRNA @masabrna
hair&make-up MARTA MARQUES @martamarquesmakeup
modelos @facemodelsagency ELIS MEEKSA @elis.meeksa,
 TIAGO NOVAIS @tiagonnovais

casacos ARYN STUDIO (@arynstudio)

agradecimentos

AXIS OFIR BEACH RESORT HOTEL @axishoteis
 PEDRO ALVES @pedromigueifalves

—————> www.arynstudio.com/
 —————> @arynstudio

JULIA ZOLOBOVA e NAIRA AZCONA conheceram-se em Londres no College of Fashion em 2011 e depois de muitos anos como fashion buyers para marcas globais como a Inditex, Nike e Bestseller, decidiram celebrar a amizade que persistia, e juntas criam a ARYN STUDIO, uma marca que combinasse a herança espanhola e escandinava, de cada uma. Procuravam uma moda sustentável assente em modelos intemporais, no gender, para todos os corpos que tivessem algo a acrescentar à indústria de moda mais massificada. Fazem no essencial casacos que exigem detalhe de construção e o norte de Portugal com as suas pequenas oficinas artesanais ofereceu as condições necessárias para chegarem um produto final de alta qualidade, levando-as a fixarem-se com as suas respetivas famílias no Porto.

São ambas estrangeiras, criaram carreiras na área da moda fora de Portugal mas instalaram-se no Porto para criarem uma marca própria. Como foi todo esse processo até chegarem a Portugal

ARYN – Antes de lançar a marca tínhamos claro que nossa produção seria na Europa. Portugal é reconhecido em todo o mundo pela sua produção e expertise na indústria têxtil. Considerando a nossa forma de trabalho consciente, sabíamos que poderíamos não só produzir as peças de vestuário, mas também obter todos os materiais e tecidos necessários no país. Ao colocarmos a sustentabilidade como um princípio da marca, procurávamos fornecedores que pudessem ter dead stock. Íamos diretamente às fábricas para encontrar os acabamentos e tecidos, basicamente deslocando-nos desde o Norte de Portugal até à Covilhã, onde se situam os principais produtores de lã.

Vieram então de propósito para o Porto para conseguirem desenvolver o vosso projecto?

ARYN – O marido de NAIRA é do Porto e eles se mudaram durante a pandemia para ficarem mais perto da família. Mudei-me com meu marido especificamente para esse projecto, pois percebemos claramente a importância de estar presente para supervisionar e gerir facilmente todos os processos de produção.

Porquê no Porto?

ARYN – Foi o momento oportuno para essa mudança. Durante a pandemia, um grande número de encomendas foram canceladas, deixando os fornecedores com excesso de stock nos seus armazéns. O Porto e a região do Norte são os principais produtores e fornecedores de moda na Europa. Isso permitiu-nos tornar o lançamento e a supervisão da marca mais fácil, rápida e eficiente.

Em termos de ambiente económico no Porto, quais são os aspetos que mais valorizam?

ARYN – No Porto temos tudo o que valorizamos para lançar a produção da marca: qualidade,

comunicação eficiente e entregas a tempo. Nós trabalhamos com um sistema de pré-encomenda para reduzir o excesso de estoque e com isso também é possível produzir em pequena escala, pois trabalhamos principalmente com empresas familiares. Ao trabalhar com essas empresas, sabemos que elas fornecem condições de trabalho sustentáveis e adequadas para seus funcionários, um dos valores que mais respeitamos. Como marca, visamos construir relacionamentos com nossos fornecedores que sejam mutuamente benéficos e baseados na confiança. Valorizamos os empreendimentos familiares de longa data como forma de preservar a produção local.

Vão na vossa terceira coleção, podem falar um pouco mais especificamente dessa coleção e da vossa marca?

ARYN – A nossa terceira coleção é sobre o aqui e o agora. Apresentamos cores sutis clássicas com um estilo refinado, combinando técnicas tradicionais de produção e acabamento com um toque moderno. A coleção não tem fronteiras de gêneros e está aliada à simplicidade e sofisticação. Hoje, as pessoas têm acesso a uma multiplicidade de produtos. Então, para criar um desejo, você precisa de peças de alta qualidade que durem para sempre. Temos sempre em mente o acabamento único de cada peça, o conforto e a funcionalidade. Os modelos de casacos são tão democráticos que vestem qualquer pessoa. A coleção pode se adaptar a qualquer ocasião, seja para um jantar à noite, uma reunião formal ou um brunch de fim de semana.

Vocês trabalharam como buyers para grandes gigantes como Inditex ou Bestsellers, como é agora trabalhar para a pequena escala?

ARYN – É desafiador, mas acreditamos que se alcançam os objetivos com persistência. Uma dica: com um toque de charme e um sorriso. Em Portugal é possível encontrar fornecedores de todos os tipos, desde pequenas empresas a grandes fábricas. Nós trabalhamos principalmente com empresas familiares de longa data. Já se passou um ano desde que o ARYN STUDIO foi lançado e conhecemos pessoas e fornecedores incríveis que nos ajudaram ao longo do caminho.

Como pretendem fazer crescer a marca?

ARYN – Estamos constantemente buscando maneiras de melhorar nossos designs e qualidade. Estamos preparados para o futuro, criando uma presença online forte e consistente. No ARYN STUDIO, entendemos a importância do marketing nas mídias sociais para o crescimento bem-sucedido da marca. Existem metas futuras de acrescentar outras linhas, mas mantemos isso em segredo agora. Finalmente, temos boas perspectivas sobre o que podemos construir no futuro do mundo ARYN STUDIO como equipa.

texto —————> FRANCISCO VAZ FERNANDES









SHINE FOR ME

by
TEIA TRAMA

CARMEN ALVES é uma pessoa genderflux que tem vindo a produzir um vasto catálogo na área da confeção de moda. O seu percurso começou há 6 anos, numa altura em que CARMEN começou a criar o seu próprio vestuário porque não encontrava no mercado uma oferta satisfatória de roupa sem género. Corpos designados femininos, quando usam roupa desenhada para corpos designados masculinos, não ficam totalmente confortáveis pela forma binária em que essas peças acabam por ser costuradas, obrigando corpos dissidentes a pertencer a uma categorização que não deve ser imposta. Por essa razão CARMEN decidiu criar a TEIA TRAMA, a sua marca de moda que refletisse a sustentabilidade fluída no estilo e no género. Em paralelo mantém-se no guarda-roupa do Teatro Nacional de São Carlos.

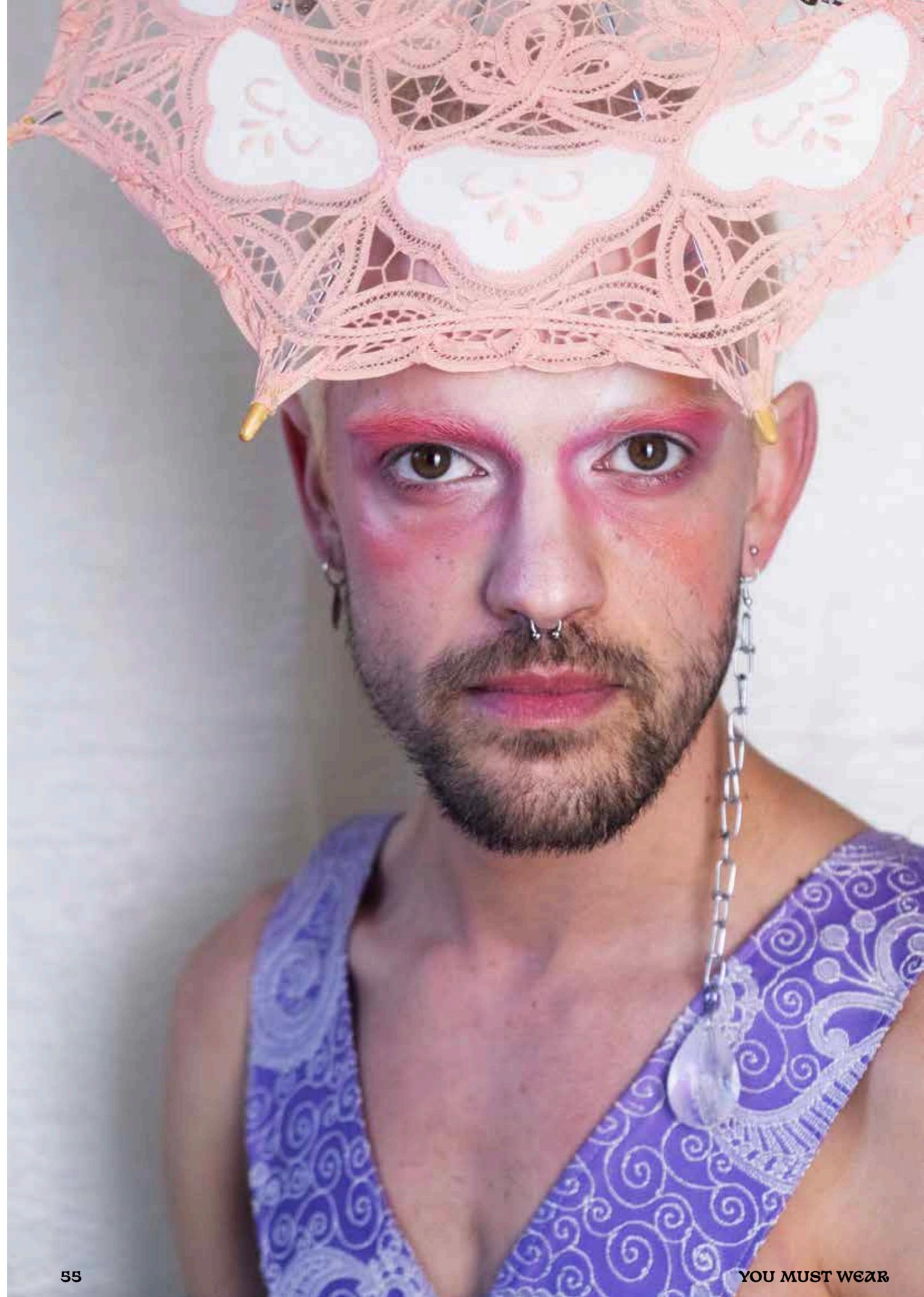
Recentemente criou um coleção intitulada *Shine For Me* composta por peças pensadas a partir de cores brilhantes e suaves, tendo em vista a pista de dança e a Club Couture. “Quería fazer roupa que desse para sair à noite mas que fosse ao mesmo tempo confortável e leve. Foi também uma maneira de começar o ano logo em janeiro a produzir coisas junto de amigos.” Com este mote, criou um conjunto de peças esguias e elásticas, demarcadas pelos tons verdes, azuis, lilases, rosas e laranjas.

Desta coleção fazem parte o casaco bege com um padrão que nos remete às obras de Miró, umas calças azuis capri com uma racha na perna, um fato composto por umas calças azuis escuras e um colete lilás com uma estética sci-fi. Dentro deste estilo futurista encontramos também uma túnica rosa de veludo, e a laranja umas calças e um top. Para finalizar, umas calças verdes chartreuse e um top de renda portuguesa, aliando o tradicional ao moderno.

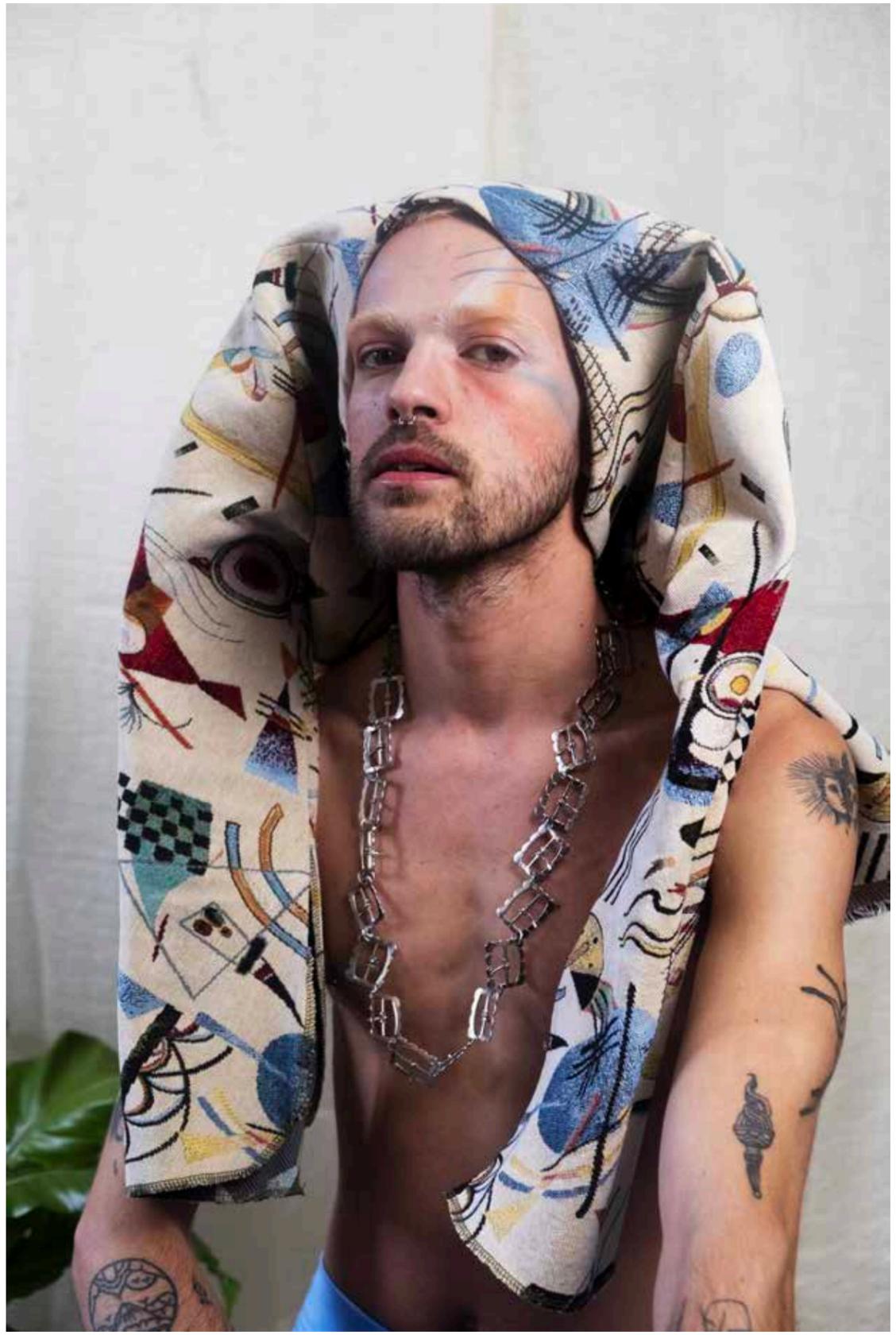
As peças podem ser adquiridas online, através do [instagram de CARMEN ALVES // TEIA TRAMA](#), ou no seu atelier, localizado na Rua Visconde de Seabra 22A, em Lisboa. A 15 de Abril de 2023, TEIA TRAMA terá o seu primeiro desfile, a acontecer na tenda do Zirkus Mond, em Odivelas.

texto —————> TATÁ SEIXO GARRUCHO

fotografia NUNO PINHEIRO
figurinos&styling CARMEN ALVES
make-up LUÍS CAPELA OLIVEIRA
modelos JÚLIO XS MARTINS





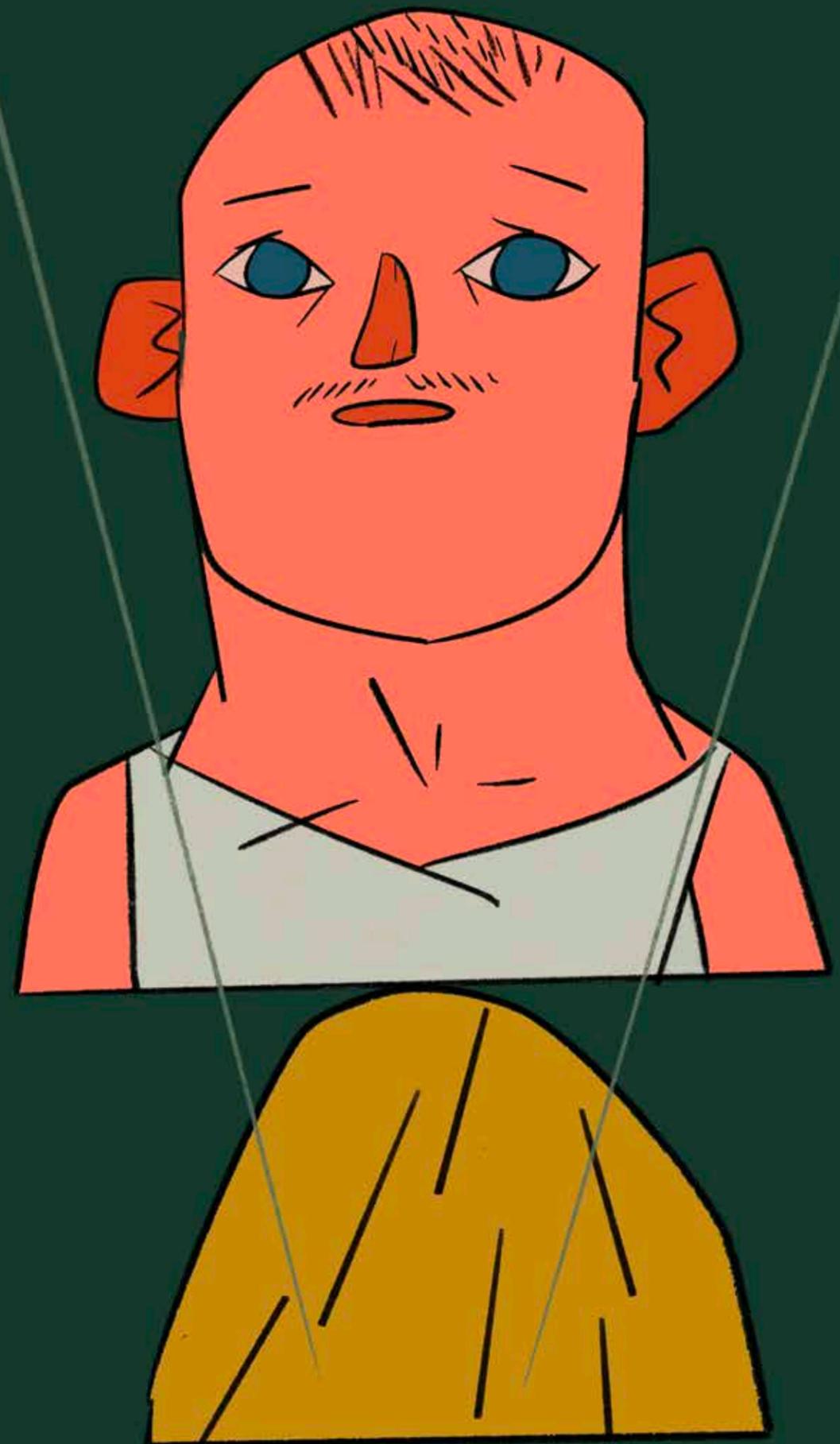


JÚLIO DOLBETH

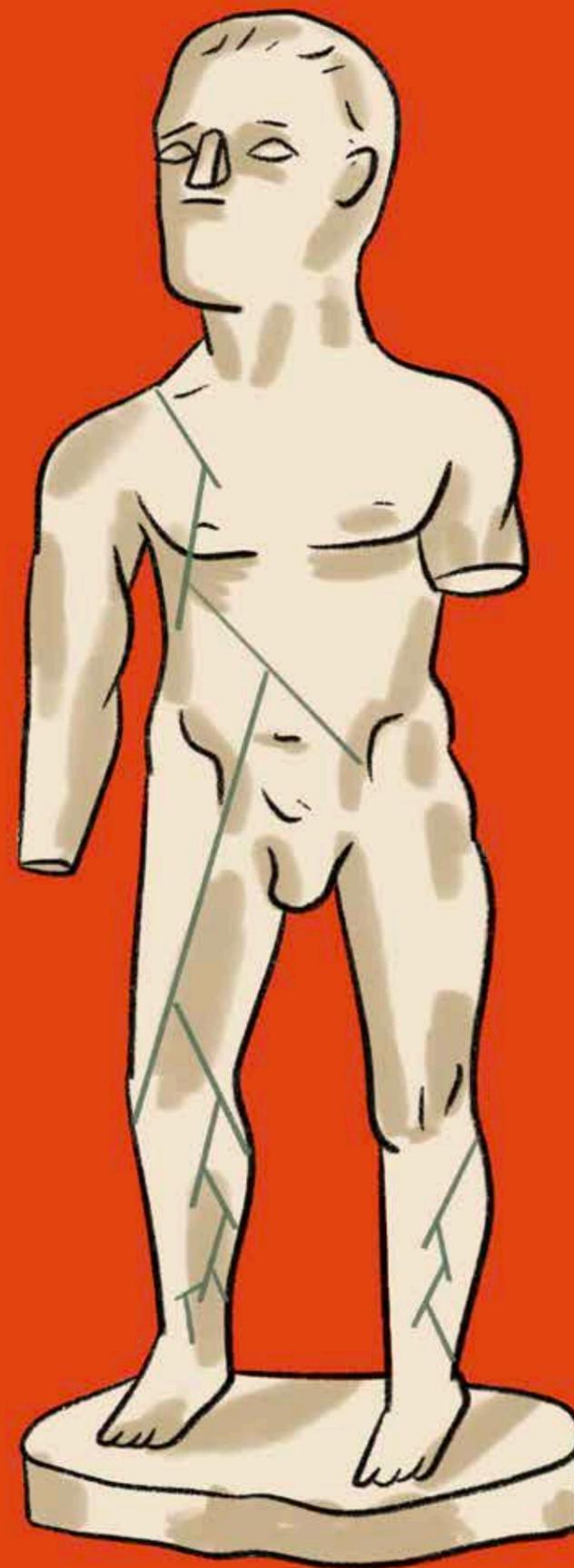
Nasce em Angola em 1973, vive e trabalha no Porto.

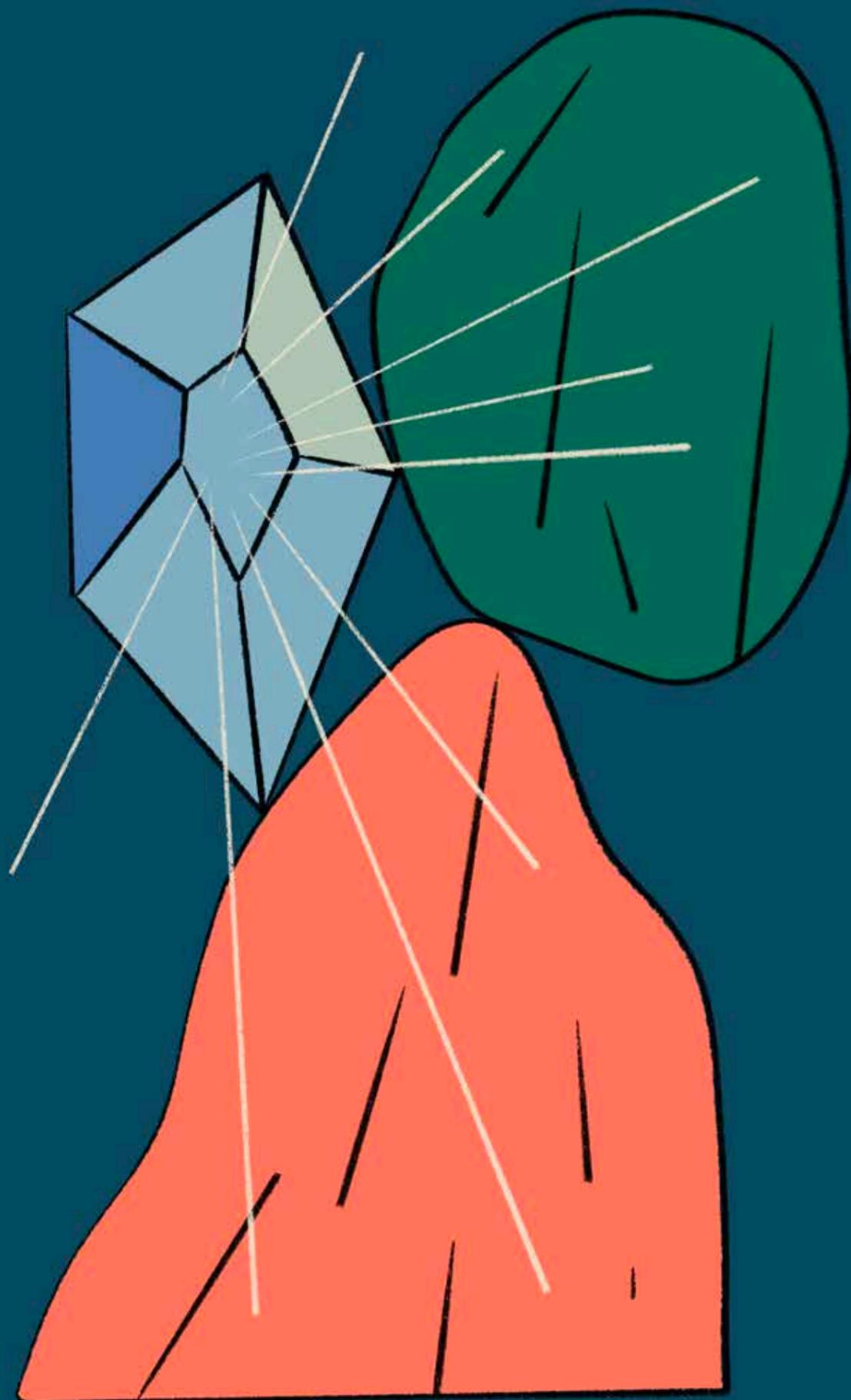
Tem doutoramento em Arte e Design, área de ilustração, pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto (FBUP); Mestrado em Arte Multimédia (FBUP). É Professor Auxiliar na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. Co-fundador e curador da galeria *Dama aflita*, no Porto, entre 2008 e 2016.

Artista e ilustrador, tem exposto regularmente em mostras individuais e coletivas.









ANIM MITZAH



COUTURE
DIOR



GENTLEMEN
SOCIETY

GIVENCHY





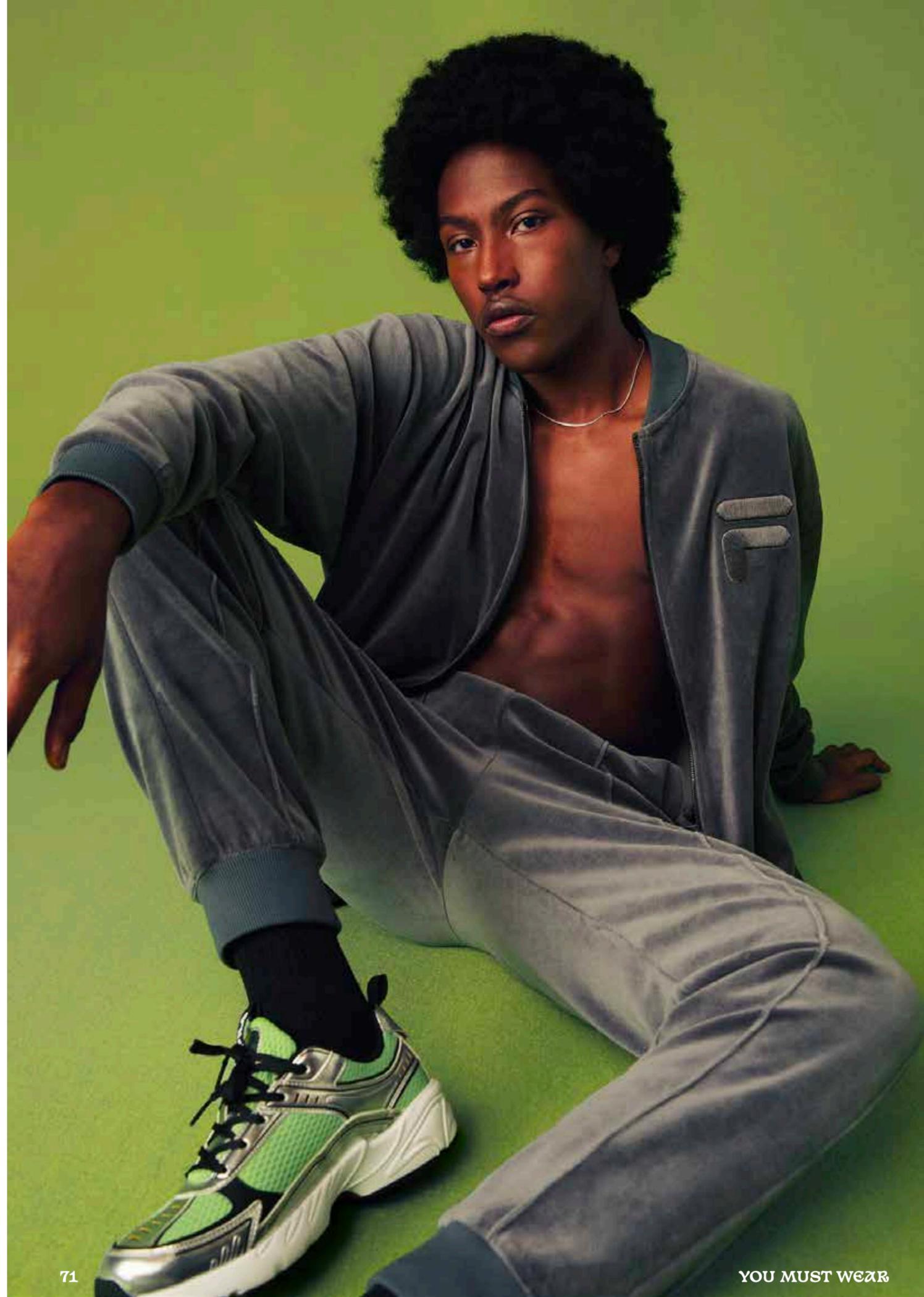
↑
Polaroid

↑
Missoni

↑
Isabel Marant

→
Fila

YOU MUST WEAR



YOU MUST WEAR



↑
Gant



↑
Puma



↑
Buffalo

→
Fred Perry x Bape

YOU MUST WEAR



YOU MUST WEAR

Little **SOUNDERS**
Station **STATION**

STEREOSSAURO

NOVO FADO



STEREOSSAURO é um caso interessante no panorama musical português. Depois de em 2011 e 2016 ter sido eleito campeão do mundo de scratch, na dupla BEATBOMBERS que forma com o também caldense DJ RIDE, STEREOSSAURO envereda por uma carreira em que sampla fado, cortando e colando conforme lhe apetece, escrevendo e gravando, re-inventando este género como uma criança a brincar com coisas sérias. Em 2018 grava o belíssimo *Bairro da Ponte*, um disco de samples, com um lote de convidados extraordinário, uma espécie de who's who da música portuguesa. Entretanto desmultiplica-se em mil trabalhos com destaque para *Cachorro sem dono* onde grava com CABRITA uma banda sonora para um filme que (ainda) não existe. E agora lança *Tristana*, um disco em que escreve, produz e realiza os videoclipes que acompanham o álbum.

Vês-te como um beatmaker, um produtor, um digger ou DJ?

Vejo-me com alguém com vários chapéus que depois acabam por estar todos interligados... Sou mais beatmaker quando trabalho com o pessoal do rap, sou puramente DJ quando trabalho com o RIDE e depois há o lado de composição e escrita quando faço as minhas próprias composições.

Fazes com a música portuguesa aquilo que os beatmakers americanos fazem com a música deles... a soul, o funk, o jazz, o disco...

É exatamente isso. Quando o hip-hop apareceu os DJs samplavam e remisturavam os vinis que tinham em casa, os discos que os seus pais ouviam... Quando houve um apagão em Nova Iorque e foram assaltadas várias lojas de discos, no dia seguinte apareceram 200 novas bandas de hip-hop. Eu para respeitar a cultura fiz o mesmo, usei os discos que tinha em casa... Até porque James Brown é incrível mas eu não vou estar a remastigar o mesmo sample que já foi usado centenas de vezes.

As Caldas da Rainha sempre tiveram uma onda musical muito interessante... Estou a pensar no JOÃO PAULO FELICIANO por exemplo, porque é que tu achas que isso acontece?

Acho que a ESAD (Escola Superior de Artes e Design) foi muito importante porque todos os anos trazia remessas de pessoas de todo o lado para as Caldas da Rainha, malta do Erasmus também... E cada pessoa trazia as suas histórias e depois juntavam-se todos em festas e esse melting pot foi muito enriquecedor.

Quem é a TRISTANA?

A *Tristana* sou eu e a ANA. (Ana Magalhães, a fadista portuense radicada nas Caldas da Rainha que dá voz e alma a este novo álbum). A *Tristana* é uma personagem que não existe. É um símbolo.

Se este álbum fosse uma mulher, era uma amiga, uma esposa ou uma amante?

Eu acho que poderia ser as três coisas, é um símbolo... Mas mais provavelmente uma amiga.

Que género de música é este?

É STEREOSSAURO. Quando estou a fazer música, o público é a última coisa que me passa

pela cabeça... Mas pegando nas trends, embora eu faça isto há mais de 10 anos, é o Novo Fado. *Tristana* é um álbum muito marcado por uma perspectiva feminina, quem são as mulheres da tua vida?

A minha mãe, a minha mulher e a minha filha. E na música? Quem são as tuas divas?

Presentemente é a ANA MAGALHÃES, escrevi um disco só para a voz dela. E depois há duas vozes no fado para mim incontornáveis: GISELA JOÃO, que tem um timbre tão especial... Falar ao telefone com ela é uma experiência. E a SARA CORREIA que tem uma energia incomparável.

Qual foi o processo de gravação de *Tristana*?

Eu compus e escrevi as letras mas fui sempre testando as águas com a ANA. Ela acompanhou sempre todo o processo, mesmo a parte instrumental e foi sempre dando um input.

No *Bombas em Bombos* já havia um tema, o *Dia Um*, onde havia um sample duma guitarra, no *Bairro da Ponte* há vários temas com samples de guitarra portuguesa... isto já sem falar nos BEATBOMBERS e no PAREDES... O que é que a guitarra portuguesa tem para te ser tão apetecível?

A identidade. Não há outra guitarra a soar como ela em qualquer outra parte do mundo.

No *Tristana* cada música é acompanhada por um videoclip, tu realizaste todos eles e alguns são lindíssimos, em que medida esta videoarte é importante para ti?

Eles foram todos realizados a pensar nas atuações ao vivo, em serem mais uma parte do espetáculo. Eu tinha estudado videoarte nos tempos cavernosos da ESAD mas isso ficou 20 anos em sete chaves. Agora, se calhar fruto do Covid, tive tempo de sobra para pensar como queria fazer as coisas e descobri softwares e bancos de imagens gratuitos com grande qualidade e em quantidade. Passei dois meses a queimar pestanas e consegui.

Neste disco há a guitarra de RICARDO GORDO e o acordeão de SANDRA BATISTA, que muito conhecem dos SITIADOS... Já no último *Bairro da Ponte*, havia um lote de convidados impressionante. Como é que consegues gravar com estes notáveis todos? Qual é o teu segredo?

Não há segredo. É ser honesto, não prometer mundos e fundos... É também fruto de 20 anos de provas dadas como DJ e produtor. São pessoas que conheci e que conhecem o meu trabalho, não é out-of-the-blue, há uma reputação e um relatório.

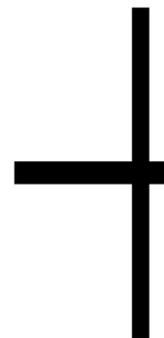
Como é que o *Tristana* vai funcionar ao vivo?

Ao vivo sou só eu e a ANA, excepcionalmente será possível convidar o RICARDO ou a SANDRA para virem tocar as suas malhas... E os videoclips claro.

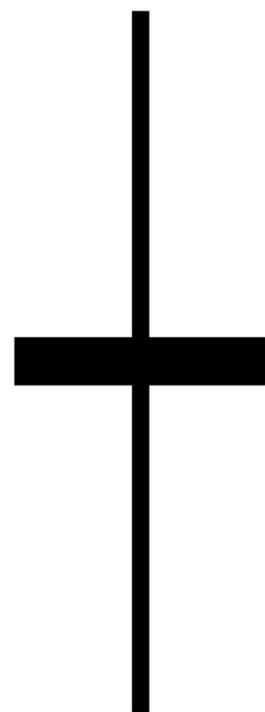
Para terminar, entre um sample de uma guitarra e um guitarrista ao vivo, o que é que tu preferes? Prefiro o sample de guitarra porque aí vou ter eu a minha voz. O meu instrumento é o sample e o gira-discos.

texto —> HUGO PINTO

ARVI
ARVI



Viegas



VIEGAS é um rosto já conhecido na noite lisboeta. Começou em 2016 a ocupar os DJ Booths da capital portuguesa, tendo já passado por cidades como Paris, Londres, Atenas, Berlim. Criou em 2020 **ARVI+**, uma das mais prolíferas festas produzidas em solo nacional. Entre o **NADA Temple** (Lisboa) e o **Passos Manuel** (Porto), a **ARVI+** vai enchendo salas de ravers que procuram a sua libertação através da dança e da moda.

O **Club Couture** tem o seu lugar marcado nesta festa, vemos isso pela forma como as pessoas se expressam através das suas roupas e maquilhagem, mas também pelas performances apresentadas: já houve apresentações de **ERICERIC**, por norma há uma **Drag Queen** a ser **Mestre de Cerimónias** e, neste último evento, **BERUNO** e **PEDRO 420 BOMBSHELL** trouxeram um salão de cabeleireiro para dentro do clube, onde **PEDRO** arranjou o cabelo de **BERUNO** e de algumas pessoas que se encontravam no público.



(em cima) Francisco Antunes, Glabra, Viegas, Saetern e Beruno
(em baixo) Pedro 420 Bombshell, Yulia Liberda, António Figueira
(da esquerda para a direita)

A PARQ esteve à conversa com o DJ e promotor JOÃO VIEGAS para saber um pouco mais sobre as intenções que tem com a ARVI+ e sobre a cultura de clube e rave em Portugal.

Como aconteceu teres começado a tocar música?

Na verdade comecei por fotografar concertos e gigs de música electrónica, e depois naturalmente comecei a interessar-me cada vez mais pela música e a sair à noite. Nessa altura eu estava a colaborar com a RABBIT HOLE e MARUM convidou-me para tocar numa dessas míticas festas, na ZDB.

Tens em mente algum tipo de ativismo na música que escolhes passar, ou a seleção é puramente estética?

É muito difícil pensar na estética como algo puro... acredito que as escolhas musicais são fruto de lógicas que podem estar mais ou menos presentes quando fazes a seleção, e isso ter (ou não) uma leitura política. Se eu passar um remix de uma música pop, por exemplo, podes ler essa escolha como algo "puramente estético" ou então pensar como a música pop foi descredibilizada durante imensos anos, como a história do clubbing em Portugal foi moldada por

atitudes e visões machistas e elitistas. Assim, quando tocas estas músicas para um público queer, parece que se abre um portal para um imaginário de referências comum, e isto é muito importante na construção identitária. Por norma os géneros que mais me interessam na música de dança são aqueles mais periféricos, talvez por também ter crescido nos subúrbios e por ter sido estimulado desde criança para ouvir todo o tipo de música. Mas não vejo nisso necessariamente nenhum tipo de ativismo.

O que sentias que faltava na noite lisboeta quando começaste a ARVI+?

Quando comecei a ARVI senti que faltava uma festa que celebrasse a diversidade de sonoridades do clubbing contemporâneo, que não se cristalizasse numa fórmula, e que permitisse dar espaço para novos artistas apresentarem o seu trabalho, dando prioridade à comunidade LGBTQIA+ e a outros grupos menos representados. Senti também que havia uma nova geração que começava a sair à noite e a interessar-se por música eletrónica e que tinha poucos lugares para tocar, independentemente da sua experiência ou das suas capacidades técnicas.

É querias trazer algo de novo com esta festa? O quê?

Eu vejo a ARVI+ como algo que vem na sequência de um trabalho que está a ser feito por vários coletivos na cidade já há alguns anos, e com os quais tenho vindo a colaborar. Talvez a grande novidade da festa tenha sido a possibilidade de coexistirem na mesma noite sonoridades que não estamos habituados (ou que não estávamos na altura) a ver no mesmo line-up, como por exemplo um set reggaeton seguido de um de hardcore. Essa vontade de derrubar barreiras e de fazer cruzamentos entre públicos, e ao mesmo tempo abrir espaço para novos artistas, espero que seja algo que associem à ARVI+.

Tens dado espaço a Drag Queens e performers para atuarem na tua festa, assim como a designers para explorarem o seu ofício e ao mesmo para manterem a mesma estética. Sempre foi um objetivo criar esta plataforma interdisciplinar?

Sem dúvida. Gosto de pensar na ARVI+ como uma plataforma artística acima de tudo, e por isso as performances são tão importantes para nós como um dj ou live set. A nossa equipa neste momento é composta por djs e designers, e o trabalho de ambos é essencial para construir a identidade da festa. Tanto eu como TOMÁS (Glabra) e a SARA (Saetern), que são a equipa de designers que está por trás de todas as decisões que são tomadas para a festa, não só relativas à parte gráfica como também à curadoria, decisões de produção, etc, tivemos algum tipo de formação artística. No futuro a ideia é conseguirmos abranger ainda mais áreas artísticas e apresentar outro tipo de propostas, que não seja necessariamente o formato de rave, e de convidarmos mais pessoas para se juntarem à equipa.

Começaste a ARVI+ em 2019, contudo neste último evento celebraste o segundo aniversário. Qual foi o motivo por trás desta escolha?

Boa pergunta! Em primeiro lugar, a primeira ARVI+ aconteceu no dia 29 de Fevereiro de 2020, talvez o dia mais peculiar do calendário já que só se repete de quatro em quatro anos. Além disso, pouco tempo depois da primeira festa o mundo parou por causa do confinamento, e só 1 ano depois podemos começar a voltar a fazer eventos. Então achámos que fazia mais sentido descontar esse ano que estivemos forçadamente parados.

Sentes que esta nova geração de ravers procura expressar-se mais através de outfits, penteados e maquilhagem do que a anterior? Se a resposta for positiva, pensas que essa vontade e liberdade existem porque foi criado anteriormente esse movimento ou é algo que é inerente à geração Z?

Não acho que seja algo inerente à Gen Z, até porque existe uma história da vida noturna e das suas subculturas que não pode ser esquecida, tanto em Portugal como em outros lugares onde estes movimentos tiveram ainda mais

expressão. Claro que as redes sociais permitiram que as referências circulassem a uma maior velocidade, então este imaginário da rave está muito mais difundido atualmente. Para mim a ideia de herança, e de reconhecer que as gerações atuais carregam consigo o legado que foi passado pelas anteriores, é muito importante. Por outro lado, reconheço que desde que comecei a tocar existem cada vez mais pessoas sem medo de se expressarem nas festas, de experimentarem através da moda romper as barreiras impostas pelos binários da normatividade, e isso também pode estar relacionado com alguns triunfos políticos da comunidade LGBTQIA+ e da sua aceitação social.

Para além de seres DJ e promotor, tens feito outros trabalhos dentro ou fora da área que queiras partilhar?

Além de DJ e promotor tenho trabalho maioritariamente em comunicação, em projetos artísticos/culturais, e também em direção artística e curadoria. Tenho também saudades da fotografia, é algo que espero que possa voltar a fazer mais parte da minha vida num futuro próximo. Comecei também a produzir música, mas sobre isso vamos com calma :)

texto —————> TATÁ SEIXO GARRUCHO
foto —————> RAQUEL ESPERANÇA

ENTRE ROBOTS E PLANTAS NOS SONS DE

VALLECOCHI

VALLECOCHI

VALLECOCHI



Para começar, tentámos perceber de onde é que veio esta apreciação pela música:

“O poder da música começou em mim mesmo. Numa fase de depressão, teve um papel muito terapêutico comigo, de healing. Trouxe-me harmonia e uma forma de expressão para me conectar com os meus sentimentos e comigo próprio.”

Também tentámos perceber um bocadinho melhor qual era a relação entre a música e esta ideia de healing que a música parece permitir. Apesar de não considerar a sua música terapêutica em si mesma, Vallechi acredita que a batida certa pode abrir um diálogo:

“Não diria que a minha música tem propriedades healing ou terapêuticas mas tem a intenção de falar destes assuntos densos numa linguagem mais moderna e contemporânea, para que daí os possamos discutir em conjunto.”

Esta aproximação entre música e terapia é sem dúvida uma ambição nobre e uma que tende a ser quase uma exigência nesta era em que a sociedade está finalmente a abrir os olhos para os problemas da saúde mental. Perguntámos ao VALLECHI se esta intenção o guiou também enquanto compunha o seu primeiro álbum:

“Durante essa exploração percebi que isto também se podia aplicar a outras pessoas e foi então que virou a base do meu trabalho, em que a música tem uma intenção de conectar as pessoas com elas próprias e de melhorar o mundo em que estamos.”

Esta relação de proximidade entre o mundo em que vivemos e o mundo em que vivemos dentro da nossa cabeça levou-nos à pergunta seguinte, onde tentámos descobrir o porquê do VALLECHI celebrar esta música que nos dá ferramentas de auto-análise e de conhecimento, com actuações ao vivo em que mistura electrónica e instrumentos orgânicos, como os batucues.

Quem viu o último concerto de VALLECHI consegue sentir essa sinergia que torna o momento palpável.

“Para mim, o que é mais importante é criar uma conexão emocional. Quando se projecta música ao vivo e se mistura com música electrónica cria-se um ambiente novo e que é bastante desafiante, mas onde se cria uma maior conexão emocional entre quem ouve e quem toca. É com base nessa conexão emocional que quero criar os meus sons.”

Esta resposta deixou-nos curiosos acerca de como seria o concerto de sonho do VALLECHI, de certo muito diferentes dos sonhos habituais dos cantores e das bandas, tal é a distância das suas intenções enquanto criador.

“Tocar para muitas pessoas, numa localização icónica onde se pudesse misturar tecnologia e

natureza, criando um espaço onde as pessoas vão para se conectarem com elas próprias. Não tenho localização em mente, mas sim esta ideia ou sensação de poder criar um evento de conexão memorável para todas as pessoas.”

Nós gostamos muito disto, não é por acaso que o solarpunk nos parece bem mais optimista que o cyberpunk em si mesmo. A ideia de cidade moderna tende a ser pouco orgânica, mas também acreditamos que o caminho para a regeneração do mundo será feito com recurso à relação entre o humano, a natureza e a tecnologia à sua disposição.

Como sabemos que o VALLECHI viveu em Londres durante vários anos, achámos interessante perceber se a cidade também teve o seu impacto na sua relação com a tecnologia:

“Londres foi uma grande influência para o meu trabalho, sem dúvida, numa perspectiva muito mais global da vida e proporção, porque quando estamos em Portugal estamos numa realidade muito mais pequena e familiar. Quando vamos para outro país estamos numa perspectiva maior e isso sem dúvida teve grande influência. Acho que a minha relação com a tecnologia também foi desenvolvida lá, o que faz todo o sentido com o trabalho que faço.”

Ou seja, face à proximidade com a tecnologia que Londres permitiu a VALLECHI, este decidiu focar-se na humanidade e na natureza. Talvez esta seja a resposta mais humana possível, evitando o cinzento monolítico e dando lugar ao verde e a cada um dos nossos tons de pele.

“O meu ângulo de desenvolvimento humano é muito combinar conhecimento antigo, ciência e crença, com tecnologia. A ideia é caminhar no sentido de que a humanidade está a evoluir e criar os novos recursos para isso.”

E como é que a internet pode ajudar nesta tarefa? Com a certeza de nós não vamos simplesmente desligar num futuro próximo. A ideia de Vallechi é uma de aproximação entre duas realidades que em vez de serem adversas, podem ser simbióticas.

“Quase todos os movimentos de desenvolvimento pessoal e healing têm estado organizados para sair da internet e procurar algo mais orgânico, mas eu acho que nós temos de oferecer soluções para o caminho que o mundo está a evoluir e não só resistir à evolução. Penso que a tecnologia tem benefícios se for usada nesse sentido –ao ser uma ferramenta, pode ser usada para construção ou desconstrução.”

Ouvimos VALLECHI mais um pouco sobre este tema, onde a sua sensibilidade parece tocar no mesmo tipo de tónica que a sua música consegue captar:

“A nível de sociedade nós temos tido uma grande evolução. Por exemplo, nos anos setenta e oitenta

havia uma grande consciencialização e as pessoas juntavam-se muito para fazer destacar conceitos maiores que elas, como se fossem criar comunidades para liberdade a vários níveis. E o que tem acontecido é que o oposto tem vingado, o individualismo e a identidade própria. Tanto um como o outro têm coisas boas e coisas más, o que eu acho é que para evoluir no mundo, primeiro temos de evoluir em nós, para depois conseguirmos evoluir em comunidade.”

Depois de mergulharmos nas suas ideias, tivemos também oportunidade de falar sobre a imagem do projecto, que nos pareceu rica e com um desenvolvimento cuidado.

“Para mim a componente visual é tão rica como a parte musical porque também está relacionada com a partilha de uma mensagem. Há pessoas que se relacionam mais com a parte auditiva e outras com a parte visual. O meu background em branding também me faz ter essa componente muito presente.”

Antes de fecharmos, perguntei ao VALLECHI como foi ter assinado pela Discotexas, uma editora de prestígio na música electrónica e onde muitos compositores, produtores e artistas gostariam de estar. Pelos vistos, a componente de branding da resposta anterior, já o tinha aproximado da editora ainda antes de saber que iria assinar com eles:

“São artistas de música que já conheço há muitos anos e que são meus amigos, temos um estúdio lado a lado aqui em Marvila. Já tinha vindo a trabalhar a nova direcção para Discotexas, assim como o desenvolvimento do projecto do Moullinex.”

Ri-se, e nós também nos rimos, quando nos diz que foi tudo muito friends & family, numa clara alusão à linguagem das marcas que conhece tão bem.

“Quando finalizei as minhas músicas, mostrei-lhes e eles convidaram-me a lançar na label deles. Não foi bem premeditado, mas o nosso envolvimento materializou-se porque eles acharam que fazia sentido no gosto deles.”

O VALLECHI mostra-nos que as nossas intenções artísticas podem ultrapassar o ego e dirigirem-se ao bem-estar de quem está à nossa volta. Gostámos de o conhecer e ficamos a aguardar o disco como quem espera uma sessão de terapia –curiosos com a próxima descoberta.

O VALLECHI é o mais recente DJ no painel de luxo da Discotexas e está a dar passos seguros para nos apresentar trabalhos mais longos. Por agora, já ouvimos a faixa Hold, o primeiro single, que nos impressionou muito e que recomendamos. Tivemos a oportunidade de conversar com VALLECHI acerca da sua música –não só das batidas electrónicas, mas também de uma possível componente terapêutica que a música nos permite descobrir.

Handwritten signature

CENTRAL
BANK

Handwritten signature

RASHEL LSCAG RASHEL LSCAG

fotografia MARIÁ RITA
fashion editor TIAGO FERREIRA
mu VERÓNICA ZOIO
ass.styling GIULIANNÁ MANCUSO

camisa BOTTEGA VENETA na Stivali,
colares e pulseira MATEO



RÁFÆL LEÃO é um futebolista no patamar de excelência que qualquer menino já sonhou para si. Felizmente, também é muito mais do que isso. Sim, mais do que o MVP da Serie A e campeão da última edição, mais do que aquele golaço no Mundial que dificilmente vamos esquecer. A forma como navega no mundo da moda e da música revela como criadores visionários podem surgir sempre onde menos esperamos.

“Eu tento separar as coisas, podia ser música como podia ser moda ou outra coisa qualquer. Eu sou futebolista, mas não podemos ter limites para o que queremos fazer.”

Com profissionalismo e paixão em simultâneo, RÁFÆL LEÃO explica-nos que o seu clube, o campeão italiano AC Milan, confia na sua gestão. Por muito que nos apresente projectos criativos como a marca SON IS SON, ou a sua chegada ao rap como WAY 45, nunca deixa a performance dentro das quatro linhas baixar de intensidade. “Sempre gostei de música, quando ia para o treino, quando era mais novo, durante os intervalos, sempre foi uma maneira de me divertir. Talvez por causa do meu pai e do meu tio, sinto que a música vai fazer sempre parte de mim.”

Vai ser mesmo pela música que começamos a falar. Nota-se o à vontade de RÁFÆL neste tema, o seu sorriso surge com naturalidade quando fala sobre as primeiras canções se começaram a ouvir em casa. Pergunto-lhe de onde surgiu esta paixão: “O meu pai fazia música e o meu tio era DJ, ouvia os sons que o meu pai fazia porque ele já tinha projectos feitos e ouvia os CD’s que ele tinha lá em casa com as suas músicas. Era semba.”

Depois do seu primeiro projecto, *Beginning* (2021), que surgiu depois de RÁFÆL LEÃO ter começado a escrever canções na quarentena, continuaram a somar-se colaborações e singles. “Eu sou uma pessoa que não fala muito, mas escreve bué.” “Aquilo que eu tento transmitir na minha música é aquilo que as pessoas não sabem, muito do que tenho guardado dentro de mim e que não transmito assim tanto ou que não consigo transmitir em entrevistas, nem dou muitas entrevistas, mas que consigo através das minhas letras. Na música, consigo controlar isso.”

Para além de lhe oferecer uma forma de expressão que o futebol simplesmente não oferece aos seus atletas, RÁFÆL LEÃO não esconde que a música é uma chance de dar a conhecer o seu talento, assim como muitos outros. Quer utilizar a sua plataforma para também dar a conhecer o talento que reconhece.

Aproveitamos essa vontade de partilhar músicos em que acredita para falar sobre a 608 RECORDS, a editora a que RÁFÆL LEÃO pertence, em conjunto com músicos como MEGGY, ALLIS, LEOSTUNNA e YEEZYURI. Não é um clube de futebol, mas também é a sua equipa: “Tenho plena confiança nas pessoas que nós escolhemos

e estamos a trabalhar com excelentes profissionais e artistas com muito talento. Também estou ligado à BĠANG, artistas do meu bairro também e que estão inseridos no meu álbum.”

Aproveito a passagem para o bairro para também mudar de assunto, para saber se a moda também o acompanha desde a altura em que crescia no Bairro da Jamaica, no Seixal. “Nós tínhamos pouco, mas éramos vaidosos. Os rapazes com quem eu me dou não sonhavam em vestir LOUIS VUITTON, mas já gostavam de ir à Zara e pegar umas cenas pequenas diferentes dos outros.”

Há uma sinceridade nesta expressão pessoal que é evidente quando vemos o RÁFÆL LEÃO. O seu gosto por moda é orgânico e durante a sessão de fotografias a conversa foi animada pelo seu gosto e considerações acerca das escolhas de styling do TIAGO FERREIRA.

Tal como na música, isto é algo que vinha de casa, ainda antes de vir do bairro: “Eu já gostava, mas as pessoas ao meu redor também foram sempre muito vaidosas. Quando eu era puto o meu pai não me deixava sair mal vestido e quê. Dizia-me para não sair de casa sem relógio, nem que fosse só para ver as horas.”

Conversámos também sobre como a relação de RÁFÆL LEÃO com o bairro o deixou com vontade de criar um projecto mais próximo do streetwear. A marca SON IS SON já lançou vários drops e teve direito a destaques na imprensa dedicada ao hype. Eu aproveito para perguntar ao RÁFÆL quais são as peças de roupa mais clássicas do streetwear para ele: “Fato de treino. Nós usávamos mais fato de treino. Agora é que já ligamos mais às calças largas, mas fato de treino veio primeiro.”

É também aproveito para lhe perguntar se o AC Milan é o clube mais pausado ou não (para mim é, daí a pergunta). “É um dos mais pausados. Neste momento, sem dúvida. Quando eles fizeram aquele casaco... A collab que nós fizemos com a OFF-WHITE fez mesmo que as pessoas olhassem para o Milan mais como um clube da moda.”

No que toca aos futebolistas, conseguimos descobrir que também curte o estilo do “BELLERIN, ya. JOE WILLOCK. JOÃO CANCELO, também curto o estilo de vestir dele.”

Quando pergunto se curte outros desportistas para além do futebol, volta a revelar aquela ligação à cultura que o caracteriza: “Shai.” Está a referir-se a SHAI-GILGEOUS ALEXANDER, o basquetebolista dos Oklahoma City Thunder que junta as performances em campo à viralidade dos seus coordenados.

RÁFÆL LEÃO também nos conta como certas ideias podiam aproximar o futebol da moda. Esta sugestão que me deu, com tranquilidade, deixou-me a pensar do porquê de não se aproveitar

mais esta convergência entre desporto e cultura: “Também acho que podíamos ir buscar um bocado daquela cena dos Estados Unidos, chegar com roupa normal vestida. Queria mais conteúdos desse género.” Concorda comigo quando lhe pergunto se fazer como na NBA seria cool.

Mesmo quando a conversa teve um grande foco na música e na moda, ainda arranjámos um bocadinho de tempo para falar de futebol. Não tem rodeios quando lhe pergunto quais são os seus sonhos por cumprir: “Bola de Ouro e Liga de Campeões.”

Lembrei-me de quando anteriormente na conversa me tinha dito que os seus collabs de sonho na música seriam “LIL BABY, RODDY RICH e LIL DURK”. Quando se está a lutar para que os sonhos aconteçam, é natural que se tornem mais ambiciosos.

Ainda assim, para continuarmos no campo das coisas que só acontecem a quem trabalha muito por elas, perguntei ao RÁFÆL como foi ganhar o MVP da Série A: “Sinceramente, não estava à espera. Nós fomos campeões, recebemos o prémio e depois disseram-me para esperar que ia ganhar o melhor jogador do campeonato. Ya, ya, vou esperar.”

Diz-me que não o teria conseguido fazer sozinho: “Foi fruto da época da minha equipa. Estivemos muito fortes, também tive um grande contributo, mas não estava à espera.”

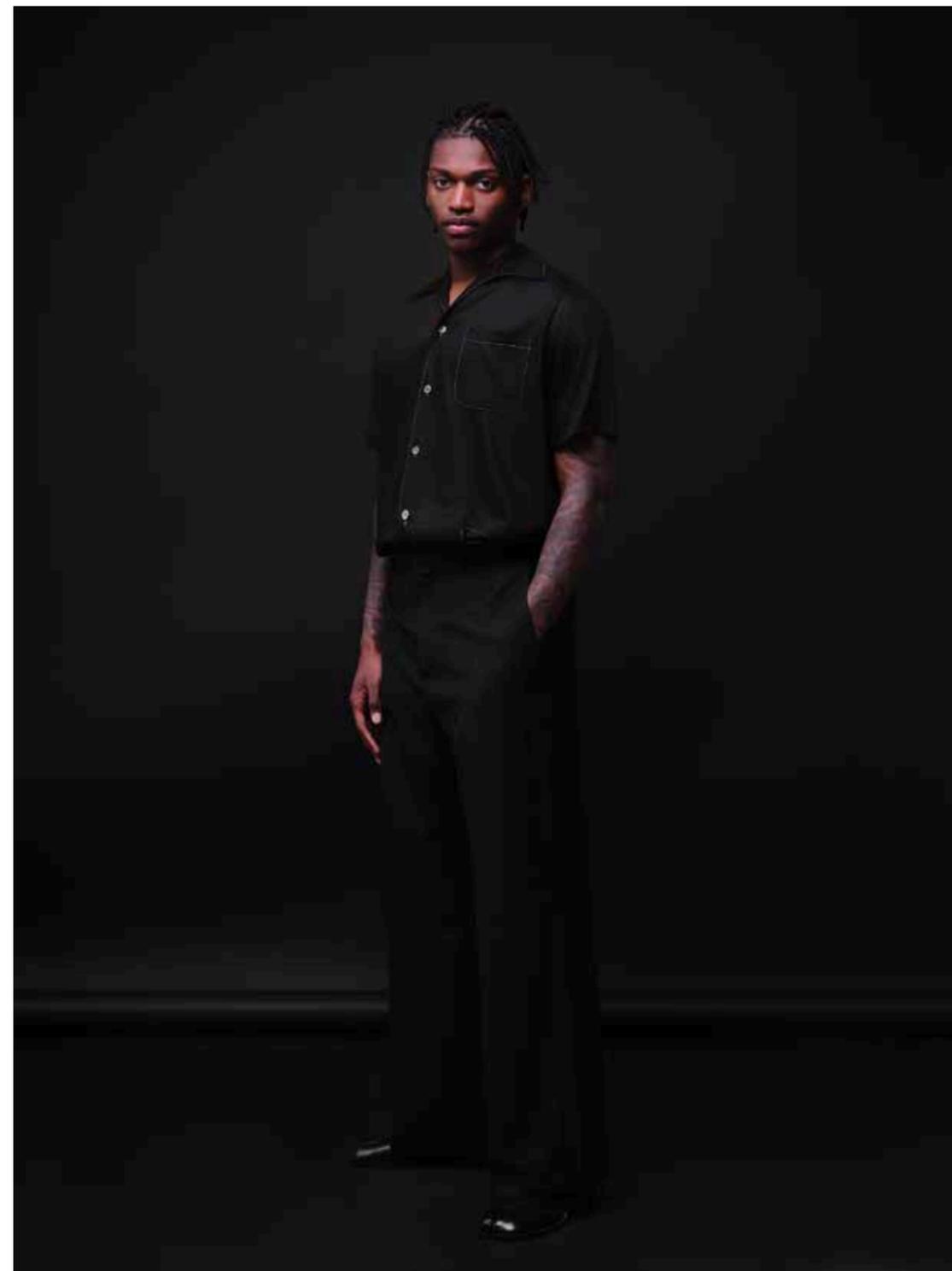
Antes de nos despedirmos, não me esqueço de lhe perguntar se tem algum conselho sobre como fazer um estúdio em casa para quem também tiver o sonho de se mexer na música: “Eu tenho um mini-estúdio. Colunas, microfone e um computador. É uma placa de som. Actualmente, consegues fazer tudo. Vais ao YouTube, tutorial, melhor do que ficar à espera do teu produtor, arranjas sempre uma forma.”

O RÁFÆL LEÃO mostra-nos que quando somos convocados, só temos de estar à altura das expectativas. É mesmo que isso seja um bocadinho assustador, só temos de nos convencer a nós mesmos para os receios parecerem mais pequenos e fáceis de controlar. “Hoje metemos dois golos, o próximo jogo logo se vê.”





full look BOTTEGA VENETA na Stivali,
colar MATEO



camisa e sapatos MAISON MARGIELA,
calças AMBUSH na Stivali

full look JACQUEMUS na Stivali,
colar MATEO

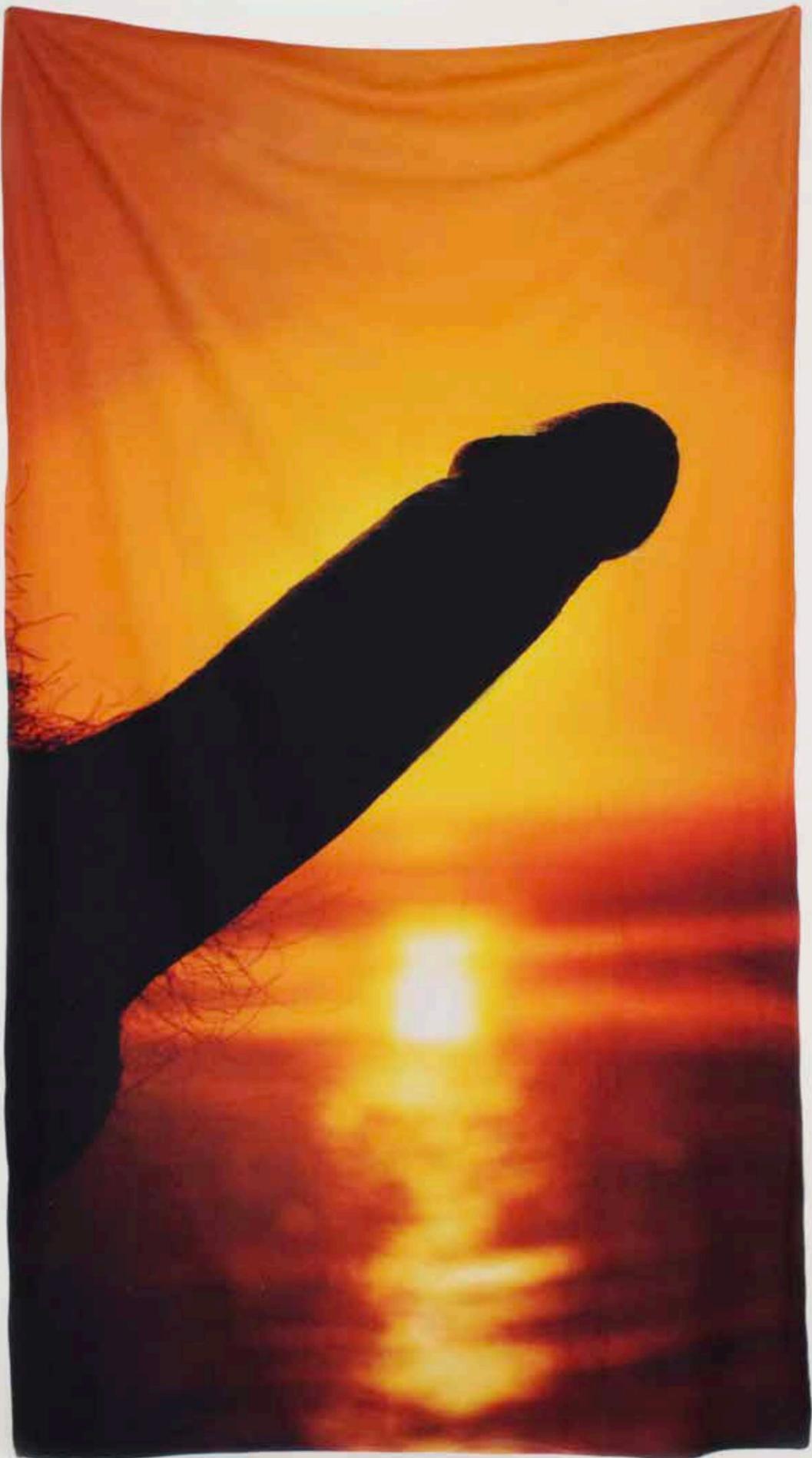




RUI PALMA RUI PALMA HOLY DAYS

HOLY DAYS é uma série de fotografias impressas em toalhas de praia. Iniciada em 2018, tendo como referência os tecidos que se estendem nas janelas quando passa a procissão, os estandartes religiosos ou as bancas de toalhas nos parques de estacionamento de praia, as imagens aludem à iconografia sagrada e símbolos da cultura pop. A toalha surge como suporte relacionado com a água, seca e envolve os corpos molhados, e grava a sua mancha efêmera como um sudário.









CLAUDIA PASCOAL

A PARTIR DAQUI, É SER SÓ NEON MINHOTA

fotografia EDUARDO GONÇALVES @egu.ardo
styling SARA SOARES @cest.fantastique
mu SARA MARQUES DE OLIVEIRA @dapperfish
hair PEDRO SACRAMENTO @420.bombshell
ass.foto JOÃO VASCO @weneedgsus
ass.styling GIULIANNA MANCUSO @gflmancuso
location ARREPIO @arrepilisboa

vestido e touca KAYÁ
MAGALHÃES,
sapatos CONSTANÇA
ENTRUDO,
mala MADALENA VELOSO,
brincos BEATRIZ JARDINHÁ



vestido e touca KAYÁ
MAGALHÃES,
sapatos CONSTANÇA
ENTRUDO,
mala MADALENA VELOSO,
brincos BEATRIZ JARDINHA



Com esta evocativa frase, partilhada após outra forte participação no Festival da Canção, CLÁUDIA PASCOAL anuncia mais uma etapa musical no seu preenchido caminho artístico. Na véspera de lançar o seu segundo álbum, chamado «!», como habitualmente bem recheado de colaborações, falamos do seu percurso, deste e doutros projectos musicais e partilhamos os seus sonhos e ambições.

Concluístes uma segunda passagem pelo Festival da Canção e preparas o lançamento do teu segundo álbum em nome próprio, chamado «!». O teu primeiro álbum foi o «!». Duplicaste a interjeição de um para o outro álbum. Este teu segundo álbum é também um statement, um manifesto pela música?

Este segundo álbum é um statement de quem eu sou verdadeiramente, por isso é que eu quis dar o mesmo nome, mas duplicado, porque é a continuação da minha descoberta enquanto artista musical. Sem dúvida nenhuma é um BI muito mais fidedigno a mim este segundo álbum, primeiro porque escrevi, compus e pré-produzi as canções todas. O processo acompanhou todo o meu crescimento, porque a primeira maquete que entreguei ao DÁVID FONSECA, que é o produtor do álbum, vinha gravada num telemóvel com um ukelele e a última música já vinha pré-produzida. Acho que é a analogia perfeita de como cresci enquanto artista musical e aprendi nessa área

É como vês o teu primeiro álbum depois desta evolução que referes?

Eu estou orgulhosa do meu primeiro álbum. Foi uma forma segura de me apresentar. Este [segundo álbum] é mais radical; e honestamente há uma transição perfeita.

No teu percurso palpita uma reinvenção constante, ainda antes do percurso com os MORHUÁ até ao teu projecto a solo e às incursões pela televisão e festivais. Não apenas reinvenção musical, mas também estética. Esta procura entusiasma-te, é parte essencial da tua evolução criativa, saltos em frente, adiante?

Eu procuro sempre crescer em todas as vertentes em que me envolvo, foi por isso que tirei quatro cursos diferentes que não têm nada a ver uns com os outros. Eu gosto genuinamente de aprender, é tão simples quanto isso. Sempre fui a nerd da escola e continuo a ser; acho que vivemos uma época que prestigia os nerds. Aquela coisa de ficar um dia inteiro à procura de um som à frente do PC, com os meus óculos, é algo que agora é prestigiado. Portanto estou numa fase perfeita para viver e ser artista de música. Eu vou estar sempre à procura de novas formas de me apresentar e de evoluir. Gosto muito de todas as vertentes do audiovisual da música, a produção é algo de que me aproximo cada vez mais e que completa o meu trabalho

Para ti um álbum perfeito seria algo totalmente realizado por ti?

Eu já tento fazer isso, todos os artistas em Portugal já têm de o fazer. Um artista musical já não só faz a música e chega ao palco e canta, é diretor musical, produtor, fotógrafo, videógrafo; há todo um papel a preencher.

Sinto que estás continuamente a criar, até acho curioso que refiras que a música foi-se tornando como um desabafo, uma terapia, uma profissão e antes não era algo que tomasse muito a sério. Ou seja, foste galgando alguns degraus até te encarares como música. É verdade isto, foi um processo consciente de descoberta e de afirmação, com alguns percalços?

Eu nunca me levei muito a sério enquanto artista de música porque, lá está, foi uma das poucas áreas que não estudei. Quando me propuseram fazer um álbum, foi um desafio, mas depois percebi que as artes plásticas têm tudo a ver com música, o cinema tem tudo a ver com música e até a ourivesaria tem a ver com música, por isso percebi que estava na minha praia.

Ou seja, foste-te aproximando da música?

Exactamente, eu não comecei [imediatamente] a compor ou a escrever pautas. Eu dei a volta ao contrário, comecei a fazer vídeos e só depois surgiu a música, a composição e tudo o mais. Vou sempre pelos lados mais estranhos, mas eu gosto.

Temos que falar também de activismo e da tua canção «Nasci Maria». O activismo —e o feminismo, por exemplo— são elementos importantes para o artista enquanto elemento participante na actualidade. Vês-te assim, com essa presença e possibilidade de afirmação enquanto mulher artista, até como exemplo para os outros e outras? Mas também atrai reacções negativas, imagino.

O meu objetivo com o «Nasci Maria», nunca foi —agora vou aqui fazer um statement feminista,— ativista. Foi mesmo estar a falar de mim, desta frustração de ser mulher na música e estar constantemente a lutar para ter espaço, que já devia estar garantido como meu. Eu devia ter o direito de existir, tal como todas as pessoas e isso ainda não acontece totalmente. As músicas acabam sempre por ser autobiográficas, naturalmente falei novamente desta causa. Percebi, felizmente, que existem muitas pessoas que pensam de forma igual e tive muitas partilhas positivas a dizê-lo, a reconhecer-se nessa posição e a partilhar da opinião.

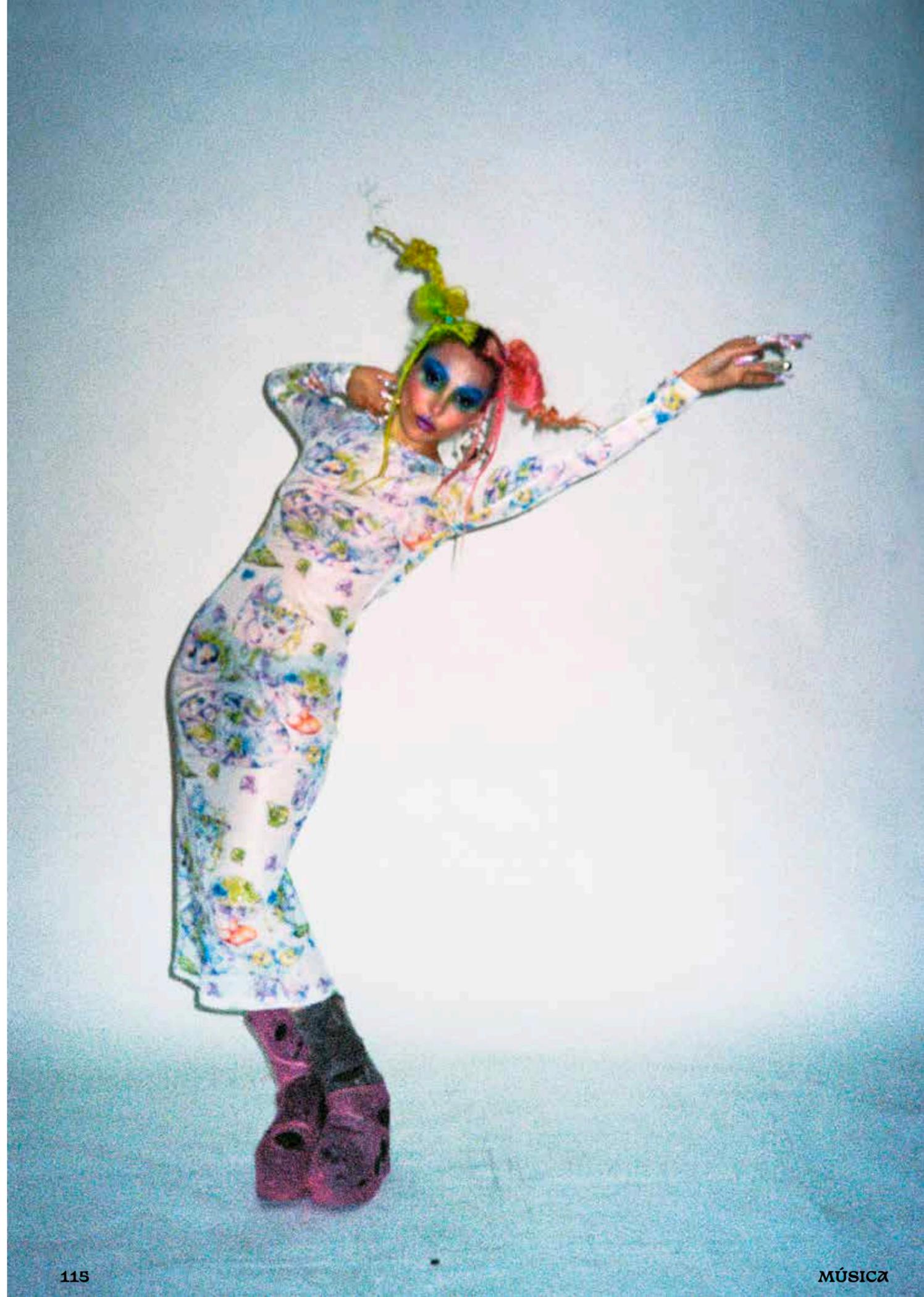
Mas algum motivo mais específico que te tenha levado a criar este tema?

Foi mais um conjunto diário de situações acumuladas. O mundo está a evoluir, felizmente, mas o mundo ainda pertence muito ao sexo masculino e isso tem que ser modificado. Na vertente musical sinto que ainda é



top da HOUSE OF WILDFLOWERS, saia
MADALENA VELOSO, luvas ÇAL PFUNGST,
chapéu CONSTANÇA ENTRUDO, brincos e choker
BEATRIZ JARDINHA, sapatos TRASH DYNASTY

vestido CONSTANÇA ENTRUDO,
choker, brincos e anéis BEATRIZ JARDINHA,
anel dedal ANA VASCONCELOS





bastante dominado pelos homens e isso tem que ser visto de outra forma.

À tua produção musical vive de imensas colaborações, já de antes e agora, também com o novo álbum, em que expandes esta ideia de comunidade com outros autores, com FILIPE MELO, TIAGO BETTENCOURT, SAMUEL ÚRIA e MANUELA AZEVEDO, até NUNO MARKL e outros. Como é que funciona o processo de acolher e trabalhar todas estas contribuições? É uma coisa que procuras ativamente, colaborar com outros, fazer coisas a meias?

À música só faz sentido quando é partilhada. Eu vejo essa posição profissional como uma sorte muito grande e se não aproveitar para conhecer as pessoas que admiro, acho que estaria a ser muito burrinha. Portanto, basicamente é isso que eu faço com o meu trabalho, procuro as pessoas que mais admiro e quero aprender o máximo com elas, aproximando-me delas para trabalhar.

É como é feita essa abordagem? Qual delas te parecia mais difícil à partida e até tinhas vergonha só de pensar no contacto?

Não é vergonha, mas a MANUELA AZEVEDO era a que me intimidava porque era a minha ídola. Fiquei mesmo nervosa quando lhe liguei, mal me atrevi a falar do álbum e já lhe estava a pedir desculpa. Mas ela disse logo que sim. Aliás, todas as pessoas que estão no álbum disseram logo que sim e é fantástico perceber que todos estes artistas, que tenho em grande consideração, querem ouvir-me e estar comigo. É simplesmente espectacular contar com eles.

Uma coisa que me agrada imenso é que a tua música não se arruma numa gaveta só, não é facilmente categorizável. Isto é, a única categoria possível é a música de «CLÁUDIA PASCOAL». À partir daí vais ao pop, à ligeira, à música tradicional portuguesa, a diversos caminhos em que testas a tua musicalidade. Vês que há ainda muito para explorares e testares, a nível de imagem e a nível de trabalho de voz, queeres estar nessa posição de desbravadora?

Oh, isso é tão fofo. Adoro estas perguntas que vêm em forma de elogio. Eu nunca faço as coisas com uma intenção de procurar isto ou aquilo, se faz mais sentido ou não. Vou falando de mim e da minha raiz. Este álbum é resultado disso, fala da minha herança. Tenho a música ligeira com a Banda Musical de São Pedro da Cova (Gondomar), que apareceu no primeiro álbum, tem cânticos de ranchos e tudo mais. [Esta] é a minha origem, o meu BI. Se [me perguntam] no próximo álbum se vou novamente por aí, acho que não. No próximo álbum vou falar de mim, das minhas raízes de agora. Fazer música é a liberdade de estar constantemente a procurar novas soluções.

Ào ouvir-te, nalgumas músicas e nalguns trechos, percebo também –talvez reflexo do teu

percurso camaleónico e das muitas colaborações – que, a haver um fio condutor, é o da fusão de géneros e linguagens sonoras. Concordas com isto ou achas um exagero? Que tal é ser néon minhota?

É inacreditável haver espaço para me expressar da forma como eu me sinto actualmente, que eu sei que não vai ser a mesma daqui a um ano, ou que não era há um ano atrás. É sempre muito bom ter a liberdade de existir e eu sei o quanto de privilégio isso contém. Vou ser sempre fidedigna àquilo que sou.

À música é claramente o teu elemento e é cedo para falar de um «!!!», quando estás a lançar o «!!» neste Maio. Mas não é demais perguntar-te, que projectos e colaborações e mais deambulações queres e podes revelar?

Já estou a trabalhar no terceiro álbum, porque o segundo já está feito, é só lançá-lo e trabalhar no próximo. Penso que [quero] dar continuidade a esta busca, de trabalhar com as pessoas que admiro. Já tenho uma lista extensa de gente a quem quero enviar músicas e quero combinar [colaborações], porque faz muito sentido. Agora, felizmente que vivo em Lisboa, tenho de aproveitar o ir a todos os estúdios de toda a gente que conheço e é isso que vou fazer, ir a casa das pessoas. Não consigo estar parada.

Mas que outras coisas poderias fazer, para não estares já a preparar o teu quarto e quinto álbuns?

Eu gosto de explorar todas as vertentes artísticas, o cinema e o audiovisual estão presentes a 100% na minha vida, apesar de eu estar um pouco cansada, porque fazer cinema em Portugal é algo exaustivo. Com muitos poucos meios torna-se complicado realizar ideias, mas nunca vou desistir do cinema. Gostava muito de exercer, por exemplo, a apresentação [de programas]. Foi uma vertente que só toquei durante a minha presença no Curto Circuito, em 2016. Gostava de o voltar a fazer porque, na verdade, eu só me aproximei da música porque o que eu gosto mesmo é de comunicação. Tudo o que seja meio para comunicar diretamente com as pessoas, seja a partir do teatro ou concertos, eu adoro e vou à procura disso.

Agenda

19 de Maio – Lançamento do novo álbum !!

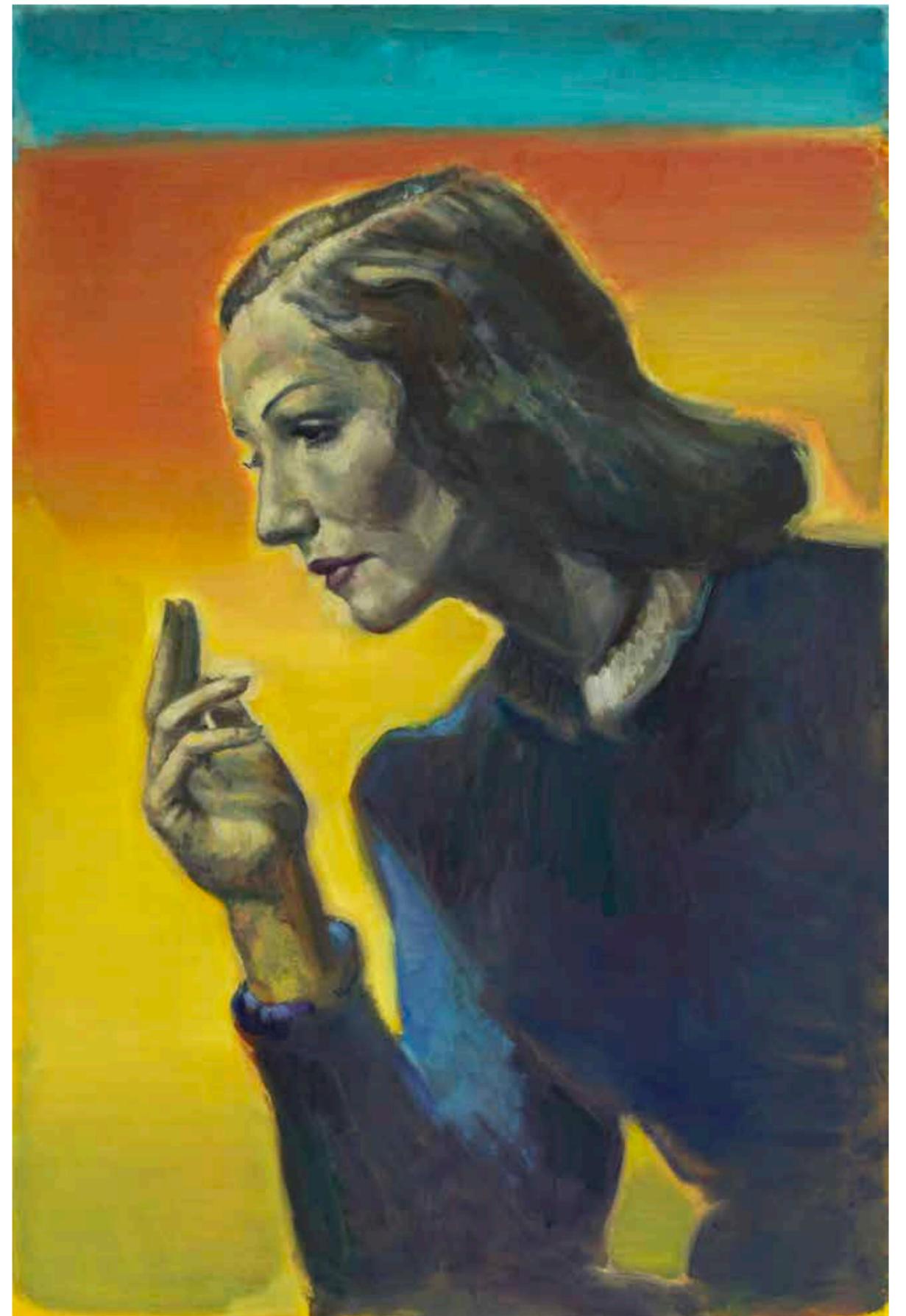
24 de Maio – Concerto de apresentação no Maria Matos, em Lisboa

4 de Junho – Concerto de apresentação no Hard Club, no Porto.

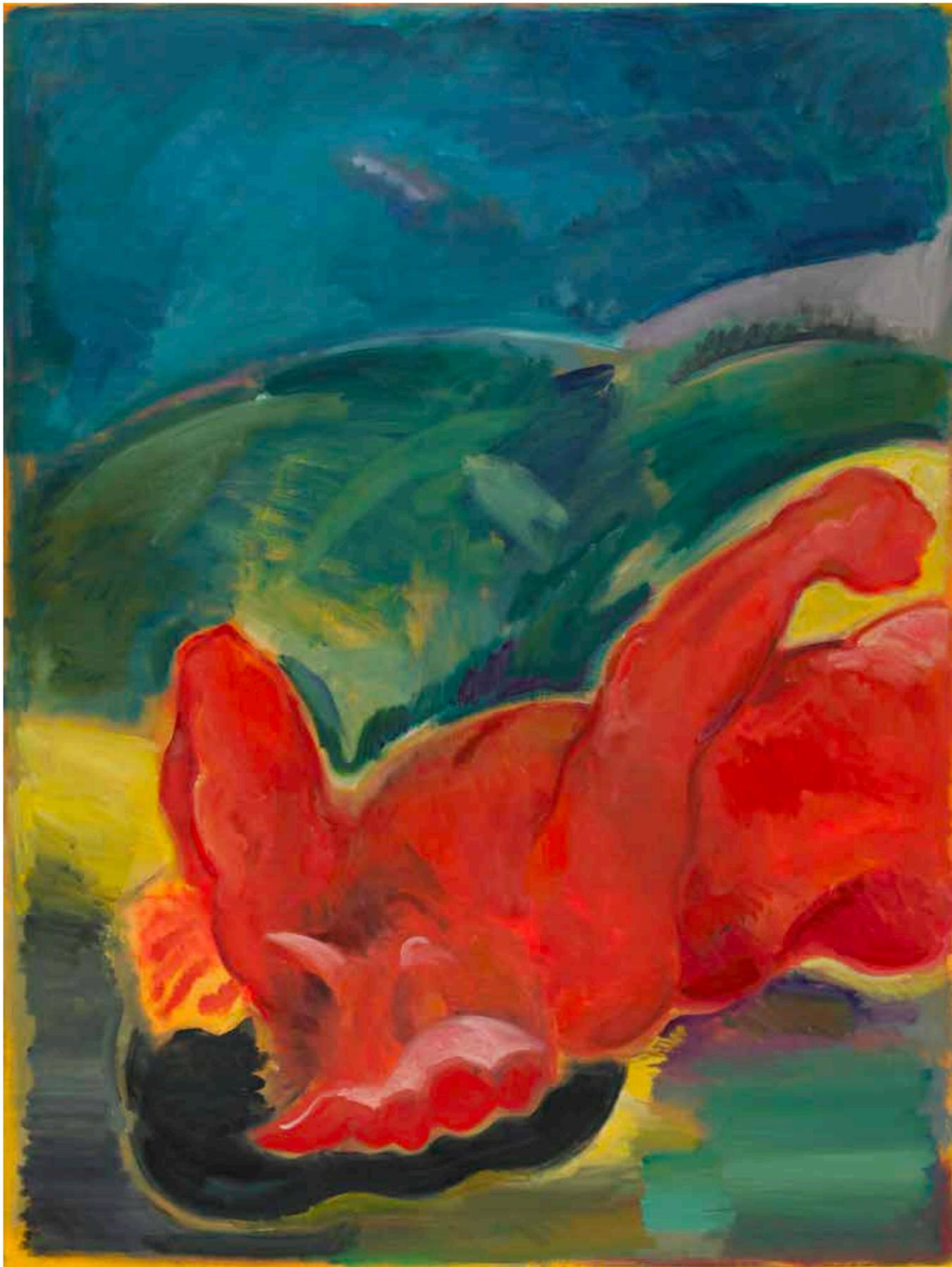
texto —————> FRANCISCO VAZ FERNANDES e RAFAEL VIEIRA

DANIEL SAMBO-RICHTER DANIEL SAMBO-RICHTER

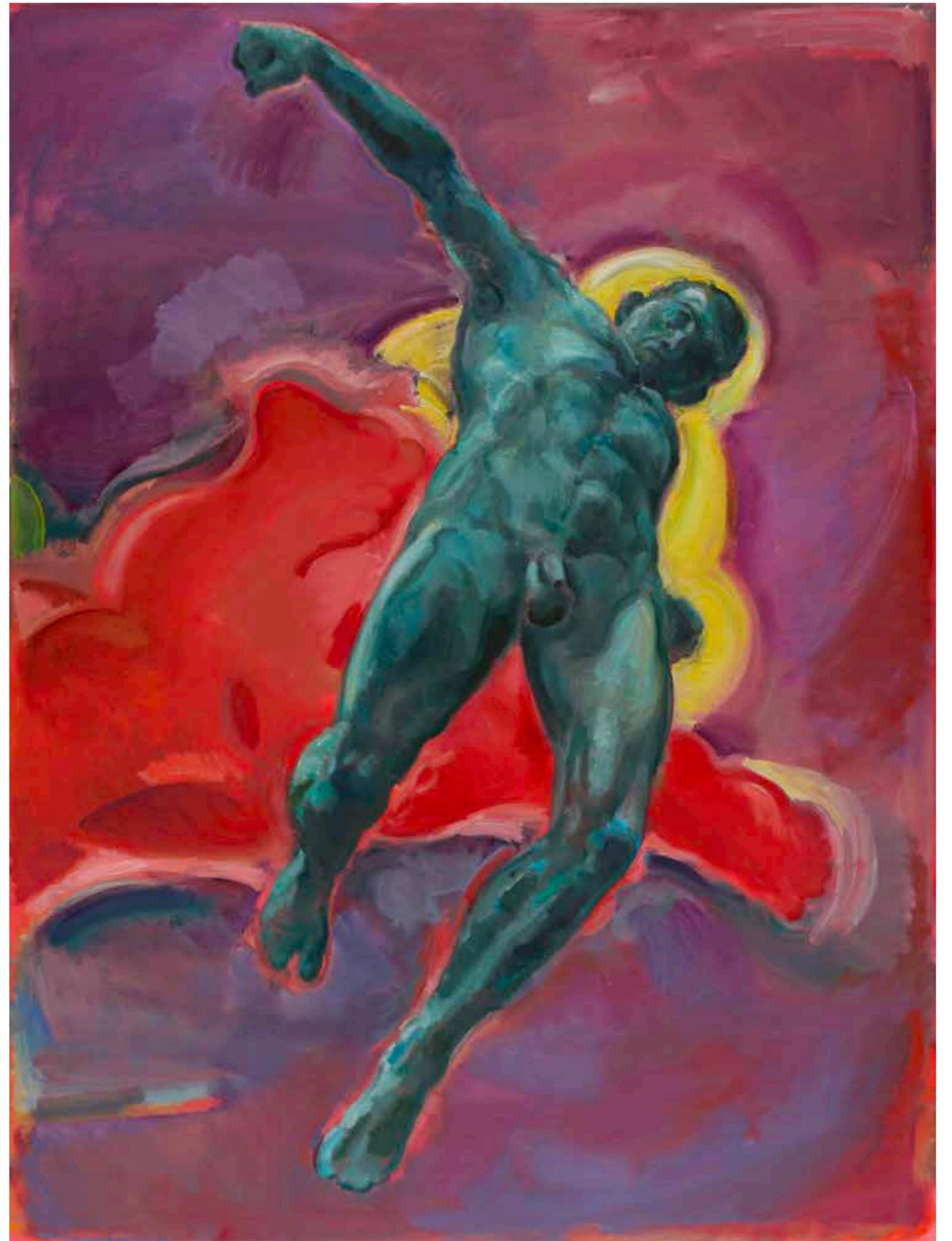
DANIEL SAMBO-RICHTER cresceu na Alemanha do Leste, onde fez parte de um movimento artístico e de protesto com tons punk que se dissolveram com a queda do Muro de Berlim. Desde então, tem estado envolvido na pintura abstracta e ao mesmo tempo participou no renascimento da pintura figurativa na Alemanha, tendo o seu trabalho geralmente ecos políticos. Muitos dos temas que aborda na sua pintura são reinterpretações de imagens do passado alemão, bem como reflexões filosóficas sobre fenómenos sociais e históricos, incluindo o da colonização portuguesa, uma vez que tem uma estreita relação familiar com Angola.



THE FATE OF THE ORCHIDS (TWO FINGERS 2)
2022, oil on canvas, 150 x 100 cm



KING BEE
2022, oil on canvas, diptych, each 200 x 150 cm





ERUPTION I
2020, oil on canvas, 230 x 170 cm



FLUG (from: German Fragments)
2008 oil on canvas 200 x150 cm

MUJAOSES

by SAMM

NUZGES, 2022
Tecedeira - Cláudia Vilas Boas
Painel de 6 tapetes Algodão
reciclado, com técnica de
puxadinho e espinha com
acabamento de costura
básica. 6 x 70cm x 120cm

BARON

Semelhante à forma de uma página em branco, este retângulo, feito apenas da quantidade certa de tiras de algodão tecidas num tear tradicional, é uma porta aberta. É um convite a lançar um novo olhar sobre uma técnica humilde através da visão de uma jovem mulher que é tão apaixonada pelas raízes do seu país como pela energia criativa que o alimenta.

O tapete, como superfície de livre expressão, dá voz a ideias que nos transportam numa viagem única: pode ser uma paisagem marítima, uma composição de formas abstratas enigmáticas, um padrão texturado ton-sur-ton, ou um frente-a-frente com iconografias inusitadas!

Os desperdícios da indústria têxtil local tornam-se um meio para revelar as ideias mais inesperadas de artistas, designers ou ilustradores de diversas culturas e origens. Através desta antiga –mas ainda amplamente utilizada– habilidade, Gur prova que o artesanato tem o poder de inovar, envolver e abraçar o futuro informado pela tradição.

Do chão à parede, estas peças expressam mensagens imaginativas, quase ingénuas, que os tecelões têm a notável capacidade de traduzir em artefactos físicos. De Tóquio a Los Angeles, Porto, Cidade do México ou recentemente Milão, podemos frequentemente ver como este projeto constrói uma comunidade e gera uma linguagem própria atravessando fronteiras.





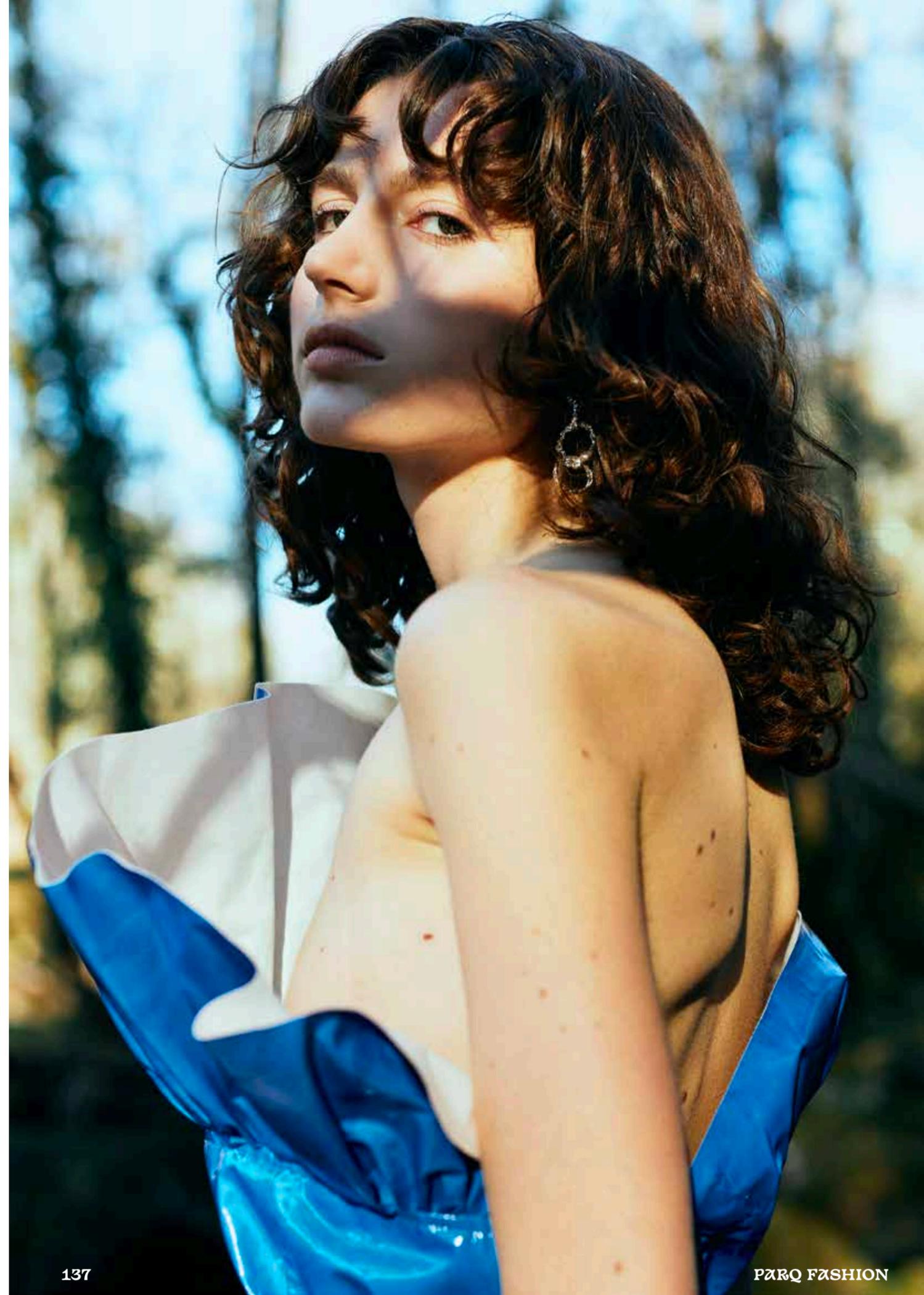




LÁGRIMAS DO MEU RIO

saia usada como top **AHCOR**, brincos
CATARINA CATARINO JEWELRY

fotografia FREDERICO SANTOS @fredericosantos
styling ADRIANA VERÍSSIMO @adriaverissimosilva
mu/hair RITA OLIVEIRA @ritaoliveira_makeupartist
modelo LAURA VITORIA @lauravanderstraeten_
@via_model_managment
ass.foto LUCAS RODRIGUES @lucas_d.r.r.



vestido MARCELO ALMISCARADO, pulseira
CATARINA CATARINO JEWELRY, sapatos ZARA





camisola MĂRQUES ĂLMĒIDĂ,
saia COP-COPINĒ, sapatos BIMBĂ&LOLĂ



camisola MARQUES ALMEIDA,
saia COP-COPINÉ, sapatos BIMBASLOLA

vestido ÆHCOR, pulseira CÆTARINÆ
CÆTARINO JEWELRY





camisa VEEHANA,
brincos CATARINA CATARINO JEWELRY



top VEEHANA,
calção HUGO COSTA,
colar MAISONVERÍSSIMO,
gorro Zara



full look MARCELO ALMISCARADO

WINDFALL STONE



fotografia LUÍS CARMO @luis.carmmo
styling ANDREIA OLIVEIRA @lessensee_k
modelo LEONOR SOUSA @_leonorsousaa_
@centralmodels
thanks to ARMGARD THILL @armgardthill

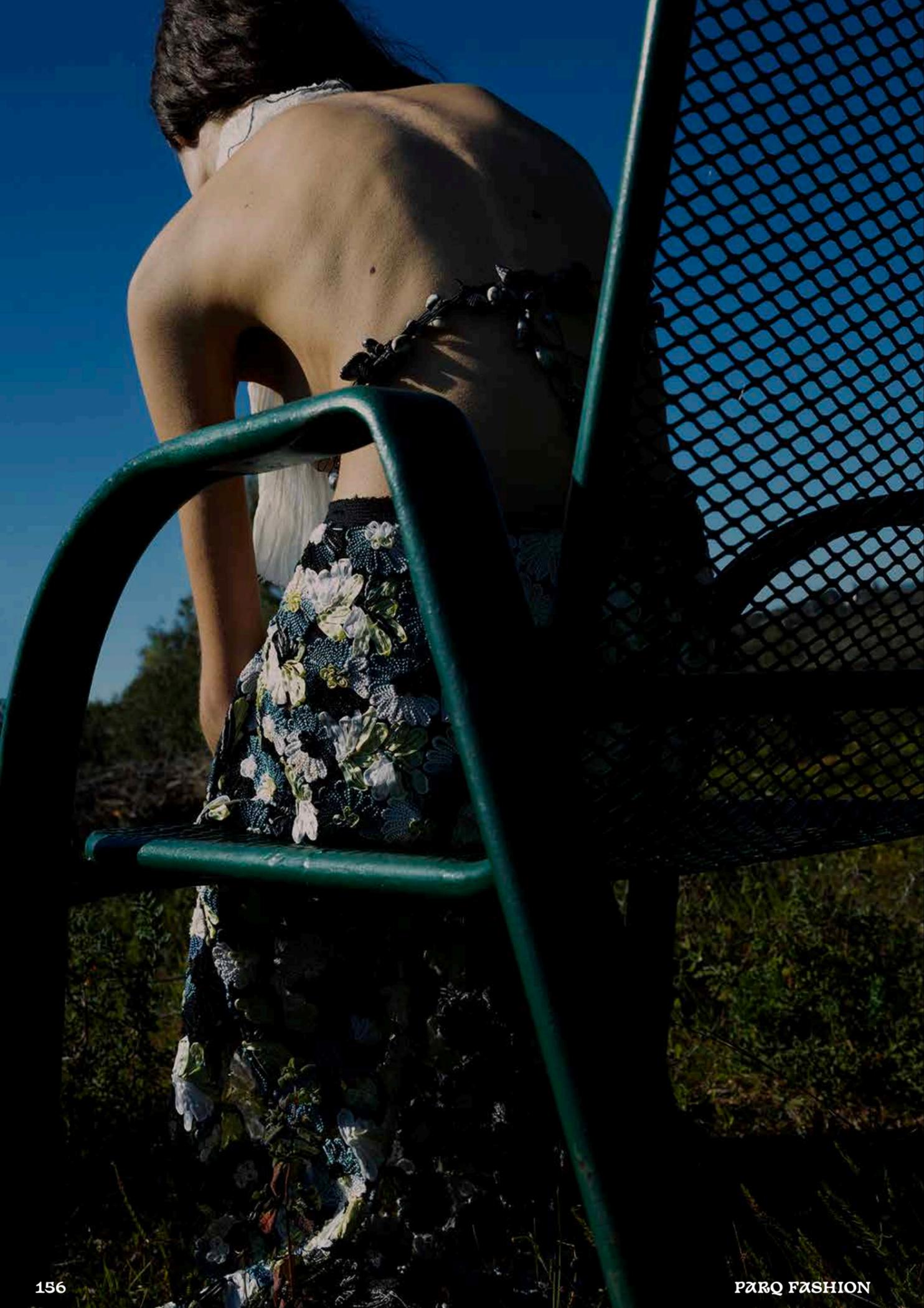
WINDFALL STONE

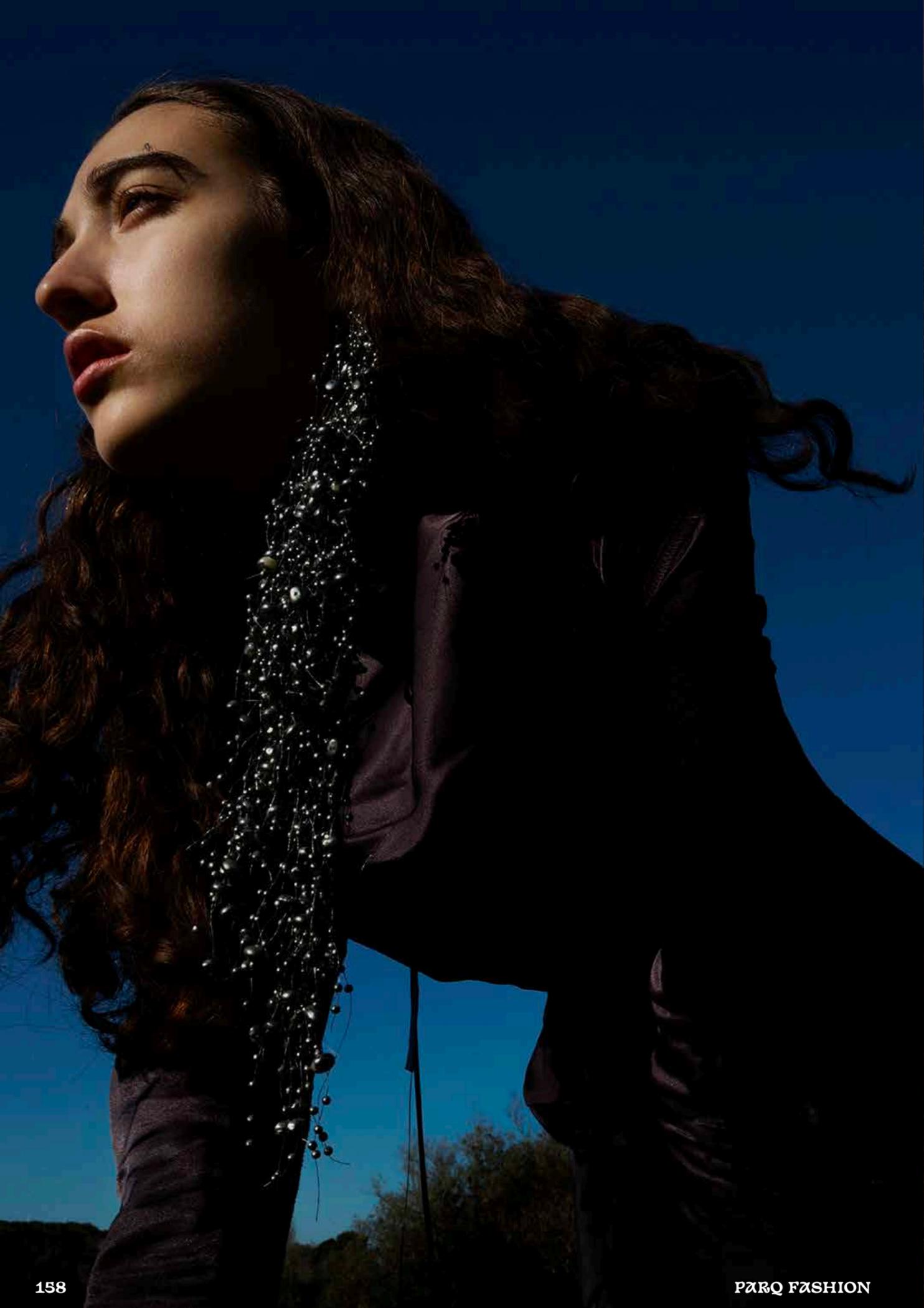
total looks vintage - Upcycling da Produção

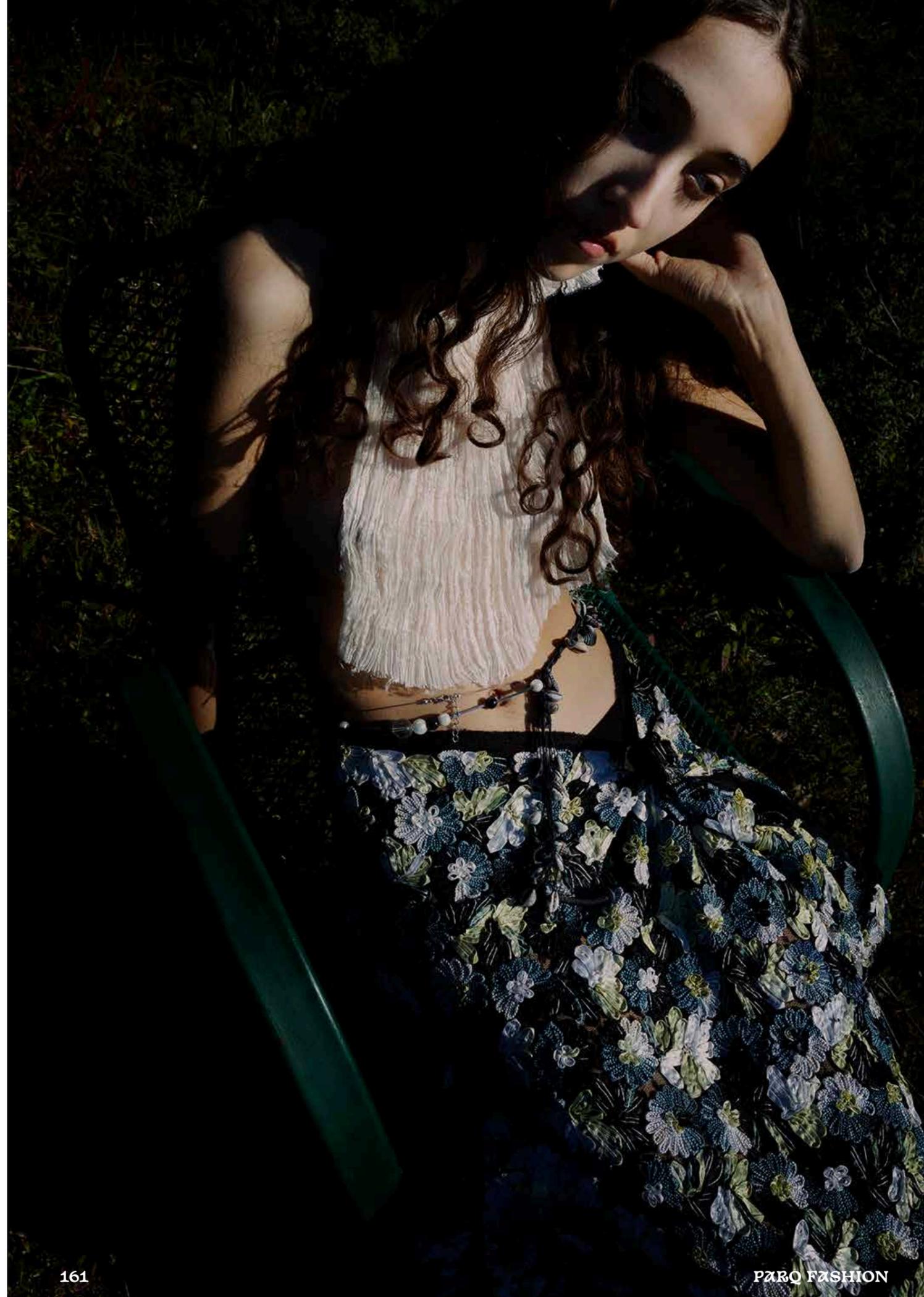
In an array of unexpected happenings everything around them is about to change. They know no more nor less than what the Universe has presented to them in their life path. Surrounded of green, brown and yellowish nature. During a sunny day, they take their horses out for a walk and find themselves in an intriguing moment. They see in the middle of the path what it seems to be a scintillant thing. It seems to shine brighter than the sun –an astonish Quartz Crystal.

As they grab it, a mysterious warmth and a speechless connection begins. It is said that, after this fortunate and unforeseen encounter, their life has turned into a windfall.







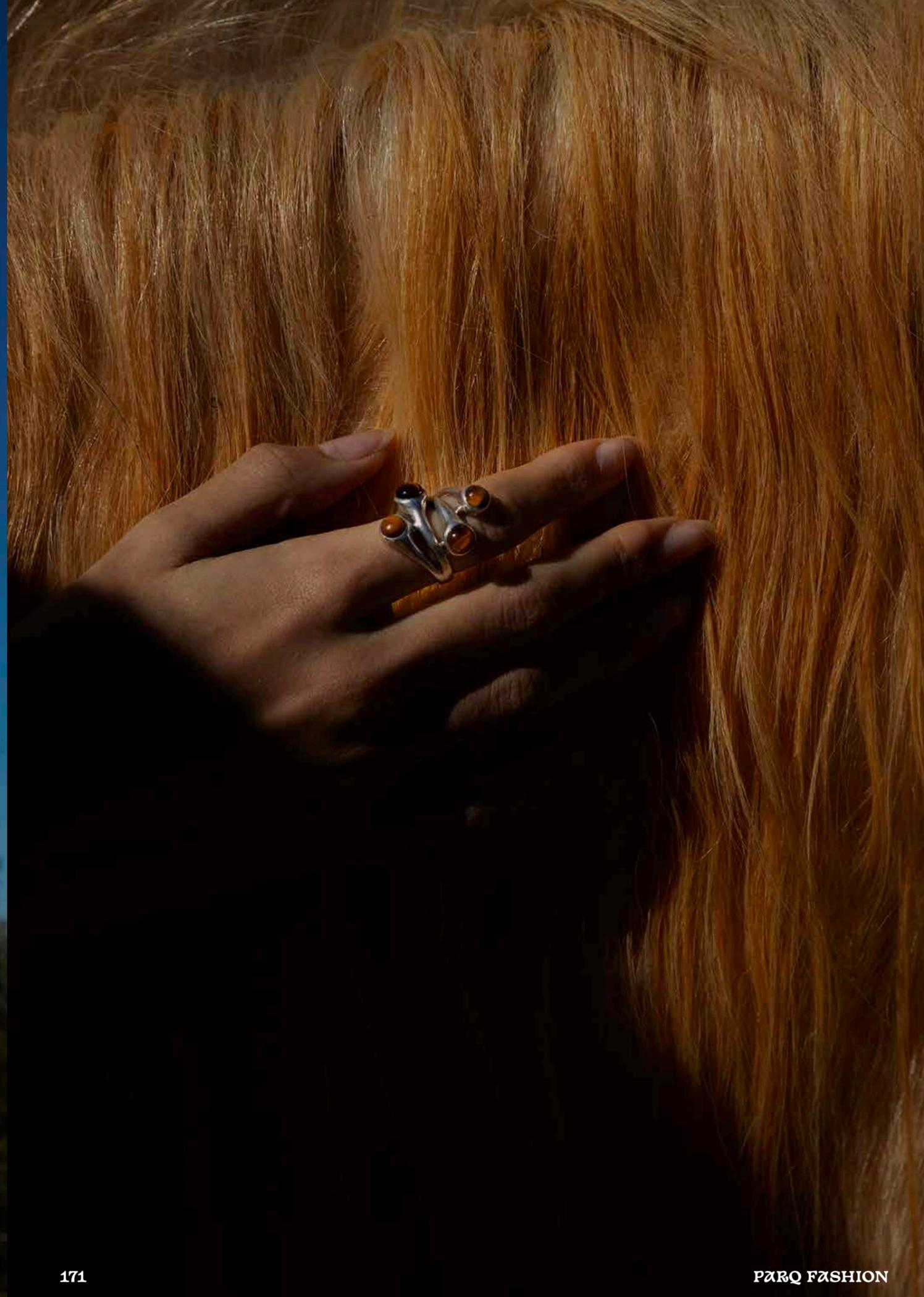














A BEAUTIFUL BOY IN TOWN

cap PULL AND BEAR,
camisola MANGO

fotografia YAGO BARBOSA @yagosbarbosa
styling ALESSANDRA RIZZI @alessandrarizzi__
ass.styling ISABELLE SOUZA @owbelle
make-up DANIELA INACIO @danielainacio.mua
modelo AFONSO VIRIATO @fonsoviriato



bucket YAHMO,
conjunto, calças e casaco em
seda, LIDIJA KOLOVRAT





total look LUÍS CARVALHO

total look LUÍS CARVALHO



conjunto, calças e casaco em
seda, LIDIJĀ KOLOVRĀT



bomber reversível YĀHMO,
gola alta MĀNGO, fio TOUS



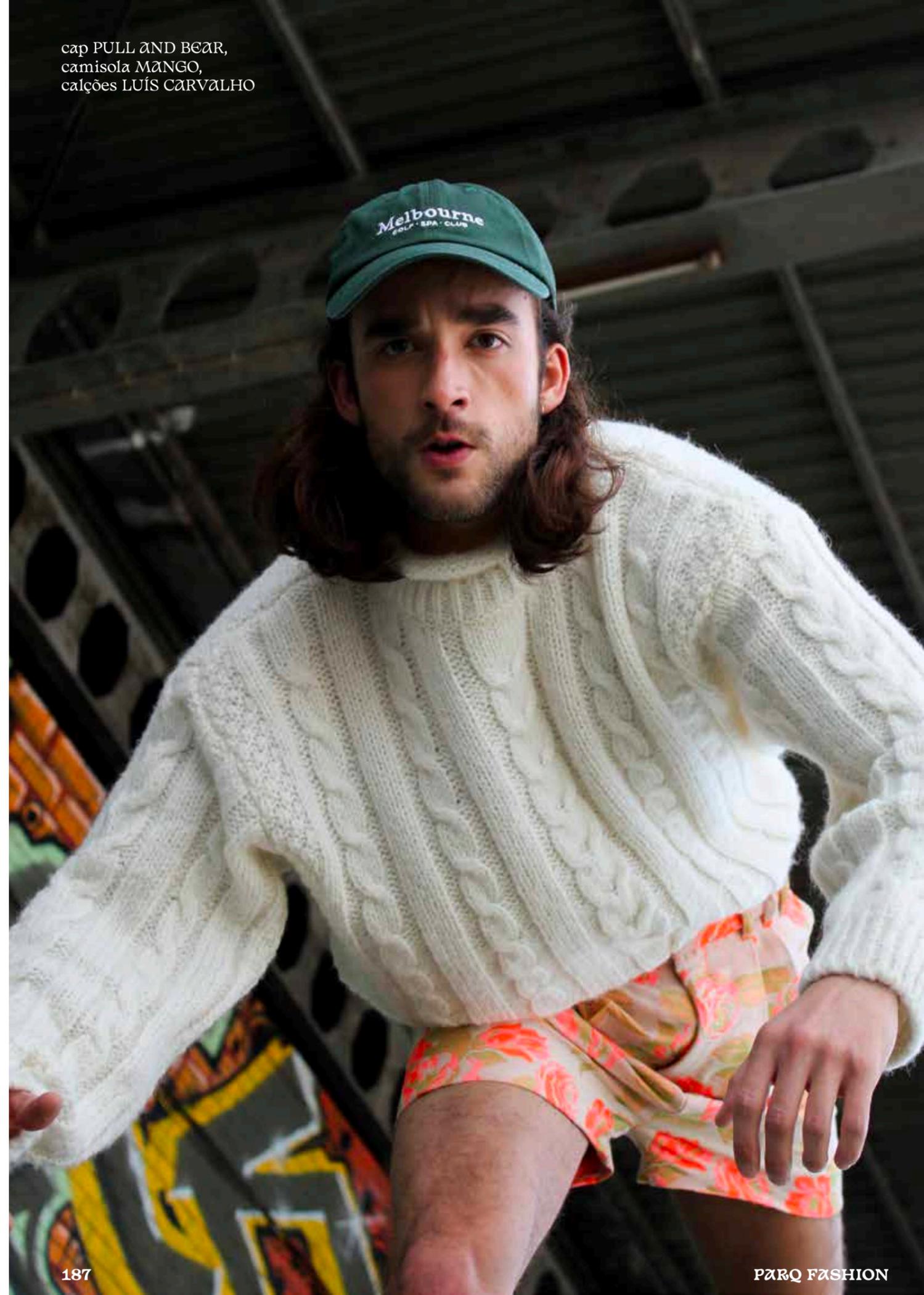
camisa LUÍS CÀRVÀLHO,
anel com pedra, PORTUGAL
JEWELS, restantes anéis TOUS



anel com pedra, PORTUGAL
JEWELS, restantes anéis TOUS



cap PULL AND BEAR,
camisola MANGO,
calções LUÍS CARVALHO





top de malha ĀMIR
SHĀVIT, colar BRĀZĀ

MARGENS PLÁCIDAS

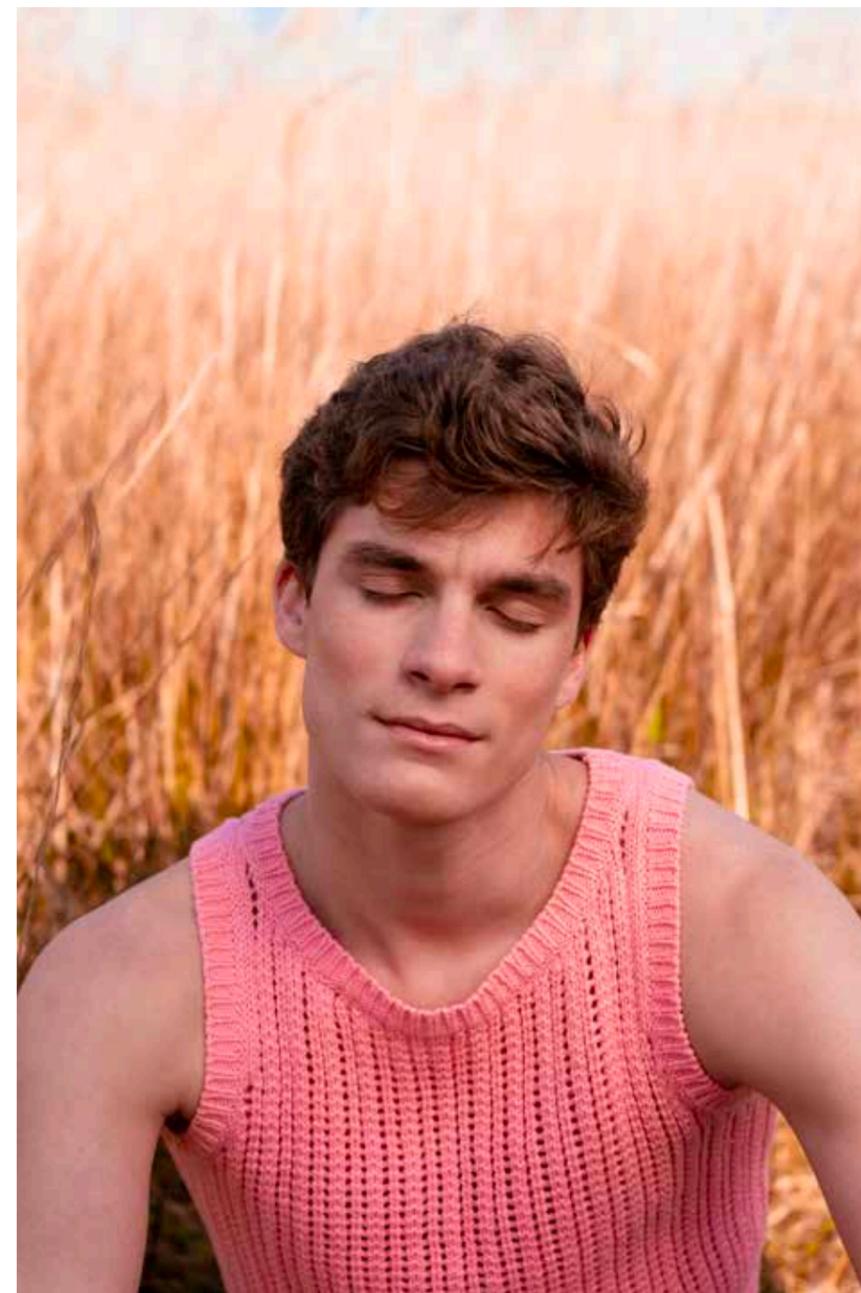
fotografia ISABEL LEAL @isabellealphoto
ass.imagem JOÃO RIBEIRO
styling ADRIANA VERÍSSIMO @adriaverissimosilva
make-up TATIANA SILVA @tatianasilva.makeup
modelo VITÓRIA TEIXEIRA @_vitoria_raquel
RAFAEL MADUREIRA @Rafa18dc
CENTRAL MODELS

calção e top LEVIS





top REVESTE,
saia COP-COPINE,
óculos de sol PRADA



top LEVIS

top REVESTE,
saia COP-COPINE





camisa e macacão LEVIS

hoodie LEVIS,
saia MARCELO ALMISCARADO



hoodie LEVIS





camisa LEVIS, saia AHCOR_LAB,
brincos CATARINA CATARINO JEWELRY

top LEVIS, colar MAISONVERISSIMO





Handwritten cursive text:
P A R T I C L E S
P A R T I C L E S



Uni

Rua de O Século, 204 Lisboa
Qui. → Dom. das 18h00 → 02h00

Desidratar, fumar, amenizar, colocar em vácuo, fazer reduções criar espumas, ares e geis, são uma panóplia de termos e práticas que encontramos na alta cozinha e que passam a ser de uso comum no cocktail bar que Constança Raposo Cordeiro idealizou. O Uni é isso mesmo, um espaço com um carta de cocktails únicos que se realizam com esse tipo de técnicas sofisticadas. Cada cocktail é tratado como se fosse uma matéria preciosa, obtido com perseverança e um nível pesquisa elevado. Constança procura levar a sua mixologia o mais longe possível, ou seja, não se está a propor reproduções de cocktails clássicos nem variações. O objetivo é chegar a uma elaboração complexa e inovadora que crie um efeito surpresa.

Há sempre algo de revelação e tal como “nez”, um mestre perfumista procura chegar aquela solução única e mágica. Só introduzindo complexidade, ou seja, um maior número de elementos que cruzados é possível chegar a algo novo e surpreendente. As criações Uni integram 10 a 18 botânicos aplicados a partir de um conhecimento de carácter científico. São longamente testados e minuciosamente equilibrados até chegarem ao ponto em que a mentora decide estar pronto a a ser um Uni e entrar na carta. Depois tudo fica no segredo dos deuses. Tudo dependente do grau de conhecimento experimental da Constança que a leva integrar herbáceas disponíveis na costa de Cascais onde reside e que a própria colhe.

Na Carta do Uni constam 10 cocktails com nomes estranhos, como pertencentes a uma língua desconhecida porque Constança também não quer dar pistas. Consequentemente escolher torna-se uma aventura. Contudo há informação sumária que se torna um verdadeiro ponto de luz ao fim do túnel que intuitivamente nos induz ao encontro das nossas preferências.

Com porta aberta no Príncipe Real, Constança está lá para nos ajudar, em torno da sua rocha, metalizada e reluzente, uma verdadeira obra de arte que ocupa a quase totalidade do espaço do Uni. É um balcão singular para o máximo de dez lugares, onde debruçados, tudo se passa, olho no olho, aconchegados por cortinas que nos rodeiam. Nesse espaço aconchegante sentimos proximidade e permissão para que tudo se torne automaticamente convivial. Ao som de uma pop anos 90 metemos conversa com os que estão e com os que chegam com a mesma ligeireza da banda sonora. Isto não quer dizer que estando muito apaixonado e só com olhos para o ser amado que não seja possível encontrarmos nesse balcão a intimidade suficiente. É uma tarefa difícil, bem sei, mas nada é impossível.

Cada cocktail estará disponível por 16€

texto —————> FRANCISCO VAZ FERNANDES



AMARU

Amaru

Rua de São Paulo, 204, Lisboa
Qua. → Dom. das 18h00 → 01h00



Numa das pontas da rua de São Paulo, no movimentado Cais do Sodré, surge o Amaru que é muito mais do que um aparente bar quando olhado de relance. O seu estratégico balcão virado para rua tem muito mais que se diga. No fundo brilha em néon, a cabeça do Amaru, herói mítico do Peru mas que em Lisboa bem pode ser reconhecido como o novo padroeiro da street food peruana. É só atravessar a porta ao lado e encontrar acolhedora sala com uma arquitetura sem grandes atavios e essencialmente pensada para ser muito funcional. A ideia do grupo de sócios era trazer comida peruana para Lisboa, não modelos cristalizados mas algo em evolução tal como acontece no Perú. Como explica David Gaspar, um dos sócios, a comida Peruana é já por natureza uma cozinha de fusão, porque mistura as suas raízes locais incas com as influências coloniais espanhóis onde junta ainda uma influência japonesa e chinesa introduzida por comunidades que se instalaram no território deixando as suas marcas. O ceviche é exemplo disso, nasce de uma reinterpretação peruana da comida japonesa

Para David Gaspar a permeabilidade que encontra na cozinha peruana autoriza que o Amaru possa sair dos próprios clássicos e aventurar-se em outras fusões. É tudo experimentado testado e verificado se funciona e se é aceite para depois passar para a carta. Isso permite-lhe que o Amaru, em vez de ter só um ceviche de peixe branco (lo Puro 14,5 euros) dentro do padrão clássico peruano, possa ainda oferecer um ceviche de salmão, (salmon tropical 15,5) contrastando a acidez da lima com o adocicado com o leite de coco e manga.

Há um ainda um ceviche de atum (Atum Nikkei 17 euros) feitos a partir de atum rabilho dos Açores, que é obviamente um regresso a origem japonesa. Todas as propostas são amplamente bem conseguidas, assim como umas surpreendentes espetadas de batata doce (Anticucho de Bravas 6,5 euros) com um molho picante servidas com limas que são bem o símbolo da criatividade e da fusão em que o Amaru está comprometido. Há vários pratos de carne envolvidos por sabores tropicais, como o (Lomo Soltado 17 euros) que lembra o pica pau realizado a partir de um suculento coração de alcatra. Já o (El Cochinito 8.5) tem por base um cachaco assado lentamente e servido num brioche com uma maionese peruana. Foi um dos primeiros pratos concebidos pelo Amaru na altura do Covid quando o serviço nas suas limitações estava concentrado ao balcão virado para rua. Era um prato rápido que servia de suplemento as bebidas que eram servidas, desde já o famoso Pisco Sour.

O crescimento do Amaru tem sido orgânico, adaptando-se às necessidades, com uma carta e um horário que tem crescido mantendo uma conexão forte entre o espírito do bar e do restaurante. O espírito é descontraído, sem impor fronteiras. Pode-se começar por O pisco sour (8€), um Mezcalita (13€) ou uma margarita (8€), ao que juntam dois pratos que servem de petisto, ou então, ao contrário, uma ida para jantar que depois se prolonga pela noite com algumas bebidas.

texto —————> FRANCISCO VAZ FERNANDES

PARQ HERE



LOTA DA ESQUINA

Loja da Esquina

Largo Mestre Henriques 58b Cascais

Ter. → Sex. das 00h00 → 23h30

Sáb. → Dom. das 12h30 → 23h30

Reservas: (+351) 214 841 315

reservas@lotadaesquina.com

Vitor Sobral chega a Cascais com a Lota da esquina, projeto que ganha nessa cidade marítima uma centralidade única dada a dimensão e valias propostas, assim como a sua própria localização dentro do tecido urbano. Ocupa o antigo edifício da Docapesca mesmo ao lado da Baía de Cascais que foi readaptado e nos seus 2000 m2 pode acolher dois restaurantes e dois bares. A começar acolhe com outras condições a sua antiga peixaria do bairro que ocupa parte do piso térreo. Tem uma carta de peixe e marisco, a que chama genericamente Água que acaba por ser a primeira imagem do novo espaço de Vitor Sobral.

Mas não nos ficamos por aqui porque a dimensão do espaço permite que o Chef Vitor Sobral entre em áreas onde não se tinha aventurado como a diversão noturna. Há um programa implícito que prometer entreter o mesmo cliente de manhã à noite. Há aqui uma ênfase no serviço de bar, um deles ocupa a zona central do primeiro andar e promete tornar-se o ponto final das noites quentes da Lota da Esquina. Todos que desejarem podem ali prolongar a sua noite numa pista animada ao som de um dj convidado. Ficamos ainda a espera da ceia na ponta do bolo, um terraço no topo do edifício com uma vista de sonho, que está para breve.

Mas comecemos pela alvorada. A hora matinal a Lota da esquina vai oferecer em breve uma esplanada virada para o largo Mestre Henriques 58b com uma carta própria pensada para pequenos snacks que podem proporcionar dejejum as primeiras horas da manhã, mesmo um almoço ligeiro ou um aperitivo, onde as ostras não vão faltar. Para refeições mais complexas, almoços e jantares, existem dois restaurantes, um com o tal menu água, já referido e outro com carta terra, ao serviço do restaurante fogo, com um espaço próprio, no primeiro andar onde se destacam algumas mesas com uma vista esplêndida para a baía de Cascais.

Como o Chef Vitor Sobral refere, procura-se no conjunto uma cozinha com base na tradição portuguesa onde o refinamento técnico oferecido potencia a frescura e qualidade do produto. Comida que proporciona ao final de contas o conforto que o cliente deseja. Na carta de água direcionada para peixes e mariscos, consta um tártaro de atum com manga, sementes de sésamo, manjerição e vinagrete de coco (18,5€), vieiras laminadas com amêndoa de sésamo, manjerição, sumo de limão cebolina e trufa (19,5€). O arroz de peixe (54,5€) da época e camarão para dois ou mesmo três é rei na casa e o Chef desafia se haverá algum melhor. A muqueca com o peixe do dia, (46,5€), também para partilhar é um exotismo bem experimentado que traz do Brasil onde o chef também tem um projeto implantado. Para quem preferir mariscos não esquecer o sapateira desfiada e os camarões tigres grelhados. É ainda possível escolher um peixe e ser servido como o cliente o desejar.

Já no restaurante fogo o destaque vai para os pratos de carne grelhada, nomeadamente aqueles com vitela barrosa. O Entrecôte (29,00€) e o lombo (32,00€). Os pratos clássicos com cabrito, borrego tudo com rótulo biológico são igualmente opções. Os croquetes de picanha com molho de mostarda (2 unidades 7,90€) já se tornaram obrigatórios e encontram-se pratos da Lisboa antiga com a língua de vaca laminada com tomate e cogumelos (13,50€) que quase desapareceu do panorama nacional. Destaque ainda para o cordeiro com arroz de forno, salada de legumes grelhados, limão e hortelã (30,50€)

No conjunto das várias cartas propostas destaca-se antes de tudo a vastíssima quantidade de propostas que a Lota da Esquina oferece, sendo quase impossível que não haja um prato certo para a hora certa ao gosto do cliente. São 400 lugares sentados que nos fazem imaginar a grande dimensão do serviço que está por detrás de todo o funcionamento que encontra paralelo à escala do edifício e do próprio Chef Vitor Sobral, com 36 anos de atividade, que faz dele um dos pilares da cozinha portuguesa.

texto —————> FRANCISCO VAZ FERNANDES

PARQ HERE



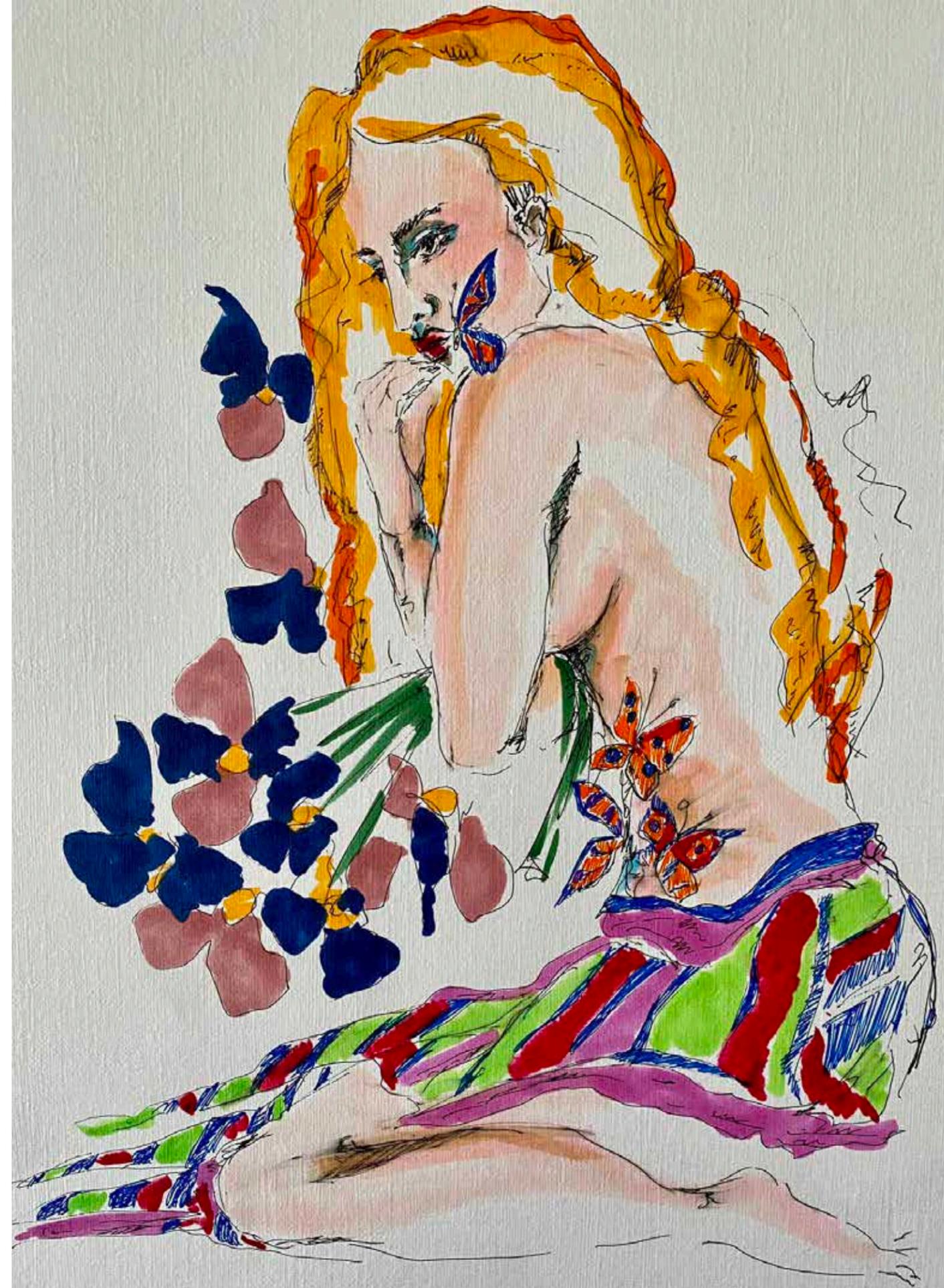
A PAIXÃO É COMO O HERPES

ilustração Manuel Branco

Não fiquem já tristes com o título porque pode nem ser mau de todo.

A paixão acontece aos melhores, é o que dizem, mas eu nunca acreditei muito nisso. Escrevi o livro "Perpetuniana" e aí, sim, deu-se a minha verdadeira primeira paixão. E, não, não é a escritora a exagerar sobre a sua linda obra. Leiam mais um pouco e entendam este ponto de vista: A "Perpetuniana" é um romance de mundo fantástico e, como tal, seja qual for o mundo, lá está a tal parte do romance. Cada escritor sente as coisas que escreve à sua maneira. E, no fim de ter escrito o livro, percebi que tinha vivido a paixão dos personagens como se fosse eles. Chorei, ri, sofri e fui feliz por eles. E dei-me conta de uma coisa. Nunca tinha sentido nada assim antes de ter escrito o livro. Mas se fui capaz de sentir tudo aquilo para os personagens, descobri que na vida real eu também estava apta para me apaixonar. É este tópico muito importante que também contribuiu para a minha decisão de avançar para o divórcio. Bom, isto está cada vez melhor, pensam vocês. E pensam bem. Nunca me tinha apaixonado como tinha escrito, nunca tinha sentido aquelas borboletas que por sinal até dizem que não fazem assim muito bem. Nunca tinha ido ao mar e perdido o pé. Até podia ir ao mar, mas levava umas valentes braçadeiras, uma boa boia, a prancha do INEM e afins. Porque eu nadava, mas sempre em segurança. Até que a certo ponto da minha vida lá pensei que "Bom, cada um é como cada qual e pelos vistos eu prefiro assim. Não fui talhada para estas coisas da paixão." Vieram namoros, depois o namoro sério, o casamento, o divórcio e eu nada. Ao nível da paixão estava bem apenas a escrever livros.

E um dia conheço uma pessoa, e tudo muda. E eu, meus senhores e minhas senhoras, rendi-me? Claro que não. Que eu sou pistoleira certificada internacionalmente. Eu não morro, eu mato. Eu não isto e eu não aquilo. Mas dá choques eléctricos quando a pessoa aparece. Parece herpes, que a pessoa diz para si mesma: "Não quero saber, isto já passou" e depois volta a aparecer! A paixão parece aquele herpes que aparece ao canto da boca na véspera de um baptizado de família ou algo semelhante. E depois é sempre tudo envolto em questões, perguntas, dúvidas e não seis que parecem um berbequim que nos perfura a alma em trinta e dois segundos. E o comentário idiota que fazemos: "Espero que não se tenha notado". O quê? Que as pessoas estão caídas mas tendem a resistir. Conseguimos recapitular os episódios ocorridos na nossa cabeça como se fosse a telenovela das oito e dar opiniões sobre como deveríamos ter agido. Mas é que se perde a racionalidade. Algo que sempre foi tão prezado, útil uma vida inteira para quem nunca foi ao mar sem as braçadeiras. Lembro-me de ter falado a uma amiga sobre este meio sentimento e olhou para a minha cara e disse-me: "Estás lixada!" E eu, cheia de convicção, respondi-lhe: "Uma ou duas semanas e isto passa-me!" E acreditei piamente nisso, não fossem já ter passados algumas valentes semanas e a tendência foi para... piorar, ou melhorar, depende do ponto de vista! Basicamente, a paixão quando nos apanha é como o herpes. Como é que eu sei disto? Herpes, por acaso, nunca apanhei, já o resto... e como é que aconteceu? Não sei explicar, nem como, nem porquê. Mas é mais ou menos como as pessoas que têm herpes, também nunca sabem muito bem nem onde nem quando nem como. Sejam felizes!





PARQ

follow us

www.facebook.com/parqmag

www.parqmag.com
www.instagram.com/parqmag/